



Sob a Autoridade Espiritual de Kyabje Kalu Rinpotche

Tara

O Divino Feminino

Bokar Rinpotche



Centro Budista Tibetano **Kagyü Pende Gyamtso** - DF 425 - Condomínio Jardim América - Lotes F1/F3
Sobradinho II - DF - Cep: 73.092-904 - Fone: (61) 3485.0697 - Email: sanghakpg@kalu.org.br
Site : www.kalu.org.br



Sob a Autoridade Espiritual de Kyabje Kalu Rinpotche

Tara

O Divino Feminino

Bokar Rinpotche

***Tara**, a Liberadora, é a divindade feminina do budismo por excelência. É a personificação da Prajnaparamita (o Conhecimento Trancendente) e mãe atenta protegendo seus devotos. Ela é o objeto de devoção profunda entre os tibetanos, tanto os povos nômades como os eruditos que vivem nos monastérios. Bokar Rinpotche nos apresenta aqui os diversos aspectos da divindade, nos oferece testemunhos contemporâneos sobre sua atividade benevolente, explica a origem de seu Tantra e analisa a louvação que é dedicada à Divindade.*

A tradução desse texto em língua portuguesa é provisória
Deve ser usada somente para estudos pessoais
Não devem ser publicados / Não devem ser difundidos
KPG, 28/05/2014

TARA

O DIVINO FEMININO

*"Natureza imanente do samsara e do nirvana,
a clara luz.*

*O santo Lama mostra o modo de ser,
a clara luz.*

*Que os afortunados que praticam
o mahamudra - clara luz
tornem-se Budas no coração do Despertar
a clara luz."*

Bokar Rinpotche

Para Juanita Hall

Que o reflexo do seu coração bondoso brilhe e beneficie todos os seres.

TARA
O DIVINO FEMININO

Boqar Rinpoche

Tradução para o Inglês
Christiane Buchet

Tradução para língua portuguesa:
Comitê de Tradução do Kagyu Pende Gyamtso - Brasília

Tara o Divino Feminino

Publicado por:

Editora ClearPoint

PO Box 170658

São Francisco, CA 94117

O texto original deste livro foi publicado em francês com o título "*Tara Le Divin Au Feminin*"

Direitos Autorais reservados para todos os países: Associação Claire Lumière

5 Avenue Camille Pelletan

13760 Saint-Cannat, França

Copyright © 1999 Edição em Inglês Editora ClearPoint

Impressa nos Estados Unidos da América

Livro impresso em papel sem ácido

Segunda Impressão 2001

Número do Cartão no Catálogo da Livraria do Congresso:

ISBN: 1-930164-00-9

Conteúdo

INTRODUÇÃO	ERROR! BOOKMARK NOT DEFINED.
Uma Forma Diferente de Pensar	11
Bokar Rinpoche e Tara.....	11
Gênese deste Livro	12
1 — TARA A DIVINA	13
O Jogo do Último e o Relativo	13
Os Meios e a Realidade	14
Em Direção ao Corpo de Fruição.....	14
O Divino Vindo do Humano	16
Tara Absoluta	17
Da Mulher à Divindade.....	18
Tara Ajuda Contra o Medo	19
Os Oito Grandes Medos.....	21
Tara e a Dor de Dente.....	22
O Sucesso Judicial de Tara	22
Tara Reúne uma Família	24
Tara Protege a Caravana.....	25
A Neve de Tara	26
O Sahib com o Corpo de Arco-íris	27
Representações Maravilhosas	28
Vários Aspectos de Tara	29
Tara Branca	30
Tara branca encomenda estátuas.....	30
O Simbolismo de Tara.....	31

2 - O TANTRA DE TARA.....	33
O que é um Tantra?	33
Linguagem Secreta dos Tantras.	34
Origem do Tantra de Tara.....	36
A Revelação do tantra por Buda Shakyamuni	36
Tantras entre os seres humanos.....	37
Linhagem Hayapala	38
Atisha e Tara	38
3 – A INVOCAÇÃO DE TARA.....	43
A Função dos Rituais	43
O Ritual de Tara.....	44
A Prática Exterior	45
A Prática Interior	47
A Prática Secreta	48
A Prece Simples	49
Iniciações	52
A Iniciação de Tara	52
4 – A LOUVAÇÃO.....	55
Notas Sobre a Tradução da Louvação	55
Origem da Louvação	60
Como Recitar a Louvação	60
Explicação da Louvação	61
5 – BUDISMO E AS MULHERES.....	79
Homens e Mulheres: Um Único Potencial	79
Mulheres Notáveis no Budismo Indiano	81
Mulheres Notáveis no Budismo Tibetano.....	84

Encontros Pessoais	87
6 - ICONOGRAFIA	91
As Vinte e Uma Taras	91
Taras que Protegem dos Oito Medos.....	99
NOTAS DE FIM	101
GLOSSÁRIO	103
BIBLIOGRAFIA	109
ÍNDICE.....	111

UMA FORMA DIFERENTE DE PENSAR

Este trabalho não é um estudo sobre Tara e o contexto dessa deidade tal como seria concebido por um estudioso ocidental, mas sim uma apresentação de como um tibetano entende as coisas. Para compreender o texto, é necessário algum esforço por parte do leitor.

Nossa visão da História e do que a Ciência nos diz sobre a realidade do mundo oferece apenas formas habituais de pensar, que não ousam ir além do que os sentidos e a razão nos permitem perceber. A mente tradicional tibetana movimenta-se num mundo muito mais amplo. De acordo com essa visão, a percepção propiciada pelos sentidos e a inteligência têm algum valor, mas são muito limitadas para que se possa descrever suficientemente a realidade. Milhares de anos de História formam apenas uma fração de segundo em relação ao tempo infinito. A Terra é apenas um grão de areia em meio à imensidão dos mundos; e os seres que vemos – humanos e animais – são somente uma pequena parte no contexto das possibilidades de existências. Facilmente o tibetano vê como real aquilo que nós consideramos, sem hesitação, como pertencente ao domínio do mito e do lendário. Para a mente tradicional tibetana, as verdades históricas e míticas, embora aparentemente contraditórias, acabam interagindo e se completando graciosamente.

O que é certo? Os ocidentais e sua crença no que pode ser visto, ou os tibetanos, que creem no que não pode ser visto? Talvez isso seja um debate do qual não queremos participar aqui. O certo é que leitores não acostumados com a forma de pensar dos tibetanos ficarão surpresos e possivelmente estupefatos com a maneira pela qual as coisas serão apresentadas neste livro. Sem dúvida, eles terão a sensação de estar navegando na mitologia ou em contos de fada, num universo ao qual não estão diretamente vinculados. Todavia, se os leitores fizerem esforço para alargar sua visão do mundo, não será em vão; não apenas poderão compreender como o pensamento pode ter outras funções, mas irão penetrar em mundos misteriosos, diversos e mais amplos. Onde está a realidade? Quem sabe?

BOKAR RINPOCHE E TARA

Bokar Rinpoche tem a mais profunda devoção a Tara. Já em seu monastério no Tibete, em uma prévia encarnação, ele consagrou um altar a Tara. Em Mirik, na Índia, onde Bokar Rinpoche fundou um novo monastério, ele reservou uma sala a Tara, o Drolkhang – altar devotado a Tara.

É nesse Drolkhang que Bokar Rinpoche passa a maior parte do tempo. Atrás dele, há uma tanka de Tara Branca pintada a ouro pendurada na parede. Em cada lado desta tanka, há outras sobre a vida de divindades como Amitayus (Tsepame) e Ushnishavavijaya (Namgyalma). Na parede à frente de Bokar Rinpoche, há uma representação de Tara Verde em apliques de seda originária do Tibete. Mas acima de tudo, à esquerda de Bokar Rinpoche (à direita do visitante), há um vasto e magnífico santuário contendo muitas estátuas de Tara, colocadas em prateleiras. A estátua central é do tamanho de um ser humano, adornada com ornamentos preciosos e refinados. No coração dela, Bokar Rinpoche colocou uma pequena estatueta de Tara que herdou de sua encarnação anterior. Ela foi esculpida num meteorito, famosa por ter sido feita por mãos humanas, mas que caiu do céu. Supostamente, remonta à antiga Universidade de Nalanda, que abrigou milhares de monges quando o budismo florescia na Índia, há mais de 1500 anos atrás. Quando Bokar Rinpoche visitou os museus de Nalanda e Sarnath, ele viu estátuas que eram da mesma época, muito similares à sua.

Bokar Rinpoche carrega um relicário, assim como a maioria dos lamas tibetanos faz, que contém outra estatueta de Tara do século XVIII, considerada muito preciosa. Foi dada a ele em sua prévia encarnação pelo 11º Situ Rinpoche, um grande lama que tinha seu monastério em Kham. Quando Bokar Rinpoche viaja, sempre leva consigo esse relicário, e não é incomum que ele o utilize para dar bênçãos enquanto recita a louvação a Tara.

Finalmente, ele recentemente construiu um centro de retiro em seu monastério, reservando um altar especial para Tara, que contém belas estátuas.

Quando Bokar Rinpoche fala de Tara, ele não transmite simplesmente conhecimento intelectual. Embora guardando no mais fundo de seu coração seu relacionamento secreto com a divindade, ele não pode esconder a beleza do puro amor que o une a ela.

GÊNESE DESTE LIVRO

Em 1990, Bokar Rinpoche produziu um livro sobre Avalokita (Tchenrezig) para atender a uma demanda de seus discípulos. Esse livro tornou-se não apenas valioso para a compreensão dessa deidade, como também para os fundamentos do Vajrayana. Percebendo quão benéfico foi esse livro, Bokar Rinpoche resolveu consagrar um segundo livro a Tara. Ele foi escrito durante uma temporada em Mirik, durante o outono de 1996. Ele deu ensinamentos orais em língua tibetana em vários encontros. Isso explica porque várias partes deste texto aparecem como diálogos cujo estilo nós preferimos preservar.

Possa este trabalho, a despeito de sua transposição do verbal para o escrito e dos defeitos e imperfeições do tradutor, refletir alguma radiância de Tara, a divina! François Jacquemart (Chöky Senge)

Nota

As divindades são citadas em seus nomes em Sânscrito, seguidas das denominações em tibetano, entre parênteses.

Alguns termos gerais do Dharma no texto são apresentados em Sânscrito, entre parênteses. Quando uma palavra é em tibetano, é precedida por: "Tibetano".

1 — Tara a Divina

No Budismo, tal como foi introduzido no Tibete, há várias divindades – Tara é uma delas – ligada à tradição tântrica. Tibetanos que, desde sua infância, se desenvolveram dentro deste mundo divino, raramente questionam a sua natureza. Eles sentem uma devoção natural por tais rostos que lhes são familiares e realizam rituais e práticas meditativas associadas a eles.

Os ocidentais, no entanto, encontram-se diante de um novo universo que aparentemente não tem equivalente em sua cultura. Isso os leva a fazer muitas perguntas. Antes de tentar definir quem é Tara, pode ser útil primeiro entender o que são essas divindades – tanto no nível último de suas essências quanto no nível relativo de suas manifestações.

O JOGO DO ÚLTIMO E O RELATIVO

Divindades, como as vemos, não são necessariamente indivíduos superiores que vivem em mundos distantes e que às vezes vêm ao resgate de seres humanos, mesmo que suas manifestações possam dar tal impressão.

Na verdade, se realizamos a verdadeira natureza de nossas mentes,¹ as divindades se revelam como não sendo diferentes de nossas próprias mentes. Enquanto não percebemos isso e vivemos na dualidade eu/outro, as divindades entram no jogo da dualidade e se estabelece um relacionamento entre esses dois polos de manifestação, eu e a divindade.

Vamos supor que em sonho encontramos uma divindade. Estaríamos certos da existência particular daquela divindade. Além disso, estaríamos tão certos da realidade do “eu” que, ao ver a divindade, sentiríamos alegria e devoção. No entanto, na verdade, a divindade e a pessoa que a percebe seriam ambas manifestações de uma mesma essência inexprimível, a mente em si. Do mesmo modo, para aqueles que vivem no nível relativo, as divindades aparecem em um nível relativo sem estarem separadas de sua essência, que nada mais é do que a essência da mente.

Para entender a verdadeira natureza das divindades, precisamos sempre nos lembrar dos dois níveis de realidade:

-*A Verdade Última*, além de noções de sujeito e objeto, eu e outro, além de conceitos e palavras, a verdade está sempre presente e sempre é “verdadeira”, mas não é vivenciada por seres comuns.

-*A Verdade Relativa*, “falsa” em essência, mas “verdadeira” para as pessoas que a experimentam, a verdade fundada em uma percepção errônea de sujeito e objeto, de um “eu” e outro.

Se, do nosso ponto de vista, há um “eu” e a “divindade”, do ponto de vista da divindade, não há nem eu nem outro, nem sujeito nem objeto. Isso não implica a ausência de manifestação, mas que esta manifestação é sem dualidade. Isenta de “centro e periferia”.

Assim, a verdadeira divindade é a natureza da mente como ela é, livre de qualquer elaboração psicológica e livre de todos os erros e ilusões, sujeito e objeto.

Porque a natureza da mente é chamada de "divina"? Porque ela é sem sofrimento, pura de quaisquer perturbações, e porque é bem-aventuranças superior. Esta felicidade é diferente da felicidade relativa que experimentamos no mundo comum. Não é uma felicidade transitória que depende de objetos ou depende de relacionamentos de um "eu" e um "outro", mas uma felicidade inerente à própria mente, além de toda dualidade. Esta felicidade não pode ser alterada por nenhum medo ou sofrimento. Esta genuína e imutável felicidade é a própria divindade.

OS MEIOSEA REALIDADE

Deidades sem um sentido relativo, como já esboçado acima, são as divindades como elas aparecem agora para nós em diversas formas e cores, adornadas com diversos atributos e ornamentos.

Embora estas divindades não estejam localizadas em um nível absoluto, do ponto de vista do nosso modo de percepção, elas não são separadas do absoluto.

De fato, sua natureza é tal que práticas com divindades conduzem à realização da divindade última, isto é, o modo de ser da mente. Nesse sentido, elas constituem um meio. No entanto, isso não significa que as divindades sejam simplesmente um artifício.

Na realidade, elas são o que chamamos de "Corpo da Fruição do Despertar" (*Sambhogakaya*²); em outras palavras, um nível extremamente sutil de manifestação. Este Corpo de Fruição não é separado do Corpo Absoluto (*Darmakaya*), a mente desperta, além da manifestação, que não difere da divindade última. O Corpo de Fruição é uma expressão da dinâmica do Corpo Absoluto, uma expressão que nunca está separada de sua origem. Divindades estão ligadas à essência última da mente, não só como um meio de acessá-la, mas por sua própria natureza.

Do ponto de vista do caminho que conduz ao Despertar, devido ao nosso modo de pensar dualista, essas divindades aparecem como externas à nossa mente, como uma expressão dos Budas para nos ajudar em nosso progresso.

Do ponto de vista da fruição – isto é, uma vez que tenhamos realizado completamente a natureza da mente – as divindades já não são mais vistas como externas, mas como manifestações do Corpo Absoluto, além de dualidade, além de qualquer noção de "Eu" e "outro", o Corpo Absoluto com o qual a nossa mente se fundiu.

EM DIREÇÃO AO CORPO DE FRUIÇÃO

Vamos tomar Tara como exemplo. Agora, quando praticamos a meditação de Tara, precisamos fazer um esforço mental para imaginá-la como ela é, da cor verde, com as mãos fazendo certos mudras, pernas em uma posição definida, adornada com vários atributos, e assim por diante. De certa forma, Tara é então a criação de nossa psique, e permanecemos, pelo menos parcialmente, prisioneiros da ideia de que existe um "eu" de um lado e Tara de outro. Essa criação mental não é inútil. Como um reflexo do Corpo de Fruição, essa criação mental está ligada a ele e nos permite acessá-lo.

Uma vez obtida a realização última, essa mesma Tara já não é mais fruto de qualquer esforço mental. Sem que sua forma desapareça, ela se revela como uma expressão espontânea do Corpo Absoluto, uma claridade da mente na qual não há sujeito nem objeto.

Há também uma diferença entre a divindade como a imaginamos, e como ela existe na realidade da Mente Desperta.

Também é dito que o Corpo de Fruição não traz benefício a um Buda, mas beneficia aos outros. Do nosso ponto de vista, isso é verdade. No entanto, do ponto de vista de um Buda, não há um eunem outro. Isto significa que um Buda não pensa que ele ou ela deve produzir Corpos de Fruição ou deve ajudar os outros. Como já vimos, o Corpo de Fruição é uma expressão espontânea do Corpo Absoluto. A atividade que é exercida é espontânea, sem vontade e esforço, sem também a noção de uma realidade inerente à manifestação, ea ideia de um "eu" que ajuda e "outro" que é ajudado.

Que a divindade pode primeiro aparecer como externa, em seguida revelar-se como inerente à natureza da mente sem ideia de externa ou interna, pode parecer difícil de entender. A dificuldade vem de uma abordagem conceitual dualista. Para nós, há um "eu" ou um "outro", externo ou interno, e senão conseguimos imaginar que possa ser de outra forma, nós não conseguiremos realmente compreender o que importa. Somente a realização da natureza da mente nos dará a experiência direta dessa realidade.

Pergunta: O Corpo Absoluto de um Buda é vazio em essência e não está sujeito à interrupção. O Corpo de Fruição, ou seja, a expressão da claridade da mente pura, manifesta de forma permanente ou intermitente?

Resposta: Vazio e claridade não podem ser concebidos como duas coisas separadas. Eles são indiferenciados. Não existiu um momento em que o vazio estaria associado à claridade e outro no qual não estaria. Vazio e claridade são apenas uma maneira de descrever uma única realidade. Portanto, não é possível afirmar que a manifestação do Corpo de Fruição é intermitente. É por isso que o Corpo de Fruição é qualificado como "permanente".

Pergunta: O Corpo de Fruição se manifesta em aspectos extremamente variados que nós vemos na forma de várias divindades. Essa diversidade é necessária?

Resposta: Por um lado, essa diversidade deriva da própria natureza das coisas. As possibilidades de expressão de um Buda ou da claridade da natureza da mente são infinitas. É por isso que as formas do Corpo de Fruição são infinitas. Nada pode limitá-las. Por esta razão, também é chamada de "Corpo de Todas as Formas". Todas as formas são possíveis. Todas as cores, todos os ornamentos, e todos os atributos são possíveis. Também é dito que as limitações de um corpo comum não se aplicam ao Corpo de Fruição. A mão de um Corpo de Fruição pode não somente tocar objetos, mas pode também ver, ouvir, sentir o gosto, pensar, e assim por diante. Isso se aplica a qualquer parte do corpo.

Do ponto de vista da prática, por outro lado, a diversidade que é proposta para nós é um meio de combater nossa forte tendência de acreditar na realidade dos fenômenos da forma como somos capazes de percebê-lo. A multiplicidade das formas tende a nos mostrar que o que elas realmente são é maior que nossa compreensão. Se existisse somente uma divindade, somente uma forma de Corpo de Fruição, isso nos levaria, sem dúvida alguma, a implicitamente atribuir à divindade um nível de realidade semelhante à nossa. Nós nos concebemos como entidades limitadas a um corpo e possivelmente conceberíamos a divindade como uma entidade limitada a um corpo. A diversidade de formas e a

compreensão de que todas elas são as várias expressões da natureza única da mente, o Corpo Absoluto, nos ajuda a não cair nesse erro de entendimento.

O DIVINO VINDO DO HUMANO

Nós já explicamos que, para beneficiar os seres, aqueles completamente despertos, como os Budas, assumem espontaneamente, sem intencionalidade, várias formas no nível da pura manifestação normalmente inacessíveis aos seres humanos comuns. Eles são chamados de Corpo de Fruição. Essas formas podem ser diversificadas: masculina, feminina, pacífica, irada, e de vários aspectos. Essas divindades vêm diretamente da atividade compassiva dos budas. Se elas tiverem uma aparência feminina, são chamadas de deusas.

De um ponto de vista relativo, entretanto, algumas divindades são consideradas o resultado de uma ascensão de um humano ao divino. Existem homens ou mulheres que embarcaram no caminho do darma, se livraram de todas as imperfeições do estado normal, e tem visto as qualidades do estado desperto florescem em si. Eles alcançaram o estado divino e se tornaram “deuses” ou “deusas”.

Tara pode ser vista como pertencendo – pelo menos do ponto de vista da verdade pedagógica – a essa última categoria. Como iremos ver, ela foi primeiro um ser ordinário, passou por todos os níveis do caminho, e finalmente alcançou o resultado e se tornou uma deusa.

Pergunta: As divindades masculinas representam mais os meios hábeis, isso é, a atividade compassiva, o polo dinâmico do despertar, e as divindades femininas o “conhecimento”, o polo estático?

Resposta: Em termos de representação, de certa forma, sim. Essas representações se adequam, na verdade, aos nossos hábitos de percepção. Assim como percebemos o gênero humano dividido em homens e mulheres, divindades também são apresentadas em formas masculinas ou femininas as quais atribuímos certas características. Entretanto, do ponto de vista da realidade do Corpo de Fruição, meios e conhecimento são sempre indiscriminadamente unidos à essência da divindade.

Pergunta: Divindades são frequentemente chamadas de “yidams” em Tibetano. O que isso significa?

Resposta: Yidam é um termo que se refere à prática feita com uma divindade. Designa a divindade correspondente ao nosso desejo, à nossa aspiração, aquela com quem temos conexão.

Pergunta: Isso significa que todos devem escolher seu yidam ou que o lama deve dar um yidam específico para cada indivíduo?

Resposta: Na maioria dos casos, não. Na realidade, todos yidams têm a mesma função, e não é certo que nós tenhamos uma forte conexão com algum em particular. Entretanto, podemos dizer que nossas predisposições escármicas nos fizeram encontrar uma das grandes linhagens do budismo tibetano em particular. As mesmas predisposições fazem com que nos enquadremos onde seremos conduzidos à prática de um yidam mais do que de outro. Os Kagyupas praticam três grandes yidams, Vajravahari (Dorje Pamo), Chakrasamvara (Korlo

Demchok) e Jinasagara (Gyalwa Gyamtso). Os Gelukpas praticam Guhyasamaja (Sangwa Dupa) e Yamantaka, os Sakyapas, praticam Hevajra (Kyepa Dorje), e assim por diante.

Entretanto, pode acontecer de um indivíduo sentir uma aspiração particular de praticar um determinado yidam. Nesse caso, essa pessoa irá praticar tal yidam independente da escola à qual esteja associado. Também pode acontecer, embora não seja frequente, que um lama, tendo distinguido uma conexão especial, dê um yidam específico para um discípulo praticar.

Esse foi o caso de Birupa que primeiramente começou praticando Chakrasamvara. Depois de algum tempo, ele teve sonhos tão ruins que preferiu abandonar toda prática. Ele foi então orientado a praticar Hevajra, por meio da qual ele rapidamente alcançou a realização. Isso não significa que Chakrasamvara seja um yidam ruim, mas que Birupa teve uma fraca conexão com esse yidam em suas vidas passadas, ao passo que já tinha adquirido grande prática de Hevajra. Geralmente, conexões não são tão óbvias.

Pergunta: Entre os yidams mencionados, nós não encontramos Tara. Qual é o lugar dela?

Resposta: Tara (Drolma), como Majushri (Jampalyang) e Avalokiteshvara (Tchenrezig) são yidams habituais a todas as linhagens e a todos os budistas tibetanos.

Pergunta: Yidams masculinos são mais apropriados para homens e yidams femininos para mulheres?

Resposta: Não particularmente. Um homem pode muito bem praticar um yidam feminino, e uma mulher um yidam masculino, e vice versa.

TARA ABSOLUTA

O que temos dito sobre divindades em geral também se aplica a Tara. A identidade de Tara, assim como de outras divindades, pode ser vislumbrada de dois diferentes pontos de vista, da “verdade pedagógica” e da “verdade autêntica”. A verdade pedagógica atende ao nosso modo de pensar normal e a verdade autêntica vai além disso. Esta dupla identidade de Tara não é uma contradição: uma não nega a outra.

De um ponto de vista absoluto, por causa de sua própria natureza de uma divindade desperta, Tara não poderia ser outra senão a natureza da nossa própria mente.

Vamos clarificar o que é essa natureza da mente. Ela está além de qualquer conceito, além de qualquer elaboração mental, e além de noções tais como:

- existência e inexistência
- nada e algo
- material e imaterial, e assim por diante.

Além de conceitos não quer dizer que seja *nada*. A natureza da mente é o domínio da consciência em si, da própria experiência de consciência pura. Nenhum intelecto, nenhum raciocínio, nenhuma palavra pode alcançá-la ou expressá-la. No entanto, ela está presente e não pode ser negada.

Essa consciência, inerente a todos, além de quaisquer elaborações mentais, também é Tara no domínio último.

Outros nomes são usados para designar a Tara última. Ela é notavelmente chamada de “perfeição do conhecimento” (prajnaparamita).

A perfeição do conhecimento não tem forma, é o vazio do Corpo Absoluto (Darmakaya). Esse vazio, no entanto, como nós explicamos anteriormente, tem a capacidade de se manifestar em estado puro como o Corpo de Fruição (Sambhogakaya). É no nível do Corpo da Fruição que divindades femininas como Tara, Vajravarahi (Dorje Pamo), e muitas outras aparecem. Todas elas são em essência a perfeição do conhecimento ou a própria natureza de nossa mente.

Também é dito que Tara é a “Mãe de todos os Budas”, o que se refere também à sua essência. A natureza da mente, perfeição do conhecimento, e vazio são, na verdade, termos equivalentes. Todos os Budas do passado alcançaram a budeidade realizando a vacuidade (ou realizando a natureza da mente). Assim é para os Budas da época presente e assim será para os Budas futuros. Logo, Tara – a Tara além do tempo, espaço, e de todos os conceitos – é a mãe de todos os Budas.

DA MULHER À DIVINDADE

Mesmo que pareça estranho, a existência de Tara no nível último como a descrevemos, não impede nem contradiz a sua existência no nível relativo, também chamado de nível da “verdade pedagógica”.

De acordo com estórias dessa verdade pedagógica, conhecidas através do trabalho do Tananatha³, um lama do século 16 de grande realização e conhecimento, Tara foi uma mulher antes de se tornar uma divindade.

Sua estória começou a incontáveis atrás, em um mundo chamado “Luz Multicolorida”, onde habitava o Buda Som do Tambor. Uma das filhas do rei daquele tempo, chamada Lua de Sabedoria, possuía grande fé e devoção a esse Buda. Por muitos anos, ela fez imensas oferendas para esse Buda e sua comitiva de monges.

Um dia, ela decidiu tomar o voto de bodisatvana presença do Buda Som do Tambor, ou seja, prometeu alcançar o despertar para beneficiar os seres de infinitas maneiras. Os monges se regozijaram bastante com a decisão dela, e considerando que ela acumularia grande mérito por esse ato, aconselharam-na a rezar para obter o corpo de um homem em uma vida futura. Isso permitiria a ela beneficiar os seres e o darma melhor do que em uma existência feminina.

Lua de Sabedoria, desolada pela limitação da mente deles, respondeu a eles do ponto de vista da natureza última de todas as coisas:

*Aqui, nem homem, nem mulher,
nem eu, nem indivíduo, nem categorias
“Homem” ou “mulher” são apenas denominações
criadas pela confusão de mentes equivocadas neste mundo.*

Ela acrescentou que havia muitos que seguiam o caminho no corpo de um homem, poucos no corpo de uma mulher. “No meu caso”, ela disse, “enquanto o samsara não estiver vazio, irei beneficiar os seres com uma aparência feminina”. Essa foi a promessa dela.

Sua prática então a permitiu realizar a verdade última. Tendo se tornado uma deusa, ela colocava milhões de seres no caminho do despertar a cada dia.

Permanecendo por algum tempo em um estado particular de concentração chamado “concentração que libera os seres do samsara”, ela ficou conhecida como a “Liberadora”, ou “Tara” em sânscrito. É dito que ela liberou um número infinito de seres pela manhã e um número infinito à tarde.

Em outra época cósmica, o kalpa da Vitória Perfeita, quando Buda Amoghasiddhi viveu, Tara entrou em outro estado de concentração para proteger os seres do perigo, medos e demônios. Este estado é chamado de “concentração que vence completamente os demônios.” Novamente, ela beneficiou muitos seres, oferecendo ajuda logo que chamada. Por causa da rapidez de sua atividade, ela era conhecida como “Rápida e Corajosa”.

Mais tarde, durante o kalpa Sem Começo, vivia um monge chamado Imaculado que recebeu a iniciação da compaixão da mente de todos os Budas. Ele se tornou a divindade Avalokiteshvara (Tchenrezig). Os cinco Vitoriosos, os Budas que reinam sobre as cinco famílias do Despertar, deram a ele uma iniciação especial, que fez Tara surgir de seu coração, que assim se manifestou para realizar os desejos dos Budas e trabalhar em benefício dos seres durante aquele kalpa. (Em algumas versões, Tara aparece da lágrima de Avalokiteshvara ou de Amithaba). Por essa razão, Tara também tem o nome de “Filha do Soberano dos Mundos”, isto é, filha de Avalokiteshvara.

Tara, a Rápida e Corajosa Filha do Soberano dos Mundos, tem beneficiado os seres durante várias kalpas manifestando-se de várias maneiras e realizando várias atividades por meio de estados de concentração particulares.

Essa é a história de Tara no domínio da manifestação.

Pergunta: Geralmente, uma “terra pura”, um paraíso, é atribuída às divindades, e onde residem. Qual é a terra pura de Tara?

Resposta: Tal como Avalokiteshvara, Tara reside na terra pura de Potala, manifestada na Terra por uma montanha no Sul da Índia. Todavia, uma terra pura é atribuída à Tara. É um domínio particular, chamado “Harmonia das Folhas de Turquesa”⁴.

TARA AJUDA CONTRA O MEDO

Tendo uma infinita compaixão pelos seres que sofrem, os bodisatvas fazem votos que os levam a agir de uma forma, ao invés de outra, para que estes votos sejam realizados. Da mesma forma, a principal atividade de Tara é a de afastar o medo e o perigo.

O que é o medo? Como Tara nos ajuda a lidar com ele? É o que tentaremos entender agora.

Durante nossas existências, enfrentamos dois tipos de medo.

- O primeiro medo é de não conseguirmos o que desejamos.
- O segundo medo é de não sermos capazes de eliminar o perigo, a ameaça ou circunstâncias dolorosas para nós.

Por causa de uma ou outra dessas razões, nós frequentemente nos encontramos com medo em vários níveis, da preocupação ao pavor.

Se olharmos de perto, vemos que a verdadeira causa do medo não é outra senão o próprio ego, ou, mais precisamente, o apego ao ego, o “eu”. Quanto maior for este apego, mais numerosos são os estados de medo. Tudo o que “me” ameaça de um modo ou de outro provoca medo. Tudo que “eu” arrisco perder provoca medo. O medo e a crença na realidade do “eu”, o medo e o apego a si mesmo estão intimamente relacionados.

A esta causa profunda, vários fatores são enxertados, tais como circunstâncias da vida, e também algumas predisposições cármicas. As predisposições cármicas às vezes provocam medo aparentemente sem motivo, ou um estado de preocupação quase permanente que não se justifica por nenhum evento externo.

Todo sentimento de medo está associado ao desejo de encontrar ajuda e proteção. No entanto, o mundo exterior geralmente é impotente para nos prover a ajuda que queremos, com tal dimensão que o medo leva ao desespero.

O que o mundo não pode nos dar, a realidade que transcende este mundo encarnado pelos Budas e Bodisatvas pode nos dar. Particularmente, a atividade de todos os budas direcionada à eliminação do medo e perigo se encontra personificada na divina Tara.



Nesta representação popular, vê-se Tara concedendo sua proteção ao navegador.

Tara tem o poder de nos ajudar. No entanto, esse poder só tem efeito se confiarmos. Para Tara nos ajudar, precisamos rezar para ela e invocá-la do fundo de nossos corações sem reservas ou dúvidas de sua intervenção. A resposta da divindade depende da força de nossa confiança. Se a dúvida reside em nossa mente, é pouco provável que a bênção e a proteção de Tara venham até nós, enquanto que uma confiança sem reservas e uma convicção plena garantirão que elas certamente virão.

Na realidade, todas as aparências do mundo são manifestações de nossa mente. Medo, apreensão, e perigo também são manifestações de nossa mente, assim como em um sonho ruim a mente cria tanto a ameaça como aquele que a sente.



Tara protege o peregrino: nem o touro, nem o escorpião, nem os outros perigos da estrada o inquietarão.

A capacidade criativa da nossa mente é muito forte. É essa força que é exercida na fervorosa prece dirigida à Tara. Junto com a imensa vontade de Tara de ajudar os seres, essa força possibilita a proteção. A ajuda que recebemos é o fruto do encontro desses dois fatores, a força de nossa devoção e a compaixão de Tara.

Devemos entender que se os fenômenos tivessem uma realidade própria, nenhuma mudança seria possível. Pelo fato de que são vazios por natureza, eles são apenas expressões de um profundo condicionamento de nossa mente que pode ser mudado. Isso explica a eficiência de nossa oração e a resposta de Tara.

E também é por isso que, quando a natureza da mente é realizada, todo o medo desaparece.

OS OITO GRANDES MEDOS

Tradicionalmente, é dito que Tara protege contra os oito grandes medos ou oito grandes perigos, tais como elefantes, leões, cobras, fogo, água, ladrões, grilhões (aprisionamentos), e demônios. Esses oito perigos eram certamente os maiores desafios que alguém encontraria na Índia antiga. Todavia, a lista não é exaustiva. Tara protege contra todos os perigos, sejam eles quais forem, quando a chamamos para nos ajudar e rezamos para ela com confiança.

Há outra interpretação dos oito grandes medos. Em primeiro lugar, eles podem se referir a perigos físicos em nossa vida. Em segundo lugar, eles designam as emoções que afligem a nossa mente, que são perigos maiores porque podem nos levar a realizar atos negativos. Elas são as causas, devido às consequências cármicas desses atos, de todo nosso sofrimento futuro.

As seguintes equivalências foram estabelecidas:

- elefantes = cegueira
- leões = orgulho
- fogo = raiva
- cobras venenosas = ciúme
- ladrões = filosofias errôneas
- aprisionamento = avareza
- água = desejo e apego
- demônios = dúvidas

Para nos proteger dos medos internos, Tara dissipa a própria emoção perturbadora, que é a causa, assim como o sofrimento, que é resultado.

Muitas estórias de tempos antigos reportam a intervenção de Tara para salvar alguém de uma cobra ameaçadora, outra do perigo do fogo, outra de ataques de demônios, e assim por diante. Contudo, para aqueles que rezam para ela, a atividade de Tara para ajudar permanece até hoje a mesma do passado. Algumas estórias contemporâneas ilustram isso.

TARA EA DOR DE DENTE

Quando Kalu Rinpoche⁵ estava no Centro de Retiro de Palpung, em Kham – ele provavelmente devia ter uns 17 ou 18 anos de idade naquela época – ele teve uma terrível dor de dente. Tara apareceu para ele em um sonho e disse, “Você não tem nenhuma devoção particular a mim e nem faz a minha prática. Entretanto, eu darei a você um mantra para recitar 10.000 vezes, e você estará curado.” Kalu Rinpoche obedeceu e no dia seguinte estava completamente aliviado de sua dor de dente.

Ele atribuiu a intervenção de Tara a uma conexão que ele teve com ela em uma vida passada, já que não havia dado muita importância a ela até então. Dali em diante, ele foi muito mais devotado a Tara.

O SUCESSO JUDICIAL DE TARA

Viajantes que passam por Darjeeling podem ter visto o Hotel Bellevue no topo da cidade. O hotel pertence ao Senhor Lhawang, um tibetano cuja mãe tinha uma grande devoção a Tara. Todos a chamavam de “Amala”, “Mãe”.

Todo dia, Amala recitava a louvação à deusa, e cada ano fazia uma grande doação aos mosteiros, patrocinando a recitação de 100.000 louvações. Ela não conhecia o dharma muito bem, mas sua fé em Tara era extraordinária.

Ela pertencia a uma família de tibetanos que tinham se estabelecido na Índia há muito tempo atrás, e o seu marido teve importantes responsabilidades na administração colonial britânica. Na época da independência, a maioria dos britânicos decidiu deixar a Índia rapidamente, então vários dos amigos britânicos do marido dela venderam suas casas nas áreas de Darjeeling e Kalimpong para ela a um preço barato. A riqueza da família de Amala era, e ainda é, bem conhecida em Darjeeling.

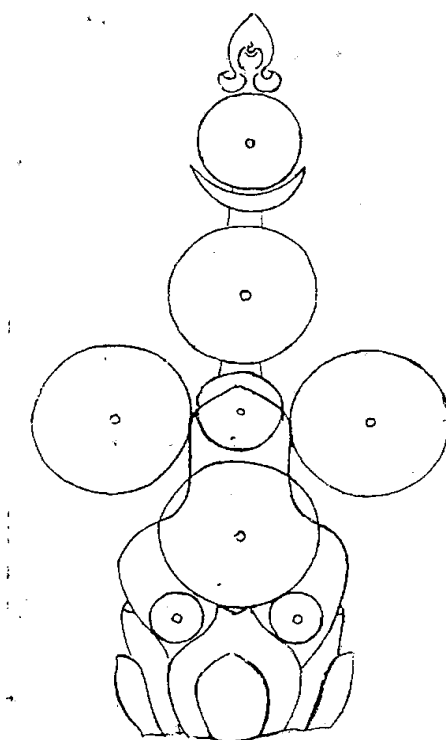
Mais tarde, a validade dos direitos de propriedade foi contestada, resultando em litígio. Amala era uma mulher educada, uma advogada que conseguia falar e escrever fluentemente em inglês ainda melhor do que em tibetano, que ela conseguia escrever foneticamente quando necessário. No entanto, durante esses julgamentos, Amala

confiavamais na proteção de Tara do que em suas habilidades como uma mulher de negócios. Ela alegremente admitiu que rezava para Tara antes de cada julgamento no tribunal, e nunca perdeu nenhum.

Um dos julgamentos, em particular, envolvia uma grande soma de dinheiro, 100.000 rúpias apossadas por um banco (equivalente naquela época a 10.000 dólares americanos, o que era uma quantia considerável na Índia). Amala passou vários meses em Calcutá aguardando o julgamento. Um dia antes do julgamento, uma jovem apareceu para ela em um sonho e lhe disse, “Não se preocupe, amanhã tudo ficará bem”.

No dia seguinte, não só a sentença foi favorável, mas devido a um procedimento que ela nunca soube explicar, ela recebeu não 100.000 rúpias, mas sim 300.000!

Para ela, não havia dúvida de que a jovem que veio confortá-la no sonho não era outra senão Tara, e que a multiplicação de rúpias também era devido à astúcia da divindade.



Torma de Tara.

As tormas (ou tentos) das divindades são figuras simbólicas feitas de massa de pão ou argila, decoradas com ornamentos circulares esculpidos na manteiga colorida. Elas representam a presença da divindade no altar.

Ao monastério de Kalu Rinpoche em Sonada, na Índia, perto de Darjeeling, Amala doou uma grande estátua de Tara cercada por pequenas representações das vinte e uma Taras que ainda podem ser vistas no templo. Sua devoção a Tara era tão exclusiva que, Kalu Rinpoche, tendo colocado a estátua de Padmasambhava acima delas por um tempo, ela lhe disse que aquilo não era muito conveniente.

Por seis anos, Amala foi a benfeitora dos dois centros de retiro de Sonada, provendo comida e tudo que era necessário aos vinte ou trinta meditadores em retiro lá. Ela mesma ficou em retiro por três anos em uma pequena casa aos pés do monastério. Ali, ela assiduamente rezava para Tara. Ela sentava numa posição perpendicular ao altar e não de

frente para ele. Um dia, ela veio ver Khenpo⁶ e a mim pedindo que nós fossemos rapidamente à sua casa de retiro. Como ela falava sobre muitas coisas desnecessárias, nós duvidamos da importância do que ela queria comunicar. No entanto, nós a seguimos. Ela nos apressou para dentro, pediu-nos para fechar a porta e disse, “Olhem para meu altar!” De fato, algo extraordinário havia acontecido. A torma de Tara, ao invés de permanecer na posição original, tinha espontaneamente virado bem lentamente para Amala.

Amala morreu em idade avançada enquanto visitava sua filha que estava trabalhando na Embaixada da Índia em Madrid.

A história de Amala é cheia de ensinamentos. A maior parte de sua vida, ela foi uma mulher apegada às riquezas mundanas e dinheiro, rezando incessantemente para que Tara conservasse ou aumentasse o que possuía. Sua motivação não era profunda nem generosa. Ela não pensava nos outros nem em seu destino futuro. No entanto, por sua contínua devoção a Tara e por manter a divindade em seu coração, ela recebia bênçãos de Tara, e sua mente mudou pouco a pouco. No final de sua vida, ela conheceu Kalu Rinpoche. Ela não tinha nenhum lama para guiá-la até então. Ela se desapegou de seus bens materiais, voltou-se para o darma de forma sincera, e permaneceu em retiro. Até aquele momento ela estava presa à sua riqueza, mas então fez grandes oferendas para o monastério e centros de retiro de Sonada.

Essa é a bênção de Tara, que coloca seus devotos na direção de seu próprio bem além de seus desejos limitados.

TARA REÚNE UMA FAMÍLIA

No monastério de Runtek no Sikkim, vive o Khenpo Gyurme Tsultrim de 50 anos de idade, que atesta que Tara protegeu sua família.

Em 1960, Kham (a província leste do Tibete) foi invadida pelos chineses. Ainda um jovem garoto, Khenpo teve que fugir da área, na companhia de sua família e outros. Era uma viagem difícil e longa.

Um dia, eles se encontraram diante de um contingente de tropas chinesas em um estreito vale. Eles não podiam evitar as tropas e decidiram continuar em frente, prontos para morrer se necessário. Eles engoliram pílulas sagradas que carregavam consigo, checaram se os objetos sagrados que carregavam estavam seguros, e liberaram seus cavalos. Rifles atiraram. Morreram pessoas de ambos os lados.

Dos cem *Khampas* na pequena caravana, setenta conseguiram escapar com sucesso e se reuniram em uma montanha próxima. Khenpo Gyurme Tsultrim, seu pai, e uma de suas irmãs estavam entre eles. Sua mãe e outra irmã não estavam lá. Seu pai e outros homens foram procurar por eles, mas nada acharam. Teriam sido mortos? Teriam sido aprisionados pelos chineses? Ninguém sabia.

Um ano depois, com muita dificuldade, Khenpo Gyurme Tsultrim, seu pai e sua irmã finalmente chegaram à Índia, onde conseguiram o status de refugiados. Por vinte anos, eles nada souberam da mãe e da irmã que permaneceram no Tibet. Eles acreditavam que haviam morrido.

Na realidade, elas foram presas pelos chineses e levadas de volta para Kham. Sem nenhuma proteção, viveram como podiam, trabalhando por quase nada para pessoas que precisavam de seus serviços. A lei chinesa contra práticas religiosas era extremamente severa naquela época. Qualquer um pego sussurrando preces ou recitando mantras era imediatamente punido. A mãe de Khenpo Gyurme Tsultrim, porém, tinha grande fé em Tara. Sempre que podia, ela secretamente recitava a louvação e o mantra de Tara. Em especial, quando ela cuidava das ovelhas e iaques, ela arranjava algo para dar de comida para as crianças que iam com ela e pedia a elas para cuidar dos animais na pastagem ao redor. Assim que ficara sozinha, ela recitava preces e pedia humildemente que Tara achasse seu marido e filhos perdidos. De noite, enquanto os outros dormiam, ela rezava ainda mais.

Após meses e anos de súplica, uma jovem mulher apareceu em um sonho e disse, "Não tenha medo, você irá encontrar seu marido e filhos".

O tempo passou. No início dos anos oitenta, os chineses afrouxaram um pouco as amarras impostas no Tibet. Eles abriram as fronteiras e permitiram que os tibetanos exilados que quisessem visitar sua terra natal pudessem retornar. Khenpo Gyurme Tsultrim e seu pai souberam por outros parentes que sua mãe e irmã estavam vivas e onde moravam.

Assim que puderam, foram ao Tibet e voltaram para a Índia com as duas mulheres de quem haviam se perdido há tanto tempo. Preces foram ouvidas e a profecia da jovem mulher no sonho havia se realizado.

Ao lado da família, a mãe e o pai de Khenpo Gyurme Tsultrim morreram sete ou oito anos depois.

TARA PROTEGE A CARAVANA

Em 1958, tive que ir para Tsurphu, sede do Karmapa na região de Lhasa. Foi lá que estudei dos 13 até os 16 anos. O Karmapa⁷ me pediu para voltar e realizar o tradicional retiro de três anos no meu vigésimo aniversário. Ir do monastério de Bokar, isolado no alto platô Odo oeste, para Tsurphu demoraria dois meses em uma caravana.

Na região de Lhasa, açúcar mascavo era raro e muito apreciado. Para os nômades do oeste, era fácil conseguir um pouco oferecendo lã e manteiga em troca, na fronteira de Ladakh. Minha encarnação anterior costumava oferecer um bloco desse açúcar para cada monge quando ele ia a Tsurphu. Isso deixava os monges muito felizes. Consequentemente, eu disse para mim mesmo que deveríamos seguir esse costume, e preparamos uma grande quantidade de açúcar para levar conosco.

Além desse precioso regalo, nossa caravana carregava muitos presentes para o Karmapa, oferendas para rituais, e tudo o que era necessário para minha estadia de três anos. Ao todo, sem contar os cavalos, tínhamos trinta mulas e cem iaques carregados com duas bolsas grandes cada, a maioria contendo quinze blocos de açúcar.

Em 1958, a estrada para Lhasa era extremamente perigosa. Nós não receávamos os chineses, mas sim das tropas de Khampas que estavam fugindo sem nenhum outro meio de subsistência além de pegar os blocos de açúcar, cavalos e comida a força, quando passavam por uma caravana ou acampamento nômade. Devido a todos os animais em nossa caravana,

assim como a comida, roupas, e objetos valiosos que carregávamos, representávamos uma presa ideal para os Khampas, um encontro além de suas expectativas!

Para obedecer ao Karmapa, era indispensável que fossemos até Tsurphu por mais perigoso que fosse. Quem nos protegeria melhor do que Tara? Para nos certificarmos de sua ajuda, eu chamei os monges do monastério, as monjas do monastério feminino vizinho, e as pessoas leigas para nos reunirmos, se pudessem, para recitar 100.000 louvações. Com pessoas apareceram, e levamos dez dias para completar a recitação.

Então, partimos. No nosso caminho, em várias ocasiões, não foi possível evitar cruzar as rotas que as tropas Khampas usavam. Mudando nosso itinerário, conseguimos evitá-las na maioria das vezes. Nômades que encontramos nos alertaram de sua vinda. Eles tentavam ao máximo salvar seus pertences e gado escondendo-os longe dali. Geralmente não surtia efeito, pois os Khampas violentamente os forçavam a revelar os esconderijos. Conversando com os nômades, também ficamos sabendo que os cavaleiros do leste chegariam logo.

Embora tivéssemos sido avisados, era impossível evitá-los. Saímos do caminho para montar nosso acampamento, mas não foi possível não ficar à vista deles verdadeiramente. De onde estávamos, podíamos ver claramente os Khampas vindo, ameaçadores, e exigindo resgate dos nômades que tinham nos avisado. Deveria ter sido inevitável que nos vissem. Nossas tendas brancas, o número significativo de iaques, mulas e cavalos, só poderiam chamar a atenção. Por alguma razão inexplicável, no entanto, eles não nos viram! Certamente estávamos assustados, mas nunca paramos de rezar para Tara e recitar sua louvação.

Nós tiramos vantagem da noite para continuar no nosso caminho. E finalmente chegamos ao nosso destino sem qualquer outro incidente.

Mesmo agora, ao recordar a estrada para Tsurphu, eu estou convencido de que nossa jornada segura foi por causa da benção de Tara e sua benevolente proteção.

A NEVEDE TARA

Devido aos problemas causados pelos chineses, eu não fiquei em Tsurphu para realizar o retiro de três anos comoprevisto. Resignei-me a retornar ao meu monastério e me preparar para fugir do Tibet. Antes de partir, novamente, pedi para as pessoas recitarem 100.000 louvações a Tara.

Nós tomamos o caminho para o Nepal. Cerca de sessenta pessoas, monges e leigos, acompanharam-me com cavalos, mulas, iaques, cabras, ovelhas e toda bagagem que conseguíamos carregar.

Após três dias na estrada, e tendo erguido um acampamento para a noite, alguns homens de nossa caravana me informaram da presença de tropas chinesas a nossa frente. Eles haviam acabado de ser avisados pelas tropas de Khampas em fuga que tiveram que voltar depois de um encontro com os chineses no qual perderam muitos cavalos e iaques. O que deveríamos fazer? Os Khampas estariam falando a verdade? Os chineses continuariam em sua posição? Uma estrada alternativa era possível, mas era mais segura que a original?

Nós realizamos um ritual de Tara e dos protetores. Eu então decidi fazera “adivinhação da massa”. Nesse método, as várias possibilidades são escritas em pequenos pedaços de papel e enrolados em algumas bolas de massa exatamente com o mesmo formato. Então, um ritual é

realizado durante o qual cada um segura em uma mão um pires onde as bolas são colocadas e fazem as bolas girar e girar até que uma caia no chão. Aquela bola dará a resposta. Nesse caso, nós escrevemos duas respostas referentes à rota que estávamos seguindo, “perigo” e “sem perigo”. A bola contendo “perigo” caiu antes.

Portanto, nós tínhamos que seguir na outra estrada, que era maior, requeria atravessar uma passagem muito alta, mas aparentemente menos arriscada. Quando chegamos à passagem, começou a nevar, causando grandes dificuldades. Nós tivemos problemas ao continuar avançando e muitos animais morreram. Perdemos várias bagagens. Apesar disso, nós conseguimos atravessar a passagem e finalmente chegamos à Mustang, um pequeno reino de cultura tibetana dentro do Nepal.

Mais tarde, eu fiquei sabendo que os chineses realmente estavam nos perseguindo e que estivemos perto de sermos capturados. Apenas a tempestade de neve impediu-os de nos alcançarem. Para nós, a tempestade tornou tudo difícil. Logo após atravessarmos a passagem, a rota ficou intransitável. Se a neve não tivesse caído ou tivesse caído pouco antes ou pouco depois, nós poderíamos ter sido pegos.

Eu não pude evitar o pensamento de que aquela oportuna tempestade de neve só podia ter sido a benção de Taracuja ajuda não cessamos de invocar.

Muitos tibetanos atribuem sua segurança apenas à proteção de Tara, quando foram forçados a fugir de seu país. A intervenção da ‘salvadora’ em favor daqueles que rezam para ela não é um incidente raro relacionado a casos isolados. Muitas pessoas relatam a ajuda que receberam dela.

Questão: A atividade de Tara é proteger. Também há “protetores” como Mahakala e outros cuja função é também por definição proteger. Qual a diferença entre eles?

Resposta: A proteção que acontece é levemente diferente nos dois casos. Mahakala e outros protetores têm como atividade principal especificamente afastar os obstáculos para a prática e difusão do darma, seja a circunstância externa ou interna que poderia prejudicar o darma. A proteção de Tara é mais pessoal, se pudermos dizer assim. Ela cuida de nós em todas as circunstâncias difíceis de nossas vidas.

O SAHIB COM O CORPO DE ARCO-ÍRIS

Questão: Às vezes os ocidentais pensam que algumas diferenças culturais os impedem de entrar tão facilmente como os próprios Tibetanos na prática do budismo Tibetano, especialmente em relação às divindades. Eles podem acreditar, por exemplo, que a proteção de Tara é mais acessível para um Tibetano do que para um ocidental. Existe de fato alguma barreira?

Resposta: Kunu Lama Tenzin Gyatso, que fez a passagem nos anos setenta com idade muito avançada, era um lama erudito e respeitado. Por ter nascido na área de Kunu, entre Caxemira e Ladakh, era chamado de “Kunu Lama”. Além do idioma tibetano, ele conhecia o sânscrito e tinha estudado com perfeição a doutrina de todas as linhagens do budismo tibetano assim como as doutrinas hindus. O próprio Dalai Lama recebeu vários ensinamentos dele. Ao mesmo tempo, Kunu Lama levava uma vida muito simples. Ele não tinha monastério, nem mesmo um atendente, e se vestia discretamente, tal como os eruditos do norte da Índia onde ele passou a maior parte de sua vida.

Durante um ensinamento que Kunu Lama estava dando em Bodhgaya⁸, ele contou a seguinte história. Nos meados dos anos quarenta, ele vivia em Kham onde estava em retiro. Sua residência era uma casa de dois andares. Ele vivia no primeiro andar, e o segundo andar era ocupado por um ocidental que também praticava o budismo. Naquela época, era algo muito raro. Ambos estavam recebendo instruções de um lama Nyingmapa chamado Khenpo Shenga. Kunu Lama e a comunidade local habitualmente chamava o estrangeiro de “Sahib”; usando o termo respeitoso que os indianos tinham para os ocidentais.

Quem era esse sahib? De onde ele veio? Eu não sei se Kunu Lama alguma vez respondeu isso precisamente. Talvez ele fosse alguém que fugiu da Índia durante a Segunda Guerra Mundial, talvez ele fosse um missionário – havia alguns deles em Kham – que aderiu ao budismo tibetano...

Aconteceu que por vários dias ninguém tinha visto o sahib. Finalmente, alguém notou arcos-íris que surgiam de sua janela. Intrigado, Kunu Lama e alguns outros foram até o segundo andar, abriram a porta, e com toda certeza, no lugar do sahib, viram apenas arcos-íris. Eles sacudiram as roupas dele, de onde saíam arcos-íris ainda menores que caíam como chuva! Do sahib, apenas as unhas e cabelos foram deixados.

Isso é o que se chama de obter o “corpo arco-íris”, um extraordinário resultado da prática que termina com a dissolução do corpo em arco-íris no momento da morte.

Se o sahib do século XX foi capaz de obter um corpo arco-íris, então o acesso ao budismo tibetano não é limitado por barreiras culturais. A partir do momento que praticam diligentemente, ocidentais podem certamente obter resultados. Especialmente, eles podem rezar para Tara sabendo que serão escutados. A benção de Tara não conhece qualquer fronteira.

REPRESENTAÇÕES MARAVILHOSAS

No Tibete, muitas histórias relacionam-se a estátuas ou pinturas de Tara quemilagrosamentese expressaram.

Uma das histórias mais famosas é a de um afresco coma representação de Tara Branca pintada na parede do templo principal de Tashi Lhunpo, a residência dos Panchen Lamas na cidade de Shigatse.

Após a morte de um dos Panchen Lamas, os monges estavam realizando os rituais em sua honra. Com as gargantas embargadas de tristeza, eles tinham dificuldade em pronunciar seu nome quando isso ocorria no texto de uma louvação a ele. É dito que o afresco de Tara, assumindo e encorajando-os, proferia bem alto o nome do Panchen Lama toda vez que era necessário.

Outro fenômeno extraordinário ligado a Tara é a aparição de “esculturas espontâneas”, isso é, representações da divindade, que aparecem por elas mesmas em paredes de pedra, sem a intervenção da mão humana.

Uma delas é bem recente. Está no Nepal, a oeste de Kathmandu, sob a caverna de Yanglesho (famosa por ter sido abrigo para Padmansambhava).

A primeira vez que fiz uma peregrinação para Yanglesho, em 1972, a aparição de Tara na parede de pedra ainda não havia começado. Agora, após um processo lento e inexplicável, a forma da divindade, com trinta centímetros de altura, aparece cada vez mais e mais claramente, saindo de dentro da pedra. Um pequeno templo foi construído para protegê-la e honrá-la.

Porque esta estátua se produziu hoje? Talvez seja uma espécie de resposta às preces que muitos budistas fazem a Tara, requisitando sua proteção em nestes tempos difíceis.

VÁRIOS ASPECTOS DE TARA

O principal aspecto de Tara é o de Tara Verde, pacífica, uma forma com dois braços, uma face, e duas pernas. Nós já vimos que sua principal atividade é proteger os seres do medo e do perigo.

Há de fato muitas outras formas de Tara, como as vinte e uma Taras correspondentes às vinte e uma estrofes da louvação, as oito Taras cada uma protegendo contra um dos oito grandes medos, Tara Yogini, e assim por diante. Essas várias formas não são, entretanto, outras Taras, mas vários aspectos obtidos da mesma divindade conforme as circunstâncias.

Embora existam rituais específicos para certas formas da divindade, quando rezamos para Tara, nós simplesmente nos direcionamos a Tara Verde pensando que ela realiza todas as atividades que solicitamos.

Outras divindades como Bhrikuti (Thronyerchen), Kurukulla (Kurukulle), Sitatapatra (Dukkar), Ushnishavijaya (Namgyalma), Vishvamata (Natsok Yum, consorte de Kalachakra), Naraitma (Damema), e outras, às vezes também são vistas como manifestações de Tara.

Na verdade, se a forma varia, divindades femininas são todas uma essência, todas sendo Prajnaparamita, perfeição do conhecimento.



Bhrikuti.

Bhrikuti, "Aquele que franze as sobrancelhas", apareceu ao mesmo tempo, como Tara da lágrima de Avalokiteshvara (Chenrezig) e é muitas vezes considerado como um aspecto da divindade.

TARA BRANCA

Entre as diferentes Taras, a Tara Branca ocupa um lugar especial ao lado de Tara Verde. Ela goza de grande popularidade em razão de sua atividade, que é prover uma longa vida. É por esta razão que sua iniciação é procurada e realiza-se sua prática diante de uma ameaça a saúde. Ocorre também de se oferecer uma tanka ou uma estátua de Tara Branca a um lama como forma de prece para sua longa vida.

Tara Branca não é uma deidade diferente de Tara. Não existe uma história separada recontando sua origem, e sua atividade é apenas um aspecto particular da proteção concedida pela deidade.

Seu mantra também é o mesmo de Tara Verde, OM TARE TUTTARE TURE SOHA, e adicionamos um final específico para a solicitação de longa vida, MAMA AYU PUNYE JNANA PUTRIN KURU SOHA.

Tara Branca também é chamada de Chintamatra Chakra, a “Roda que Realiza Todos os Desejos”. Este nome vem da maneira como o mantra raiz está disposto em seu coração. As dez letras estão efetivamente dispostas verticalmente sobre os dez raios de uma roda disposta horizontalmente, oito deles indo do eixo ao aro como os raios de uma roda comum, e os outros dois saem verticalmente de cada semi eixo. No eixo superior, está a sílaba OM, sob o eixo inferior, a sílaba HA, e sobre os outros raios estão as outras oito sílabas do mantra, TA RE TUT TA RE TU RE SO.

TARA BRANCA ENCOMENDA ESTÁTUAS

A seguinte história ilustra a atividade específica de Tara Branca.

Um Geshe Kadampa sonhou que viu o sol nascendo no oeste e se pondo no leste. Ele mencionou esse sonho ao lama que disse tratar-se de um sonho não auspicioso, que era um sinal de morte. Preocupado, o Geshe consultou um quiromante. Observando as linhas de suas mãos, o quiromante declarou ao Geshe que ele tinha somente três anos de vida.

Temendo essa predição, o Geshe pensou que a partir de agora ele não tinha mais tempo para os estudos ou se engajar em outras atividades, e que deveria dedicar-se exclusivamente à prática. Ele foi ver um lama, contou a ele seu sonho e as indicações das linhas de suas mãos, e explicou que gostaria de dedicar todo o tempo de vida que ainda tinha a uma prática que rapidamente o levasse próximo ao Despertar.

“Sua preocupação é inútil,” respondeu o lama. “Existe uma prática que se chama Tara Branca que prolonga a vida. Faça, e tudo estará bem”.

O Geshe seguiu seu conselho tão bem que logo teve a visão da deidade que declarou que ele viveria até sessenta anos.

Quando seu sexagésimo aniversário se aproximava, o Geshe elevou sua mente para Tara. Ela novamente apareceu a ele e disse que se ele fizesse uma estátua dela, sua vida se estenderia por mais dez anos. Então, assim ele procedeu. Dez anos mais tarde – aos setenta anos - o mesmo processo foi repetido. Solicitado a fazer uma nova estátua, e ele obteve mais dez anos de vida.

Finalmente, no seu octogésimo aniversário, quinze anos a mais foi tudo o que lhe foi deixado viver, então ele viveu até os noventa e cinco anos.

O SIMBOLISMO DE TARA

As formas, cores, e atributos das deidades estão associados ao simbolismo chamado de “sentido puro”.



Tara Verde.

Os simbolismos de Tara Verde e Tara Branca são os seguintes:

Tara Verde

A sua cor verde é a sua atividade desperta, compaixão ativa (Tara é também a consorte de Amoghasiddhi que reina sobre a família da atividade). O verde indica que Tara atua para o benefício dos outros que oram para ela com a rapidez do vento.

A perna esquerda dobrada representa a renúncia das emoções conflituosas. A perna direita meio dobrada mostra que Tara está sempre pronta para se levantar para ajudar aos seres. O simbolismo de suas pernas nos diz que Tara, apesar de totalmente livre das imperfeições do samsara, permanece nele para ajudar a todos aqueles que sofrem.

Com sua mão direita, ela faz o mudra da doação, que significa que ela confere as realizações comuns (poderes sobrenaturais) e as realizações sublimes (realização da

natureza da mente). Sua mão esquerda faz o mudra do refúgio, os dedos polegar e anelar estão juntos simbolizando a união dos meios hábeis e conhecimento. Os seus outros dedos para cima representam as Três Jóias: Buda, Darma, e Sangha.

As hastes do lótus que ela segura em suas mãos indicam que todas as qualidades de realização desabrocharam totalmente nela.

Seu charme e beleza revelam que ela é a mãe de todos os Budas e sua compaixão por todos os seres é ininterrupta. Os ornamentos (sedas e jóias) que ela usa dão testemunho da maestria de suas qualidades e atividade.

Suas costas eretas mostram que a sua meditação é similar ao diamante que nunca vacila.

A lua atrás dela simboliza a plenitude da felicidade inexaurível.

Tara Branca

Tara Branca difere de Tara Verde. Além da diferença de cor, ela tem sete olhos. Três estão na face, dois nas palmas das mãos, dois nas solas dos pés, e ela está sentada na postura vajra. A simbologia dessas particularidades é a seguinte:

- Cor Branca: ausência dos dois véus (emoções conflituosas e conhecimento dualístico)
- Sete olhos: Ela vê a realidade através das três portas da liberação (vacuidade, ausência de características, ausência de desejos) e gera a compaixão por meio das quatro qualidades ilimitadas dos bodisatvas (amor, compaixão, alegria e equanimidade).

2 - O TANTRA DE TARA



Tara Branca.

Nas tankas, Tara Branca é reconhecida à primeira vista pela sua cor. Quando miramos a sua estátua ou imagem, é fácil distinguir Tara Branca de Tara Verde. As pernas de Tara Verde estão na postura do Bodisatva (perna direita à frente) e ela tem somente dois olhos; Tara Branca senta na postura de lótus e tem sete olhos incluindo um na sua frente.

O que nós sabemos sobre Tara e as práticas associadas a ela originalmente vem dos tantras. Estes não são textos revelados de forma comum, mas em circunstâncias em que o Buda toma um aspecto do Corpo de Fruição e aborda os seres humanos menos que deuses, bodisatvas celestiais e uma série de seres com os quais os seres comuns não costumam se comunicar. Estes textos são o fundamento da prática Vajrayana, iniciações, visualizações de divindades e recitação de seus mantras.

O QUE É UM TANTRA?

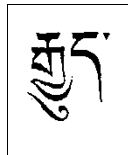
A palavra tantra (tibetano, *gyu*) significa "continuidade". Em um sentido literal, o termo refere-se à natureza da mente, a mente além de qualquer elaboração psicológica, em toda a sua pureza. Esta noção de continuidade destaca que a natureza da mente não é algo novo a se obter, algo que não existisse agora e que surgiria ao final da prática. A continuidade está presente na base (o que somos agora), caminho e resultado. Seja ela velada ou revelada, está sempre aí, sem descontinuidade, como a união da vacuidade e da clareza.

No contexto dos sutras, a contínua presença desta claridade-vacuidade em seus vários estágios é expressa da seguinte maneira:

- no nível da base: as duas verdades (relativa e última)
- no nível do caminho: as duas acumulações (mérito e sabedoria)
- no nível do resultado: os dois Corpos (Corpo Absoluto e Corpo da Forma)

No contexto dos tantras é dito:

- no nível da base: corpo e mente
- no nível do caminho: as fases de criação e completude
- no nível do resultado: os dois Corpos do Despertar (Corpo da Forma e Corpo Absoluto).



Gyu.

Tantra: "continuidade" da natureza da mente

Base, caminho, e resultado são termos que tem a natureza da mente como um ponto de referência. Quando a natureza da mente está impura (isto é, velada), ela é a base. O caminho indica a purificação e o resultado é a mente purificada. Fora deste processo de purificação a essência da mente não muda. Ela é a mesma durante os três passos. Tal é a continuidade ou "tantra" em seu verdadeiro sentido.

Por extensão, a expressão verbal desta continuidade e os meios para realizá-la são também denominados "tantra". É por esta razão que os textos Vajrayana são chamados tantras. Tradicionalmente é dito que existem dois lados dos tantras:

- "tantras das palavras", que expressam a natureza imutável da mente,
- "tantra real" ou último, que é esta natureza imutável.

Budas são aqueles que realizaram o tantra real. Quando eles transmitem os tantras das palavras de uma forma ou de outra, eles mostram como a natureza da mente se encontracoberta pela ignorância e por várias emoções conflituosas (base) para os seres comuns do samsara, então eles dão os meios para purificá-la (caminho), e descrevem as qualidades de uma mente inteiramente purificada (resultado).

LINGUAGEM SECRETA DOS TANTRAS.

Tantras, enquanto textos, são extremamente difíceis de compreender porque as palavras que eles usam ocultam vários níveis de compreensão. Uma expressão literal pode às vezes se revelar completamente errônea. É dito que os tantras tem um total de 10 níveis de interpretação reunidos em dois grupos, das "seis possibilidades" e das "quatro modalidades".

- As seis possibilidades:
 - significado pedagógico
 - significado definitivo
 - com intenção

- sem intenção
- em uma linguagem conhecida
- em uma linguagem desconhecida

Vamos tomar um exemplo do significado "com intenção". Se encontramos uma frase em um tantra afirmando, "animais devem ser mortos", isto na verdade significa "faça desaparecer as emoções conflituosas".

•As quatro modalidades:

- significado comum
- significado oculto
- significado literal
- significado definitivo

"Significado comum" quer dizer que o sentido da palavra usada é comum aos sutras e tantras. "Significado oculto" é aquele aplicado a algumas noções inerentes aos canais sutis e ventos, como são utilizados, por exemplo, na prática das seis yogas de Naropa. "Significado definitivo" implica que a palavra deve apenas ser compreendida no contexto da verdade última, mahamudra, ou maha-ati.

A compreensão dos tantras requer estudá-los sob a guiança de um professor qualificado, capaz de decifrar seus significados. De outra forma, mesmo que possamos apreender o aparente significado das palavras, nossa compreensão vai permanecer longe do verdadeiro significado. Mesmo um tibetano erudito que não tenha feito um estudo especial dos tantras não poderá compreendê-los. Um *kempo* ou um *geshe* muito conhecedor de gramática e lógica que tenha estudado todos os mistérios nos sutras, a filosofia do madhyamika, ou a epistemologia do abidarma não estaria preparado para conhecer os tantras.

Por exemplo, o tantra considerado como a raiz de todos os outros é o *Tantra da Enunciação dos Nomes de Manjushri (Manjushri Nama Samgiti Tantra)*.

A clarificação deste texto pode ser feita em muitos vários níveis. Existem tratados explicando-o nos níveis do Kriya Tantra, outros no nível do Charya Tantra, Yoga Tantra, a fase de criação do Anuttara-yoga Tantra, a fase da completude do Anuttara-yoga Tantra, e assim por diante. Sem estudo específico destas várias facetas, o texto permanecerá misterioso para nós.

Alem do mais, para uma verdadeira compreensão de um tantra, a mera abordagem intelectual não é suficiente. Uma boa prática pessoal Vajrayana e as bênçãos do lama são necessárias.

Na tradição tibetana, o estudo dos tantras tem sido e permanece reservado a um pequeno número de indivíduos. Na linhagem Gelupa, por exemplo, apenas os melhores *geshes* tem acesso a uma universidade tântrica onde eles podem estudar mais particularmente os Tantras Guyasamaja, Chakrasamvara, e Yamantaka. Na linhagemKagyupa apenas um pequeno número de *lamas* ou *kempos* estuda diretamente os

tantras, principalmente o Tantra de Hevajra ou o *Zamo Nangdon*(*Profundo Significado Interno*), um texto tântrico escrito pelo Terceiro Karmapa.

ORIGEM DO TANTRA DE TARA

A origem do Tantra de Tara, assim como a de todos os tantras, não pode ser localizada no tempo. Os tantras pertencem à onisciência dos Budas que transmitem um tantra na medida em que é necessário numa determinada época. Assim, é impossível dar-lhes uma origem. Na realidade eles são eternos. Da mesma forma o Tantra de Tara, que reside no conhecimento eterno dos Budas, já vinha sendo revelado durante muitos kalpas no passado antes de ser revelado em nosso tempo.

Desde que nosso kalpa é existente, o Tantra de Tara foi revelado muitas vezes por Avalokiteshvara em sua Terra Pura, o Monte Potala, muito antes da chegada do Buda Shakyamuni.

O nosso kalpa é dividido em quatro partes:

- totalmente dotado: designa o início dos kalpas, quando os seres humanos viviam um por um tempo extremamente longo e desfrutavam facilmente e completamente todos os bens materiais necessários, e experimentavam grande felicidade, devido, notadamente, ao pensamento correto e ao grande amor uns pelos outros.
- dotado com três-quartos: a duração da vida os bens materiais e a felicidade começam a decrescer.
- dotado com dois-quartos: o decréscimo é acentuado.
- dotado com conflitos: a época difícil na qual nós estamos (a qual pertence, de fato, toda a nossa história e mesmo antes) quando o tempo de vida dos seres humanos está limitado a 100 anos e existe apenas um quarto da felicidade original.

Avalokiteshvara revelou o Tantra de Tara a primeira vez na época "totalmente dotada" em uma forma que compreendiam 800.000 estrofes; uma segunda vez em 600.000 estrofes na época "dotada com três-quartos"; uma terceira vez em 12.000 estrofes durante a época "dotada com dois-quartos" e finalmente uma quarta vez em 1.000 estrofes durante a época "dotada com conflitos" quando o Buda Shakyamuni ainda não tinha aparecido neste mundo.

A REVELAÇÃO DO TANTRA POR BUDA SHAKYAMUNI

Estes Tantras de Tara transmitidos por Avalokiteshvara não são os que temos agora. Os nossos são os do Buda Shakyamuni que os revelou da seguinte forma:

Na noite que precedeu o seu Despertar, enquanto sentado sob a árvore Bodhi, Shakyamuni foi atacado por uma horda de demônios que tentavam distraí-lo de seu objetivo. Naquele momento Tara apareceu e com oito grandes risadas fez os demônios caírem por terra e pararem de prejudicar. O Buda então colocou sua mente em estado de perfeita meditação e ao amanhecer atingiu o Despertar. Depois disto ele revelou o Tantra de Tara. Entretanto não foi nessa hora que o Tantra foi comunicado aos seres humanos. Muitos séculos seriam necessários para que isto acontecesse.

Quando os tantras foram transmitidos pelo Buda, eles foram direcionados, não a seres humanos, mas a uma assembléia de bodisatvas, deuses, nagas, e outros seres. Com maior frequência, não ocorria em lugares humanos, mais em outros domínios de manifestação como Potala, a terra pura de Avalokiteshvara. A maioria dos tantras, incluindo o de Tara, foram colocados sob a guarda de Vajrapani (Chana Dorje), que por esta razão é chamado o Guardião dos Segredos. Antes dos seres humanos existirem, havia outras categorias de seres capazes de receber os ensinamentos tantricos e beneficiarem-se espiritualmente deles.

Os textos para a prática de Tara apareceriam muito depois do tempo do Buda, por meio de revelação divina. Dessa forma, o erudito Chandragomin recebeu 108 textos de prática durante visões que ele teve da deidade.

TANTRAS ENTRE OS SERES HUMANOS

A primeira comunicação de tantras aos seres humanos foi feita por intermédio do Rei Indrabhuti, um contemporâneo do Buda Shakyamuni. Ele obteve estes tantras de duas formas. Por algumas vezes eles foram revelados a ele por Vajrapani, ou outros Bodisatvas, e ele os escrevia imediatamente após tê-los escutado. Outras vezes ele recebia, diretamente, de forma miraculosa, textos que já haviam sido escritos. Entretanto Indrabhuti manteve estes textos secretos, trancando-os em baús e transmitindo seus conteúdos apenas a poucos discípulos predestinados. Não eram tempos com maturidade para a sua propagação.

A história nos conta que o Tantra de Tara, em particular, foi comunicado aos seres humanos somente três séculos depois da morte do Buda Shakyamuni (por volta do século III antes de Cristo).

Se tratarmos como exceção o episódio resumido e confidencial do Rei Indrabhuti, apenas os ensinamentos do Pequeno Veículo tornaram-se disponíveis. Sem falar do Vajrayana, mesmo os ensinamentos do Grande Veículo não foram propagados. Apenas nesta época os sutras do Grande Veículo e todos os ensinamentos dos tantras, mantidos por bodisatvas celestiais, começaram a chegar especialmente aos seres puros. Eles foram transmitidos durante visões de Avalokiteshvara ou Manjushri, ou como no caso de Indrabhuti, por meio de presentes miraculosos de textos apresentados por uma deidade.

Revelações de todos os tantras começaram da mesma forma, graças a visões como aquela de Vajrapani. Relativamente poucos indivíduos seguiam o caminho tântrico porque a transmissão era feita de mestre a discípulo somente em um contexto individual. As práticas eram mantidas muito secretas e ninguém poderia afirmar com certeza que tal ou tal pessoa era um adepto tântrico.

Tara era uma entre várias deidades que eram praticadas secretamente. Algumas histórias relativas a essa época, contam a intervenção de Tara para salvar seus seguidores do perigo. Vamos dar dois exemplos. O primeiro refere-se ao perigo causado pelos inimigos e o segundo pelos leões.

O filho de um rei adormeceu em um parque, onde um grupo de inimigos que tinham jurado assassinar o príncipe o cercaram. O príncipe de repente acordou e viu que não havia nenhuma maneira de se defender, a não ser rezar para Tara. Do fundo do seu coração, ele a invocou para ajudá-lo. Tara então manifestou-se, emitindo da sola dos seus pés um vento forte que dispersou todos os inimigos.

Em outra história, um homem andando em uma floresta encontrou com um leão faminto (parece que havia leões na Índia até um certo tempo). Nosso homem orou a Tara. Uma jovem veio com uma carga de folhas. Ela não era outra senão uma emanção da divindade e o protegeu do leão.

LINHAGEM HAYAPALA

A principal disseminação do Tantra de Tara foi feita por um monge Bengali chamado Hayapala que pertencia à casta brâmane. Após ter assimilado muitos ensinamentos do Grande Veículo, ele conheceu o brâmane Guhyashila que tinha recebido instruções sobre Tara diretamente de Vajrapani. Hayapala recebeu de Guhyashila a iniciação de Tara, e sob sua direção realizou a prática da Libertadora. Isso o levou a sua realização.

Hayapala depois foi para Uddyiana (noroeste da Índia), onde dakinis transmitiram a ele os seguintes tantras:

- *Tantra Fundamental da origem de Tara*
- *Tantra Violento e Colérico*
- *Tantra Secreto do Vajra Sublime Insuperável*
- *Tantra de produzir Heruka*

Ele, então, voltou para a Índia e ficou na cidade de Tipurar onde construiu um templo especialmente para abrigar estes tantras. Ele transmitiu os ensinamentos da Prajhaparamita e os sutras do Grande Veículo aos seus discípulos comuns. Para os discípulos talentosos, ele transmitiu a prática de Tara através da qual muitos deles alcançaram a realização.

Hayapala então transmitiu a linhagem de Tara ao seu discípulo Hayagosha, que a passou para Nagarjuna. Foi devido à prática de Tara que ele atingiu a realização. Em seguida, a transmissão continuou ininterruptamente.

A prática de Tara foi introduzida posteriormente no Tibete através de muitos canais. Taranatha, nossa principal fonte de informação sobre as origens do Tantra de Tara, recebeu a transmissão de um discípulo do mestre indiano Chiwa Bepa que também havia chegado ao Tibete.

Antes de Taranatha, Atisha, que tinha se ligado com a deusa, desempenhou um papel importante na disseminação da prática no Tibete.

ATISHAE TARA

É interessante notar que a vida de Atisha foi marcada por um profundo vínculo com Tara. Esta ligação parece estar relacionada com a sua vinda para o Tibete. Sua relação com a divindade irá ilustrar para nós como Tara manifesta a sua atividade.

Transformação Milagrosa

Assim que Atisha nasceu, a deusa indicou claramente que ela iria proteger a criança. Atisha nasceu em 982 dC, o segundo filho de uma família real de Bengala. Seus pais lhe deram o nome de Chandragarbha, Essência da Lua. Enquanto o recém-nascido estava dormindo em seu berço no andar superior do palácio, o rei e a rainha ouviram uma música misteriosa que vinha de fora. A rainha viu um lótus cair do céu e pousar na frente do berço. Ao mesmo

tempo, o rosto da criança se transformou no rosto de Tara. Todos concluíram que Tara tinha sido sua divindade tutelar por muitas vidas.

Escolha da Ética

Quando Atisha se tornou um adolescente, seu pai, o rei, organizou muitas grandes festas nas quais muitas princesas e suas comitivas participaram. Todas elas, encantadas com a beleza e atitude do príncipe, olhavam para ele com desejo. Uma deusa azul pálido, que era ninguém menos que Tara, apareceu e advertiu Chandragarbha.

"Se, como um elefante afunda profundamente na lama, você, um herói, afundar no pântano de desejo, isso não mancharia as vestes da ética que você tem usado nas 552 vidas anteriores nas quais você sempre foi um estudioso, sem defeito, um perfeito monge? Como os cisnes que procuram lagos adornados com flores de lótus, você deve procurar a ordenação nesta vida!"

Tendo-se tornado um monge aos 29 anos, Atisha dedicou-se ardentemente ao estudo e prática. Com o tempo, sua fama se espalhou e ele foi convidado várias vezes para o Tibete, onde as perseguições contra o Budismo pelo rei Langdarma tinham criado uma situação crítica. No entanto, Atisha relutou em abandonar suas responsabilidades monásticas como abade de Vikramashila e ir para o supostamente difícil país do Norte. Várias intervenções de Tara foram necessárias para convencê-lo.

Como fazer as pazes por uma falha

Um dia, Atisha aprovou a expulsão do monge Maitrepa da Universidade Vikramashila. O comportamento de Maitrepa era ligeiramente fora da norma, mas a sua realização iogica era imensa. Um pouco mais tarde, Atisha teve um sonho no qual Tara apareceu e lhe disse:

"O monge que você expulsou é um Bodisatva. Não é permitido agir contra um Bodisatva, mesmo que involuntariamente. Quem não souber como corrigir um erro como este vai renascer com um corpo tão grande quanto o Monte Meru com o qual irá alimentar milhares de aves e insetos".

"Como posso evitar essa consequência desastrosa?" perguntou Atisha assustado.

"Você deve ir para o país do Norte e dedicar-se a disseminar os ensinamentos Mahayana lá", respondeu Tara.

Mensagem da Yogini

Tara apareceu novamente para Atisha em um sonho e pediu que ele fosse visitar certo templo onde encontraria uma yogini que tinha algo importante a lhe dizer. Na manhã seguinte, ele foi ao templo e encontrou a yogini. Tendo lhe oferecido algumas flores, ele disse a ela: "Fui convidado para ir ao Tibete. Minha missão será bem sucedida?"

"Sua viagem para o Tibete será muito proveitosa, respondeu a yogini". Além disso, lá você vai encontrar uma pessoa leiga (Drom Tonpa) que será uma grande ajuda para você".

Aviso de Tara

Quando o rei tibetano Jangchub Ö enviou emissários para convidá-lo para o seu país, Atisha consultou novamente Tara se seria oportuno aceitar. A divindade lhe disse: "Se você for para o Tibete, será extremamente útil. No entanto, sua vida será encurtada".

"Quantos anos?"

"Se você não for ao Tibete, você viverá até os 92 anos de idade. Se você for, você vai morrer aos 73anos".

"Vinte anos da minha vida não são realmente importantes", pensou Atisha. "Se eu sacrificá-los, posso trabalhar para beneficiar os seres e difundir a doutrina".

Assim, aos 59 anos, Atisha deixou as planícies quentes da Índia para alcançar os planaltos do Tibete fustigadospor ventos gelados. Ele dedicou o resto da sua vida a dar ensinamentos no Tibete e lá morreu.

Por meio desta história, vemos não só como Tara foi uma inspiração para Atisha, mas também vemos seu ardor em levar o seu filho amado para a Terra da Neve.

Da onisciência eterna dos Budas à sua transmissão na Terra da Neve, passando pelos mundos celestiais e os grandes iogues realizados da Índia, tal foi o caminho seguido pela revelação do Tantra de Tara.

Pergunta: A história da disseminação do Grande Veículo e tantras apresentados pelos Tibetanos, e como acabamos de ver, muitas vezes leva os estudiosos ocidentais a duvidar da autenticidade desses ensinamentos. Eles observam que os textos não data de vida do Buda, que quando eles apareceram, várias centenas de anos se passaram desde que o Buda viveu. A sua introdução aos seres humanos, depois de ter permanecido em mundos divinos, parece ser um artifício mitológico para disfarçar sua origem no tempo. Para eles, o Grande Veículo e os tantras são criações que vieram muito depois dos ensinamentos originais de Sakyamuni sobre o qual eles foram indevidamente enxertados. Que resposta a tradição tibetana dá a esses argumentos?

Resposta: É difícil dar uma resposta satisfatória a estes estudiosos ocidentais. O método que usam o contexto no qual eles estabelecem seus pensamentos não permitem a aceitação da visão tibetana das coisas. Do seu ponto de vista estrito, eles não estão errados. Sem a crença na existência dedeidades, como poderiam entender que os grandes praticantes efetivamente se comunicam com deidades, recebem instruções delas, e até mesmo obtém textos, que milagrosamente caem do céu? Que prova haveria de ser dada a eles? Para eles, prova seria apenas o que todo mundo pode ver ou observar. No entanto, no domínio espiritual, experiências muito sutis dependem do próprio carma e do desenvolvimento interior. Tal praticante não pode provar para os outros que ele ou ela percebe as visões que lhe são autorizadas a vir devido à pureza de sua mente.

Na verdade, a ciência coloca os leigos na mesma situação. Não podemos verificar por nós mesmos as alegações dos cientistas por nossa falta de estudo ou capacidades intelectuais insuficientes. Quando eles nos falam sobre a energia atômica, por exemplo, nós acreditamos neles sem que sejamos capazes de realmente ver a prova por nós mesmos.

Somente no caso de uma bomba explodir poderemos ter essa prova, se não, aceitamos a afirmação científica como pessoas cegas.

No Vajrayana é um pouco semelhante. Enquanto não tivermos alcançado o resultado, a realização por meio de uma prática individual, somos cegos. Somente a realização nos fornece a prova da verdade do que é ensinado.

Outro motivo que torna difícil a compreensão para os estudiosos ocidentais é a concepção que eles têm do Buda. Para eles, o Buda era um homem, um homem como qualquer outro, mesmo que dotado de grande sabedoria. Portanto, o seu ensinamento está limitado ao tempo e espaço proporcionado por uma existência em um corpo humano. É uma visão estreita do que é um buda. É dito que a natureza de um buda é um "segredo inconcebível". Ao mesmo tempo, o corpo, palavra, mente, qualidades e atividades de um budasão cobertos por este segredo inconcebível. "Inconcebível" diz bem o que significa. O pensamento de um ser comum não pode compreender o que é. A realidade de um buda se expande de uma forma infinita e não pode ser confinada aos limites da compreensão comum. Caso contrário, seria "concebível".

Se o ser de um Buda fosse limitado à vida humana, é verdade que a transmissão de ensinamentos nos mundos celestiais e todas essas coisas extraordinárias não teria significado. Mas o ser de um Buda está longe de ser trancado na simples aparência humana.

Na verdade, é natural que todos possam manter seu próprio ponto de vista. No próprio budismo, no decorrer do tempo, diferentes escolas filosóficas tem sido opostas umas às outras. Somente um ponto de vista mais elevado nos permite ver que as concepções mais estreitas não são falsas, mas parcialmente verdadeiras. Da mesma forma, quando se estuda uma ciência, os assuntos mais sutis analisados no final do estudo não destroem a validade das coisas mais simples aprendidas no início.

Nós realmente somos prisioneiros de nossas construções psicológicas, que encobrem a realidade. A função dos ensinamentos do Buda é nos livrar da ilusão criada por pensamentos e crença na realidade dos fenômenos. Para isso, muitas abordagens são propostas, como o Pequeno Veículo, Grande Veículo, Vajrayana, verdade pedagógica, verdade definitiva, e assim por diante. Todos têm o único objetivo de eliminar construções mentais que levam à falsa concepção dos fenômenos como tendo uma realidade própria. Uma vez que estamos totalmente liberados de elaborações mentais, somos um buda.

Fora de um caminho espiritual, os esforços do pensamento ou o exercício da psique não nos permitem alcançar este resultado. Eles só adicionam novas construções nas anteriores. É verdade, no entanto, que nos três veículos encontramos métodos que também são fundados na atividade da psique, mas que é um uso habilidoso da psique que leva à eliminação progressiva dessas elaborações.

3 – A INVOCAÇÃO DE TARA



A FUNÇÃO DOS RITUAIS

Um ritual é um meio de se realizar a prática de uma deidade e desenvolver uma ligação profunda com essa deidade. Ele é composto de várias fases, que são elementos que nos permitem estabelecer essa relação, tais como as visualizações da deidade, as oferendas que fazemos a ela, as preces, as recitações do mantra da deidade e assim por diante. Por meio do ritual, nossa mente é marcada com a presença e a bênção da deidade.

No Budismo, existem muitos tipos de rituais, correspondendo a diversos níveis de prática.

A tradição dos sutras, do mesmo modo, possui os seus rituais, tais como os rituais direcionados ao Buda Shakyamuni, ou a Baisajaguru (Sangye Menla, o Buda da Medicina).

A tradição Vajrayana se divide em quatro grupos de tantras. Cada um tem as suas próprias regras quanto à realização de rituais.

Os rituais podem ser extremamente longos ou muito curtos, coletivos ou individuais, mas a sua função permanece a mesma: chamar a deidade à mente e permitir que a deidade deixe uma marca profunda e benéfica em nós por meio da meditação da deidade, pela recitação do mantra, e por outros componentes.

Essa marca é formada pelo uso de todos os elementos da nossa personalidade: o corpo, a fala e a mente.

- Fisicamente, preparamos o altar, colocamos as oferendas, e nos certificamos de que o aposento do altar está limpo e arrumado: nosso corpo assume a postura de meditação e é utilizado para fazer os mudras (gestos de mãos simbolizando oferendas, convidando deidades e assim por diante). Também é o corpo que faz oferendas musicais, pelo toque do sino ou de outros instrumentos. Esses diversos atos físicos não têm outra meta senão aumentar a imersão da mente no ritual, por meio de um envolvimento completo da nossa pessoa.

- Nossa fala recita o texto e os mantras, que serve como suporte para a atividade da mente. As palavras nos permitem evocar aquilo que é concebido pela mente.

- Nossa mente, o principal agente do ritual, permanece concentrada e presente no que faz durante todas as fases: tomando refúgio, desenvolvendo a motivação do despertar, consagrando as oferendas, convidando a deidade, fazendo a visualização, fazendo as oferendas, orando, recitando mantras, pedindo perdão por erros cometidos durante o ritual, a partida da divindade para seu suporte, dissolvendo a visualização, e fazendo a dedicatória.

Entendido dessa maneira, o ritual atua sobre a nossa mente. Por um lado, ele ajuda a nos purificarmos do véu da ignorância e dos outros véus. Por outro lado, especialmente por meio das oferendas e preces, ele nos permite acumular mérito e criar um potencial cármico positivo. Por fim, ele prepara a manifestação do Corpo de Fruição, a manifestação da verdadeira deidade, indiferenciado de nossa própria mente.

Pergunta: Durante os rituais, às vezes imaginamos a presença da deidade diante de nós. Às vezes, imaginamos que nós mesmos somos a deidade, ou, ademais, que somos a deidade ao mesmo tempo em que ela está diante de nós, como é no caso da prática de Tara. Qual é a função dessas diferentes abordagens?

Resposta: Na mente do iniciante, a crença na real existência de um “eu” está fortemente arraigada. Isso leva à crença na real existência de um “outro”. Essa dualidade eu/outro rege todas as nossas percepções. Imaginar que somos a deidade e visualizar a deidade diante de nós ao mesmo tempo é um primeiro passo, um meio para nos livrarmos progressivamente dessa tendência dualista. Quando alcançarmos um nível muito bom de prática por meio da meditação, nesse momento, ainda que a deidade apareça de duas formas diferentes, ambas são percebidas como única em essência. Alcançamos, por fim, um estágio no qual não é mais necessário imaginar duas formas da deidade, é suficiente considerar a nós mesmos como a deidade, uma essência na qual toda a manifestação participa.

Os rituais na tradição dos sutras, ou no primeiro ou no segundo grupo dos tantras – o Kriya Tantra e o Charya Tantra –, apenas contêm a deidade visualizada diante de nós; enquanto que os rituais no terceiro grupo, o Yoga Tantra, implicam mais frequentemente na deidade visualizada diante de nós ao mesmo tempo em que nos visualizamos na forma da deidade.

Por fim, os rituais do quarto grupo, o Anuttara-yoga Tantra, propõem ou a deidade visualizada a nossa frente e nós mesmos como a deidade percebida como inseparável, ou apenas nós mesmos na forma da deidade.

O RITUAL DE TARA

Existem muitos rituais de Tara, que as diferentes tradições do Budismo tibetano usam de acordo com sua preferência. O ritual usado com mais frequência na tradição Kagyu deve-se a Chogyur Lingpa⁹, que descobriu alguns termas no século XIX.

Os termas são textos transmitidos por Padmasambhava no século VIII no Tibete, e então escondidos para serem descobertos posteriormente por “descobridores de termas” predestinados, em uma época na qual eles seriam necessários. Estes termas podem assumir

a forma de textos materialmente escritos, escondidos em pedras, paredes ou outros lugares, ou diretamente entregues pela deidade ao descobridor. Eles também podem ser revelados na mente. Neste caso, eles são chamados de *gongters*, como foi o caso do terma de Tara recebido por Chogyur Lingpa.

Chogyur Lingpa habitava em uma caverna em Kham, chamada de Caverna de Cristal do Lótus. No alvorecer do dia, ele teve uma visão de Tara, que lhe disse três vezes: “É bom, é bom, é bom” (em tibetano, *lekso, lekso, lekso*). Essas palavras pronunciadas pela deidade foram a bênção que abriu a mente de Chogyur Lingpa para a revelação interior das palavras ditas há muito tempo por Padmasambhava. Ele deu a esse terma o título de "Gota Profunda de Tara", sendo que “gota”, aqui, significa aquilo que contém o essencial em uma forma concisa.

Chogyur Lingpa revelou o que havia recebido a apenas uma pessoa, Jamyang Khyentse Wangpo. Este, por sua vez, manteve-o em segredo por três anos, e então o transmitiu a Jamgön Lodro Taye, que deu a forma definitiva ao ritual e o disseminou amplamente.

O terma é composto por diversos textos que correspondem aos vários estágios das práticas exterior, interior e secreta. Esses estágios só podem ser cumpridos sucessivamente. Os dois últimos requerem que o(a) praticante esteja em retiro. Apresentamos aqui resumidamente as suas características.

A PRÁTICA EXTERIOR

A prática exterior possui dois aspectos principais:

- A acumulação de mérito, realizada por meio da Prece dos Sete Ramos, das oferendas e louvações;

- A atitude de orar: o(a) praticante pede a proteção de Tara, rogando que ela lhe conceda aquilo que está almejando. Devido a esta posição de “pedido” adotada pelo(a) praticante, é dada uma ênfase na presença da deidade no céu (na forma das 21 Taras) diante do(a) praticante.

O ritual correspondente é normalmente realizado em público. Como se trata de um terma, ele é precedido de preces dirigidas a Padmasambhava. Os seus vários estágios são os seguintes:

- TOMADA DE REFÚGIO E GERAÇÃO DA MOTIVAÇÃO DO DESPERTAR. O(a) praticante se coloca sob a proteção das Três Joias (o Buda, o Dharma e a Sangha), das Três Raízes (Lamas, Yidams e Protetores), e, mais especificamente, de Tara. O(a) praticante também renova a sua determinação em alcançar o despertar em benefício de todos os seres que sofrem no samsara.
- PRECE DOS SETE RAMOS. Os sete ramos são os seguintes.
 - Homenagem a todos os Budas e bodisatvas como um antídoto contra o orgulho;
 - Apresentação de oferendas como um antídoto contra o apego;
 - Confissão das próprias faltas como um antídoto contra atos nocivos;
 - Alegria em pensar nos atos meritórios realizados pelos Budas e seres comuns como um antídoto contra a inveja;

- Pedido de ensinamento como um antídoto contra a cegueira;
- Oração aos budas, para que permaneçam presentes como um antídoto contra as visões errôneas. Uma das visões errôneas é a crença de que a atividade dos Budas poderia ser intermitente, ou seja, a crença de que enquanto estivessem presentes em um corpo físico, os Budas poderiam ajudar os seres e que ao deixarem esse corpo físico, eles deixariam de auxiliá-los. Ao pedir que os Budas permaneçam presentes entre nós com ou sem um corpo, nos liberamos do pensamento de que a morte poderia pôr um fim à atividade dos Budas.
- Dedicção. Aqui, pensamos que ao colhermos os méritos acumulados por meio dos seis ramos acima, nós os dedicamos à realização do Despertar em benefício de todos os seres. Essa dedicção é um antídoto contra os “meios inábeis”, evitando que dediquemos o mérito a metas temporais e efêmeras.

- **CONSAGRAÇÃO DE OFERENDAS.** As oferendas consagradas, tanto postas sobre o altar quanto evocadas em nossa imaginação, são: água para beber, água para lavar, flores, incenso, luz, perfume, alimento e música. Cada oferenda é representada por um mantra e por um mudra.

- **PRECE DOS SETE RAMOS.** Esta segunda Prece dos Sete Ramos é feita em um contexto ligeiramente distinto da primeira. A primeira prece, que ocorre logo após a tomada de refúgio, tem como suporte as diversas fontes de refúgio, especialmente Tara. Esta segunda Prece dos Sete Ramos se refere às Três Joias em geral.

- **OFERENDA DE MANDALA.** Os praticantes imaginam ofertar a Tara, aos Budas e Bodisatvas a totalidade do universo reunido na forma de uma mandala. A recitação desta parte é feita juntamente com o mudra da mandala.

- **MANIFESTAÇÃO DE NÓS MESMOS COMO TARA E CONVITE AS 21 TARAS,** para que assumam seus lugares no céu à nossa frente. As diferentes formas de Tara assumem seus lugares no céu, sendo a principal delas a Tara Verde.

- **RECITAÇÃO DA LOUVAÇÃO.** A louvação é recitada em três sequências sucessivas, primeiro pronunciada duas vezes, em seguida três vezes, e, por fim, sete vezes. Cada sequência é separada por oferendas.

-Durante a primeira sequência, Tara é visualizada diante de nós com a sua mão direita fazendo o mudra da sublime doação. Pensamos então que ela nos concede as realizações ordinárias (diversos poderes psicológicos) e sublimes (a realização da natureza da mente).

- Durante a segunda recitação, Tara faz o mudra da proteção. Pensamos que ela nos protege contra todos os medos e perigos.

- Durante a terceira recitação, imaginamos que um néctar luminoso saindo do seu pé direito flui para dentro de nós por meio da coroa de nossa cabeça, transmitindo a sua bênção.

- **OFERENDA DE TORMA.** Os praticantes oferecem a torma à deidade, a fim de se aproximarem dela com pedidos.

- **RECITAÇÃO DO MANTRA DE TARA.** As formas de Tara que estavam no céu se dissolvem nos praticantes, que continuam a imaginar a si mesmos na forma de Tara durante a recitação do seu mantra.

- PEDIDO DE INDULGÊNCIA pelos erros cometidos durante o ritual. Esse pedido é precedido pela recitação do Mantra de Cem Sílabas de Vajrasattva (Dorje Sempa).
- DISSOLUÇÃO DA VISUALIZAÇÃO. Os praticantes, após terem dissolvido a visualização na vacuidade, permanecem por um momento em silêncio enquanto a mente se estabelece em sua própria natureza.
- DEDICATÓRIA. Os praticantes dedicam o mérito do ritual, dizendo: “Com esta virtude, que eu possa rapidamente realizar a Nobre Tara, e que eu possa estabelecer todos os seres nesta realização”.
- DESEJOS AUSPICIOSOS. Enquanto recitam esses desejos, os praticantes jogam arroz no ar, simbolizando as chuvas de flores lançadas pelos deuses sobre a Terra.

Outras preces e preces de longa vida dirigidas aos mestres costumam concluir o ritual.

Aqueles que desejarem realizar a prática exterior com perfeição devem se comprometer a recitar 100.000 mantras, multiplicados pelo número de sílabas contidas no mantra OM TARE TUTTARE TURE SOHA; ou seja, um milhão de mantras.

A PRÁTICA INTERIOR

A prática interior enfatiza a fase de criação (em tibetano, *kyerim*), na qual visualizamos a nós mesmos na forma da deidade.

Esta prática reúne 13 deidades em um palácio celestial:

- No centro, a Tara Verde (o/a praticante);
- Ao redor de Tara, as oito Taras que protegem dos oito grandes medos, sentadas na mesma postura que a Tara Verde, fazendo o mudra da doação com a mão direita e segurando um lótus, sobre o qual estão diversos objetos, com a mão esquerda.
 - Tara protegendo contra leões, azul, com um vajra sobre o lótus;
 - Tara protegendo contra elefantes, amarela, com um gancho sobre o lótus;
 - Tara protegendo contra o fogo, branca, com um cristal d'água¹⁰ sobre o lótus;
 - Tara protegendo contra cobras, verde, com uma erva medicinal sublime (arura) sobre o lótus;
 - Tara protegendo contra ladrões, branca, com um arco e uma flecha sobre o lótus;
 - Tara protegendo contra o aprisionamento, verde, com uma espada sobre o lótus;
 - Tara protegendo contra a água, vermelha, com um cristal de fogo sobre o lótus;
 - Tara protegendo contra demônios, preta, com um bastão sobre o lótus.
- Do lado de fora do palácio, estão as “quatro guardiãs femininas”, cada uma fazendo a guarda de um portão do palácio de frente para as quatro direções. De pé, com uma perna à frente em posição de investida, suas faces marcadas por uma expressão irada, cada uma delas segurando objetos especiais em suas mãos.
 - A leste, a guardiã feminina branca segura um gancho em sua mão direita e um sino em sua mão esquerda;
 - Ao sul, a guardiã feminina amarela segura uma corda em sua mão direita e um sino em sua mão esquerda;

- A oeste, a guardiã feminina vermelha segura uma corrente em sua mão direita e um sino em sua mão esquerda;
- Ao norte, a guardiã feminina verde faz o mudra ameaçador com a sua mão direita e segura um sino em sua mão esquerda.

A PRÁTICA SECRETA

Na prática secreta, a ênfase é dada à fase de completude (em tibetano, *Dzokrim*) introduzindo o trabalho com as energias sutis (canais, ventos e gotas). Nove deidades estão presentes:

- No centro do palácio celestial, Samaya Tara, verde, em união com a deidade masculina Hayagriva (Tandrin);
- Ao seu redor, estão quatro outros aspectos de Tara, que, assim como na prática interior, fazem o mudra da doação com a sua mão direita, e seguram na esquerda um lótus sobre o qual estão colocados diversos objetos simbólicos.
 - A leste, Vajra Tara, azul, com um vajra sobre o lótus;
 - Ao sul, Ratna Tara, amarela, com uma joia sobre o lótus;
 - A oeste, Padma Tara, vermelha, com um gancho sobre o lótus;
 - Ao norte, Carma Tara, preta, com uma espada sobre o lótus.
- Do lado de fora do palácio, estão quatro guardiãs femininas dos quatro portais, assim como já foram descritas.

Esses três níveis formam uma profunda sucessão que é fácil de acompanhar e pode facilmente formar a prática de toda uma vida.

Pergunta: No ritual de Tara, assim como na maioria dos rituais, oferecemos à deidade uma pequena figura de massa chamada de torma ou bultor (oferenda de torma). Qual é o motivo dessa oferenda?

Resposta: Em geral, as oferendas servem para acumular mérito e purificar os véus. Oferecer uma torma serve mais para apresentarmos os nossos pedidos pessoais à deidade. Pedimos que ela aja em nosso favor, em favor de alguma outra pessoa, ou em favor de uma meta específica. Após a oferenda do torma, recitamos um texto nesse sentido. Por exemplo, ele pode ser "Tu que te regozijas totalmente na criação da mandala, consome esta oferenda bem preparada de torma. Concede a mim e às pessoas ao meu redor saúde, vida, poder, glória, sucesso, boa sorte e riqueza em abundância. Concede-me as realizações das atividades, tais como pacificação, crescimento e outras. Tu que fizeste a promessa, protege-me, dá-me o suporte de todas as realizações. Varre para longe a morte prematura e a doença, os demônios e os criadores de obstáculos. Varre para longe os maus sonhos, sinais desfavoráveis e atos prejudiciais. Faze com que o mundo seja feliz, os anos sejam excelentes, e as colheitas fartas. Faze com que o Darma se dissemine, a felicidade seja perfeita, e todos os meus desejos se realizem".

As oferendas e os louvores, quaisquer que sejam, na verdade não são favores que fazemos pela deidade como se ela fosse se satisfazer em obtê-los ou se entristecer em não obtê-los. É para nós que as oferendas e os louvores são úteis, na medida em que eles diminuem o apego aos objetos materiais e nos permitem acumular mérito.

Pergunta: Sobre o altar, existe também um tipo diferente de torma, muito maior, chamado de tentor (torma de suporte). O tentor de Tara foi, por exemplo, mencionado na história da mãe do Sr. Lhawang. Qual é a sua utilidade?

Resposta: O tentor serve a diversas funções. Às vezes, ele é uma representação simbólica da deidade. Nesse caso, ele é o suporte da presença da deidade. Às vezes, ele é uma oferenda à deidade; às vezes, na primeira parte do ritual, ele é usado como um suporte e, então, torna-se uma oferenda na segunda parte.

Esses tormas podem ter diversos formatos, variando não apenas de uma deidade para a outra, mas às vezes para a mesma deidade. Os Tantras, ao indicarem a necessidade de uma torma, não especificam com precisão o seu formato. Ao longo do tempo, as diferentes tradições tem usado uma ampla variedade de formatos que se desenvolveram dentro das várias linhagens.

Pergunta: É costume em todos os mosteiros tibetanos realizar rituais de Tara todas as manhãs?

Resposta: Não necessariamente. Alguns mosteiros os realizam, enquanto que outros escolhem rituais diferentes. Em Sonada, Kalu Rinpoche estabeleceu esse costume. Aqui em Mirik, em função da devoção especial que o Khenpo e eu temos por Tara, também instituímos a recitação diária do ritual de Tara pelos monges do mosteiro.

Pergunta: Existe um dia dedicado a Tara?

Resposta: O dia de Tara é o oitavo dia do mês tibetano, ou seja, o primeiro quarto lunar (oito dias após a lua nova).

A PRECE SIMPLES

Pergunta: Como os tibetanos leigos expressavam a sua devoção a Tara?

Resposta: As pessoas leigas não praticavam o ritual de Tara em si. Ele era mais uma questão monástica. Porém, a maioria das pessoas conhecia a louvação a Tara, que aprenderam de cor desde crianças. Elas costumavam recitá-la de manhã e à noite, ou enquanto trabalhavam, vigiando os seus rebanhos, por exemplo. Elas também recitavam o mantra de Tara.

A fé das pessoas leigas em Tara era imensa. Mesmo conhecendo a letra da louvação, elas não entendiam os seus significados, que são bastante complexos. Mas a sua devoção e a certeza de que Tara estava olhando por elas lhes bastava.

Pergunta: Quando enfrentamos um perigo repentino, como fazemos para pedir a proteção de Tara?

Resposta: É um pedido de coração, nada complicado. Simplesmente, "Tara, protege-me!".

Pergunta: Para os ocidentais, a louvação em tibetano é frequentemente difícil de assimilar. Como eles podem expressar a sua devoção a Tara?

Resposta: Caso eles não saibam a louvação, eles podem recitar o seu mantra com confiança e devoção. No momento do perigo, tal como os tibetanos, eles podem chamar por Tara do coração. A bênção e a proteção são as mesmas.

Pergunta: Algumas pessoas pensam que, pela perspectiva da verdade última, como a nossa mente e a deidade são inseparáveis, a prece não tem significado, pois ela é como se estivéssemos chamando a nós mesmos para pedir ajuda. Qual é o valor desse ponto de vista?

Resposta: É verdade que do ponto de vista da verdade última, a deidade e a nossa mente são uma coisa só; mas também devemos entender que por esse ponto de vista último, não existe nem sofrimento, nem medo. Na verdade, aquilo que aparece agora como sofrimento, medo e perigo nada mais é do que uma manifestação da nossa mente. Assim como a nossa mente, durante um sonho, pode criar aparências que nos levam a sofrer, que nos ameaçam, ou que nos amedrontam.

Porém, enquanto não tivermos realizado a realidade última, estamos expostos ao sofrimento e ao medo que concebemos como sendo reais. É nesse contexto relativo que a deidade, que também se apresenta a nós momentaneamente como estando fora de nós mesmos, vem nos auxiliar quando oramos a ela.

Essa prece, em um sentido relativo, é necessária enquanto permanecermos no nível relativo. A prece última é viverna verdade última, a natureza da mente, além de qualquer dualidade, onde a mente, as aparências e as deidades se revelam como tendo uma única essência.

Até que tenhamos alcançado esse nível, enquanto estivermos percebendo o sofrimento e o medo como algo real, também chamamos por uma deidade que percebemos como tendo uma existência fora de nós. Porém, ela realmente nos traz auxílio e proteção.

É preciso diferenciar entre a realização da não dualidade e o presente estado no qual toda a nossa experiência é vivida em uma constante dualidade entre sujeito e objeto.

Pergunta: A prece que dirigimos a Tara pode parecer contraditória em relação ao ideal da ausência de desejo, de estarmos contentes com aquilo que temos. Enquanto que outras preces dizem, por exemplo, "Concede-nos a ausência de necessidades!", a prece dirigida a Tara parece dizer, "Concede-nos tudo o que desejamos!". No texto que se segue à recitação da louvação durante o ritual, está escrito, "Pela recitação desta louvação duas, três e sete vezes, se quisermos um filho, teremos um filho; se quisermos riqueza, teremos riqueza; e todos os desejos serão atendidos".

Resposta: Tara atende às preces de todos, qualquer que seja o nível de compreensão da pessoa. Em sua compaixão, ela busca aliviar os seres do sofrimento assim que ele surge. Se o sofrimento de uma pessoa está em um plano bastante material, é a uma prece que expressa esse tipo de pedido material que ela responderá. Se outra pessoa, tendo alcançado um nível mais profundo, entender que a causa do sofrimento é a constante renovação de todos os nossos desejos, e orar para que nasça a ausência de necessidades dentro de si, então é essa ausência de necessidades que Tara concederá. A pessoa que ora para que a devoção cresça dentro de si, ou para que a realização do Mahamudra se revele, também receberá uma bênção de acordo com as suas aspirações.

As coisas podem ser entendidas em diversos níveis. Quando se diz, por exemplo, que a pessoa que deseja ter uma criança terá uma criança, partindo de um ponto de vista comum, isso apenas significa uma criança para uma família na qual seria um grande sofrimento não ter uma criança. Nesse caso, Tara lhes dará proteção contra tal sofrimento.

Caso contrário, não faria o menor sentido um monge orar para ter uma criança. Porém, de um ponto de vista mais profundo, “criança” significa “discípulo” (em tibetano, a palavra para discípulo pode ser *lopma*, que significa simplesmente “estudante”, ou *bulop*, que significa “estudante-criança”). Um lama pode aspirar a obter bons discípulos para continuar a sua linhagem espiritual, não com o objetivo de alcançar uma satisfação pessoal, como talvez seria o caso com uma criança física, e sim para garantir a continuidade do ensinamento em benefício dos seres. Assim, é legítimo que um lama ore para obter essas crianças espirituais.

Pergunta: O simples fato de orarmos à deidade, mesmo que seja por necessidades materiais, implica em algum benefício espiritual, como a acumulação de mérito?

Resposta: Depende da motivação. Se uma pessoa ora, por exemplo, para obter riqueza com o pensamento de que essa riqueza será útil para aliviar a pobreza, para auxiliar aos outros de alguma maneira, ou para fazer uma oferenda, neste caso, acumula-se mérito porque a prece é motivada por um pensamento altruísta. Se a pessoa estiver pensando apenas em seu benefício pessoal, não há acumulação de mérito. Por meio de sua prece, a pessoa receberá o auxílio da deidade para aliviar o seu sofrimento momentâneo, mas a prece não produzirá qualquer mérito.

Porém, como vimos no exemplo de Amala, que venceu todos os seus julgamentos ao invocar Tara, ao nos dirigirmos a Tara com confiança, mesmo se buscamos obter benefícios materiais, a nossa mente receberá a bênção da deidade. Essa bênção, no longo prazo, fará com que entremos no caminho da verdadeira espiritualidade.

Pergunta: A prece dirigida a Tara nos permite obter tudo o que desejamos, qualquer que seja o nosso desejo. Mas e se o nosso desejo não é algo bom, como por exemplo, o desejo que um ladrão tem de ser bem sucedido?

Resposta: A dedicação dos budas e bodisatvas é inteiramente voltada a beneficiar os seres. Os budas e bodisatvas têm três grandes qualidades: o conhecimento de tudo, o amor por todos os seres, e o poder de auxiliá-los. Eles auxiliam os seres não apenas por amor, mas eles também não cometem erros em relação aos meios de fazê-lo. Portanto, Tara responde aos desejos dos seres apenas se esses desejos tiverem a característica de trazer a eles uma felicidade maior de um ponto de vista temporal e espiritual. Ela não responderia a um desejo que conduzisse a atos negativos ou a novos sofrimentos futuros.

Como podemos nos cegar em relação ao que nos é benéfico ou prejudicial, em algumas preces pedimos que a deidade use o seu discernimento. Por exemplo, dizemos, “se isso for bom para mim, que o meu desejo possa se realizar; se isso não for bom, que ele não se realize”, ou “se este não for um bom desejo, que o seu pensamento não se forme em minha mente; e mesmo se ele se formar, que ele não se realize!”

Pergunta: Afirma-se que a lei do carma é infalível, e que vamos necessariamente experimentar os resultados dos nossos atos. O fato de orarmos para obtermos aquilo que não temos, ou para eliminarmos circunstâncias dolorosas na nossa existência, não vai contra essa noção de infalibilidade?

Resposta: Os carmas individuais são variados, e de diferentes tipos. Alguns karmas podem não se modificar. Nesse caso, se carregamos o carma que determina a ocorrência de um evento doloroso, ele ocorrerá. Se, ao contrário, não temos o carma para a manifestação de

uma circunstância afortunada, ela não se manifestará. A prece dificilmente será capaz de mudar as coisas.

Quando dizemos que a lei do carma é infalível, isso significa que uma causa necessariamente produzirá o seu efeito se nada a impedir de acontecer. Mas se novos elementos entram em jogo, é possível uma mudança. A devoção e a oração sinceras, bem como o arrependimento dos atos negativos do passado, são fatores que podem modificar o carma. Existem meios profundos relacionados a seres genuinamente despertos, ou a deidades como Tara. Isso porque esses meios permitem que a purificação modifique o carma. A menos que esses fatores se apresentem, o carma efetivamente produz os seus efeitos de maneira infalível.

A semente de uma erva daninha crescerá infalivelmente, a não ser que arranquemos o seu novo broto.

INICIAÇÕES

Já possuímos o “coração do despertar” (também podemos dizer, os Quatro Corpos do Despertar¹¹), mas não alcançamos a sua realização até o presente momento. Ele permanece em estado latente e encoberto por diversos véus cármicos. Portanto, é necessário desvelá-lo para que ele possa se revelar tal como é.

A função da iniciação é abrir um processo que nos permite purificar os véus e “despertar” os quatro Corpos, para que eles possam passar de um estado virtual para um estado real.

Uma iniciação só pode ser conferida por um mestre vajra (*vajracharya*) que pertença à tradição Vajrayana e tenha certas características:

- Que já tenha recebido a iniciação da deidade que ele ou ela está pronto(a) para transmitir aos outros;
- A iniciação deve ter sido transmitida até ele através de uma linhagem ininterrupta;
- Ele ou ela deve ter realizado a prática da deidade.

A iniciação em si é representada na forma de um ritual com visualizações, recitações de mantras, realização de mudras e o uso de objetos diversos.

Uma iniciação pode ser dada a um grupo numeroso de pessoas (como é no caso de Tara), com a única condição de que todas elas já tenham tomado refúgio e desejem receber a iniciação; ou pode ser dado a pequenos grupos, e até mesmo a um único indivíduo.

A INICIAÇÃO DE TARA

Para a mesma deidade, existem diversas iniciações que correspondem a várias linhagens, tantras ou níveis de prática. Para Tara, existe uma prática externa, uma prática interna e uma prática secreta, e cada uma delas requer uma iniciação.

A iniciação de Tara concedida em público é a iniciação da prática externa, que pertence ao Kriya Tantra. Ela é composta de um ritual chamado, em sentido estrito, de

“permissão”, que por sua vez é dividido em três partes: permissão do Corpo (da deidade), permissão da Fala, e permissão da Mente.

- Pela permissão do Corpo da deidade, o(a) discípulo(a) é purificado(a) de faltas e véus do corpo (ou seja, daquilo que resulta de atos negativos por meio do corpo). O(a) discípulo(a) recebe então a permissão para meditar sobre o corpo da deidade, especificamente visualizando a si mesmo(a) na forma de Tara. Ritualmente, a permissão do Corpo é concedida, juntamente com diversas visualizações, colocando-se o vaso ritualístico (em tibetano, *bumpa*) sobre a cabeça do(a) discípulo(a), e ele ou ela recebe algumas gotas da água desse vaso para beber na palma de sua mão.
- Pela permissão da Fala da deidade, o(a) discípulo(a) é purificado(a) dos véus e das faltas de sua fala. Ele ou ela recebe a permissão para recitar o mantra de Tara. Ritualmente, a permissão da Fala é concedida pela repetição do mantra, apoiando-se no uso de um mala.
- Pela permissão da Mente da deidade, o(a) discípulo(a) é purificado(a) dos véus e faltas da mente. Essa permissão é concedida por meio da representação do lótus que Tara segura em sua mão. Àqueles que a recebem, ela permite absorver em suas mentes a contemplação (*samadhi*) da deidade.

Como esses três passos dão ao(à) discípulo(a) o “poder” (em tibetano, *wang*) de visualizar a deidade, de recitar o seu mantra e de realizar a sua contemplação, o ritual é chamado de “transmissão de poder” (em tibetano, *wang kur*), uma expressão com a qual se designa a iniciação em tibetano.

As outras iniciações de Tara, especialmente as que fazem parte dos tantras superiores, podem ser apresentadas de modo ligeiramente diferente e possuem uma estrutura mais complexa.

Pergunta: A permissão da mente permite ao(à) discípulo(a) “absorver em sua mente a contemplação da deidade”. O que significa “contemplação” nesse contexto?

Resposta: A contemplação da deidade se aplica às diferentes meditações:

- Por um lado, a atividade da mente que imagina claramente o corpo, as roupas, os ornamentos, os atributos e a sílaba-semente no coração da divindade, é uma contemplação.
- Por outro lado, e principalmente, a contemplação significa permanecer em um estado no qual a nossa própria mente e a mente da deidade são inseparáveis, em um estado natural, sem construção mental, e livre de distrações. Ela equivale, assim, à meditação Mahamudra.

Pergunta: No caso de Avalokiteshvara (em tibetano, Tchenrezig), é possível recitar o mantra mesmo sem termos recebido a iniciação. O mesmo acontece em relação à Tara?

Resposta: Nos tantras superiores, não é permitido meditar sobre o corpo da deidade ou recitar o mantra sem que a pessoa tenha recebido primeiro a iniciação. Porém, nos casos de deidades como Avalokiteshvara ou Tara, que representam acima de tudo a atividade búdica, consideramos que mesmo se a pessoa não tiver recebido a iniciação, contanto que ela tenha devoção por essas deidades, ela pode orar para elas e recitar os seus mantras. Isso é benéfico. Porém, o efeito será maior quando a pessoa tiver recebido a iniciação.



4 – A LOUVAÇÃO

NOTAS SOBRE A TRADUÇÃO DA LOUVAÇÃO

A Louvação às Vinte e Uma Taras é uma prece muito usada na Prática de Tara. É raro que um tibetano não a saiba de cor. Lavradores simples analfabetos a recitam tão frequentemente quanto os monges nos mosteiros.

A louvação é extraída de um Tantra de Tara, e vimos anteriormente como os tantras são textos de difícil compreensão, apresentando-se de forma elíptica, frequentemente codificada, e objeto de múltiplas interpretações. O texto da Louvação, tal como aparece em tibetano, é praticamente incompreensível sem o auxílio de um comentário. Como muitos comentários nem sempre trazem a mesma interpretação para as passagens selecionadas, diversas traduções são possíveis. A tradução que oferecemos aqui se baseia no comentário de Taranatha. A explicação de Bokar Rinpoche sobre a louvação não significa, portanto, que algumas traduções referindo-se a outros comentários são errôneas, tampouco que as outras traduções devem levar as pessoas a considerar que a presente tradução é imprecisa.

Uma tradução completa da Louvação palavra por palavra seria quase impossível de se ler, não apenas porque ela precisaria respeitar uma sintaxe que caminha para um alto nível de abstração, mas também porque o estilo ficaria pesado, sobrecarregado com advérbios como “completamente”, “inteiramente”, “perfeitamente” e assim por diante. Esses modificadores abundam no tibetano. A sua função, devemos dizer, é mais a de servir como uma maneira de preencher as sílabas para completar uma linha do que a de produzir um significado. Procuramos fazer a tradução tão fiel e acurada quanto parece possível, buscando preservar a harmonia da língua, sem a qual a própria noção de uma louvação – que implica na ideia de uma oferenda de palavras – perderia parte do seu valor.

Não procuramos traduzir a louvação de uma maneira que torne o significado do texto mais explícito. Mantivemos o estilo elíptico do texto original em algumas expressões, e nossa tradução termina sendo, em alguns momentos, tão enigmática quanto o texto. Caberá a um comentário a tarefa de erguer o véu do mistério.

ཨོཾ་རྗེ་བཙུན་མ་འཇགས་མ་སྐྱོལ་མ་ལ་བྱུག་མཚལ་ལོ།

OM, homenagem a Venerável e Nobre

བྱུག་མཚལ་ཏུ་རེ་མུར་མ་དབའ་མོ།

Liberadora. Homenagem a TARA, a rápida e

ཏྲ་ཏུ་ར་ཡིས་འཇིགས་བ་སེལ་མ།

corajosa, que por TUTTARA todos os medos

ཏྲ་རེས་དོན་ཀུན་སྐྱིན་བའི་སྐྱོལ་མ།

dissipa, a Liberadora que concede todo o bem

སྣ་རྣམས་ལོ་གཞིན་ལ་འདུད་དོ།

por TURE, diante de Vós prosterno-me com as

sílabas SOHA.

བྱུག་མཚལ་སྐྱོལ་མ་མུར་མ་དབའ་མོ།

Homenagem à Liberadora, rápida e corajosa,

སྐྱུན་ནི་རྣམ་ཅིག་སྐྱོག་དང་འབྲས་མ།

cujos olhos são rápidos como um raio, surgida

འཇིག་རྟེན་གསུམ་མགོན་ཚུ་སྐྱེས་ལལ་གྱི།

das miríades de pistilos da face de lótus do

གོ་སར་བྱེ་བ་ལས་ན་བྱུར་མ།

Protetor dos três mundos.

|སྤྱུག་འཚལ་སྟོན་ཀའི་སྒྲ་བ་ཀུན་ཏུ།
|གང་བ་བརྒྱ་ནི་རྩེགས་པའི་ཞལ་མ།
|སྐར་མ་སྟོང་ལྷག་ཚོགས་པ་རྣམས་ཀྱིས།
|རབ་ཏུ་སྤྱེ་བའི་འོད་རབ་འབར་མ།

Homenagem àquela que flameja como milhares de estrelas reunidas, cuja face brilha como cem luas de outono.

|སྤྱུག་འཚལ་གསེར་སྟོ་རྩུ་ནས་སྐྱེས་ཀྱི།
|བསྐྱས་སྤྱུག་ནི་རྣམ་པར་བརྒྱན་མ།
|སྦྱིན་པ་བརྩོན་འགྲུས་དཀའ་ལུབ་ཞི་བ།
|བཟོན་པ་བསམ་གཏན་སྦྱོད་ཡུལ་ཉིད་མ།

Homenagem àquela cuja mão é adornada por um lótus azul e dourado, surgido da água, cujo domínio da atividade é generosidade, esforço, austeridade, paz, paciência e estabilidade meditativa.

|སྤྱུག་འཚལ་དེ་བཞིན་གཤེགས་པའི་གཙུག་ཏོར།
|མཐའ་ཡས་རྣམ་པར་རྒྱལ་བ་སྦྱོད་མ།
|མ་ལུས་པ་རོལ་བྱིན་པ་ཐོབ་པའི།
|རྒྱལ་བའི་སྲས་ཀྱིས་ཤིན་ཏུ་བརྟེན་མ།

Homenagem àquela que está no alto da cabeça do Tathagata, que desfruta da vitória completa e ilimitada, a quem se remetem com completa confiança, os Bodisatvas que alcançaram, sem exceção, as perfeições.

|སྤྱུག་འཚལ་ཏུར་རྩྱུ་ཡི་གེས།
|འདོད་དང་སྤྱོད་སྤོངས་དང་ནམ་མཁའ་གང་མ།
|འཛིག་རྟེན་བདུན་པོ་ཞབས་ཀྱིས་མཐོན་ཏེ།
|ལུས་པ་མེད་པར་འགྲུགས་པར་རུས་མ།

Homenagem àquela que com as sílabas TUTARA HUM, preenche [a esfera] do desejo, o céu e as direções, pressiona com os seus pés os sete mundos, e, sem exceção, é capaz de atrair a todos.

|སྤྱུག་འཚལ་བརྒྱ་བྱིན་མེ་ལྷ་ཚངས་པ།
|རྩུང་ལྷ་སྣ་ཚོགས་དབང་སྤྱུག་མཚོད་མ།
|འབྱུང་པོ་རོ་ལངས་ཀྱི་ཟ་རྣམས་དང་།
|གཞོན་སྦྱིན་ཚོགས་ཀྱིས་མདུན་ནས་བསྟོད་མ།

Homenagem àquela a quem Indra, Agni, Brahma, Vayudeva e a assembleia de poderosos apresentam oferendas; diante da qual se inclinam os elementais, rolangs, comedores de cheiros e espíritos malevolentes.

ལྷག་འཚལ་ཏུ་ཅེས་བྱ་དང་མཎ་གྱིས།
ལ་ཐོལ་འཇུག་འཁོར་རབ་ཏུ་འཛོམས་མ།
ལག་ལས་བསྐྱམས་གཡོན་བརྒྱུད་ལྟེང་གིས་མཐོན་ཏེ།
མི་འབར་འཇུགས་པ་གིན་ཏུ་འབར་མ།

Homenagem àquela que submete completamente as maquinações dos adversários com TRE e PE, está com a perna direita fletida e pisoteia com a perna esquerda estendida e flameja em meio às labaredas.

ལྷག་འཚལ་ཏུ་རེ་འཛིགས་པ་ཆེན་མོ།
ལདུད་གྱི་དཔའ་བོ་རྣམ་པར་འཛོམས་མ།
ལྷ་སྐྱེས་ལལ་ནི་ལྷོ་གཉེར་ལྷན་མཛད།
ལདག་བོ་ཐམས་ཅད་མ་ལུས་གསོད་མ།

Homenagem à TURE [rápida], a grande aterrorizante, que vende completamente os guerreiros do demônio; que franzindo sua face de lótus, mata todos os inimigos sem exceção.

ལྷག་འཚལ་དགོན་མཚོག་གསུམ་མཚོན་ལྷག་རྒྱུ།
ལོར་མོས་ལྷགས་ཀར་རྣམ་པར་བརྒྱན་མ།
ལ་ལུས་ལྷོགས་གྱི་འཁོར་ལོས་བརྒྱན་པའི།
ལང་གི་འོད་གྱི་ཚོགས་རྣམས་འཇུགས་མ།

Homenagem àquela cujos dedos apresentam o mudra das três Raras e Sublimes, adornando o seu coração e irradia com a sua própria luz no círculo das direções.

ལྷག་འཚལ་རབ་ཏུ་དགའ་བ་བརྗིད་པའི།
ལདུ་རྒྱན་འོད་གྱི་ཕྱིར་བ་སྤེལ་མ།
ལལན་པ་རབ་ལལན་ཏུ་རྩེ་ར་ཡིས།
ལདུད་དང་འཛིག་ཉེན་དབང་དུ་མཛད་མ།

Homenagem àquela que propaga de sua tiara guirlandas de luz, o brilho de sua perfeita alegria, com a sua risada e TUTTARA submete os demônios e os mundanos.

ལྷག་འཚལ་ས་གཞི་སྐྱོང་བའི་ཚོགས་རྣམས།
ལམས་ཅད་འཇུགས་པར་ལུས་མ་ཉིད་མ།
ལྷོ་གཉེར་གཡོ་བའི་ཡི་གེ་རྩྱུ་གིས།
ལོངས་པ་ཐམས་ཅད་རྣམ་པར་སྐྱོལ་མ།

Homenagem àquela que pode convocar todas as assembleias dos guardiões da terra, que com o movimento de sua expressão irada e da letra HUM libera completamente de toda a pobreza.

|ཕྱག་འཚལ་རྒྱ་བའི་དུམ་བུས་དབུ་བརྒྱན།
|བརྒྱན་པ་ཐམས་ཅད་ཤིན་ཏུ་འབར་མ།
|རལ་བའི་ཁྲོད་ནས་འོད་དཔག་མེད་ལས།
|ཉག་པར་ཤིན་ཏུ་འོད་རབ་མཛད་མ།

Homenagem àquela que tem uma lua crescente como diadema, de quem todos os ornamentos irradiam; ela está irradiando continuamente luz proveniente de Amitabha, que está em sua ampla cabeleira.

|ཕྱག་འཚལ་བསྐལ་པ་ཐ་མའི་མེ་ལྟར།
|འབར་བའི་ཐྱེང་བའི་དབུས་ན་གནས་མ།
|གཡས་བརྒྱངས་གཡོན་བསྐྱམས་ཀུན་ནས་བསྐྱོར་དགའི།
|དག་ཡི་དབུང་ནི་རྣམ་པར་འཛོམས་མ།

Homenagem àquela que reside no meio de uma guirlanda de chamas que flameja como o fogo de um fim de Kalpa, com a perna direita estendida e a esquerda fletida, dança com alegria e submete a horda dos inimigos.

|ཕྱག་འཚལ་ས་གཞིའི་ངོས་ལ་ཕྱག་གི།
|མཐིལ་གྱིས་བསྐྱུན་ཅིང་ཞབས་གྱིས་བརྟུང་མ།
|ཁྲོ་གཉེར་ཅན་མཛད་ཡི་གོ་རྗེ་གིས།
|རིམ་པ་བདུན་པོ་རྣམས་ནི་འགོམས་མ།

Homenagem àquela que golpeia a terra com a palma da mão, pisoteia com os pés e com uma expressão irada e a sílaba HUM submete os sete mundos.

|ཕྱག་འཚལ་བདེ་མ་དག་མ་ཞི་མ།
|ལྷ་ངན་འདས་ཞི་སྐྱོད་ཡུལ་ཉིད་མ།
|སྣ་རྣམས་ཡོད་ཡང་དག་ལྷན་པས།
|སྤྲིག་པ་ཆེན་པོ་འཛོམས་པ་ཉིད་མ།

Homenagem àquela que é felicidade, virtude e paz, cujo domínio é a paz do além do sofrimento, com o mantra puro de OM a SO HA submete as grandes negatividades.

|ཕྱག་འཚལ་ཀུན་ནས་བསྐྱོར་རབ་དགའ་བའི།
|དག་ཡི་ལུས་ནི་རབ་ཏུ་འགོམས་མ།
|ཡི་གོ་བརྒྱ་བའི་དག་ནི་བཞོད་པའི།
|རིག་པ་རྗེ་ལས་སྐྱོལ་མ་ཉིད་མ།

Homenagem àquela que concede perfeita alegria a todo o seu redor, submete o corpo dos inimigos, à Liberadora que surge da sílaba HUM e da disposição do mantra de dez sílabas do conhecimento direto.

Origem da Louvação

A Louvação a Tara, chamada de Louvação das Vinte e Uma Homenagens, não é um texto com origem humana. Ela está contida em um tantra denominado Os Setecentos Pensamentos, O Rei do Tantra de Tara¹².

Vimos anteriormente que os tantras habitam a onisciência da mente dos Budas, além de todo tempo e manifestação, e que eles foram revelados em uma época em que isso se tornou necessário. Diz-se que o tantra contendo a louvação foi pronunciado pelo Buda Vairochana – não que ele o tenha pronunciado com sua boca, e sim que ele o emitiu a partir da protuberância da sua coroa¹³.

Originalmente escrita em sânscrito, a louvação foi mais tarde traduzida ao tibetano, e, juntamente com o tantra que a contém, ela integra o Kangyur, ou seja, a coleção tibetana de textos canônicos que compilam as palavras do Buda.

Muitos comentários já foram escritos para elucidar o significado da louvação – que, sem eles, permaneceria praticamente incompreensível. Tendo variados pontos de vista, esses comentários oferecem interpretações muito diferentes. Aqui, estamos seguindo o comentário de Taranatha.

Taranatha foi um grande estudioso, famoso por seu conhecimento de sânscrito – escreveu uma gramática para ser usada pelos tibetanos –, que viveu no século XVII (1575-1638). Ele não chegou a ir pessoalmente à Índia, mas estudou com quatro grandes estudiosos indianos que ele hospedou no seu mosteiro. Ele foi considerado como alguém que havia reencarnado na Índia em muitas vidas anteriores como um estudioso. As tendências assim deixadas em sua mente explicam a facilidade com que ele estudava o sânscrito.

Seus trabalhos escritos foram prolíficos. Traduziu tantras com notoriedade, tendo devotado muitas obras a Tara, e redigiu vários tratados sobre o Kalachakra, aos quais a linhagem que ele encabeçava (a linhagem Jonang) atribuiu grande importância.

COMO RECITAR A LOUVAÇÃO

A louvação dirigida a Tara baseia-se no reconhecimento da grandeza de Tara. Em essência, Tara é Prajnaparamita, a origem ou “Mãe” de todos os Budas. Ela também reuniu em si toda a atividade de todos os Budas e Bodisatvas. As qualidades do seu corpo, da sua fala e da sua mente são infinitas. Portanto, ela é merecedora da louvação.

Ao recitarmos a louvação, criamos mentalmente um número infinito de corpos semelhantes aos nossos próprios corpos, que se prostram e recitam o texto de maneira conjunta. Em uma atitude de grande reverência e profunda confiança, a nossa mente ora para que a deidade nos proteja de todo sofrimento e de todos os medos do samsara, e para que nos conceda o nosso pedido. Quanto à nossa fala, durante a recitação do texto, pensamos que todos os sons agradáveis no universo a acompanham.

A recitação da louvação requer uma devoção intensa, uma total confiança em Tara, que oramos do fundo do nosso coração com o pedido: “Proteja-nos!”.

Assim recebemos a bênção que nos purifica, que nos faz acumular mérito, que nos protege e nos auxilia a obter aquilo que almejamos.

EXPLICAÇÃO DA LOUVAÇÃO

Estrofe Preliminar

ཨོ་རྗེ་བཙུན་མ་འཕགས་མ་སྐྱོལ་མ་ལ་བྱུག་མཚལ་ལོ།	OM, homenagem a Venerável e Nobre
བྱུག་མཚལ་ཏུ་རེ་མུར་མ་དབའ་མོ།	Liberadora. Homenagem a TARA, a rápida e
ཏུ་རྩུ་ར་ཡིས་འཛིགས་བ་སེལ་མ།	corajosa, que por TUTTARA todos os medos
ཏུ་རེས་དོན་ཀུན་སྐྱིན་པའི་སྐྱོལ་མ།	dissipa, a Liberadora que concede todo o bem
སྐྱོ་ཏུ་ཡི་གོ་ཁྱོད་ལ་འདུད་དོ།	por TURE, diante de Vós prosterno-me com
	as sílabas SOHA.

Essa estrofe não faz parte do tantra. Ela foi adicionada posteriormente e não é considerada como uma das 21 estrofes da louvação. Como ela inclui o mantra OM TARE TUTTARE TURE SOHA, ela é às vezes chamada de "louvação do mantra". O seu significado é o seguinte.

- OM vem no início da frase, pois é a sílaba inicial no mantra de Tara.
- VENERÁVEL: Em tibetano, essa palavra tem duas sílabas (*je-tsun*). A primeira sílaba significa "venerável", e a segunda, "rainha", e cada uma tem algumas implicações.
 - 'Venerável' significa que nos dirigimos a Tara como a figura soberana de todos os lugares do refúgio.
 - 'Rainha' significa "que não é maculada por defeitos".
- NOBRE: ela é superior a todas as aparências temporais e seres no samsara.
- LIBERADORA: pela sua atividade, ela libera todos os seres samsáricos dos seus sofrimentos e os estabelece na felicidade. Liberadora também é o significado da palavra Tara.
- TARA: parte do mantra, repetindo o nome da deidade.
- RÁPIDA: movida por grande compaixão, quando Tara vem auxiliar os seres, ela o faz sem protelação ou atraso.
- CORAJOSA: Tara mostra sua coragem sem limites, e sem fraquezas, ao proteger os seres do sofrimento, seja de modo temporal ou último.
- TUTTARA: parte do mantra.
- DISSIPA TODOS OS MEDOS: ao protegê-los, Tara elimina os medos dos seres no samsara.

- TURE: parte do mantra.
- CONCEDE TODO OBEM: Tara concede todos os benefícios, sejam eles temporais ou últimos.
- SOHA: parte final do mantra.
- PROSTERNO-ME: rendo homenagem com o corpo, a fala e a mente.

Estrofe 1

།ཕྱག་འཚལ་སྐྱོལ་མ་ལྷུང་མ་དང་འཇོ།

།སྐྱུན་ནི་རྣམ་ཅིག་གློག་དང་འབྲ་མ།

།འཛིག་རྟེན་གསུམ་མགོན་ཐུ་སྐྱེས་ཞལ་གྱི།

།ཤག་སར་བྱེ་བ་ལས་ན་བྱུང་མ།

Homenagem à Liberadora, rápida e corajosa,
cujo olhar é rápido como um raio, surgida
das miríades de pistilos da face de lótus do
Protetor dos três mundos.

Essa estrofe mostra que Tara é digna de louvação por possuir as três qualidades de uma mente desperta: amor, poder e sabedoria.

- RÁPIDA: o fato de que ela rapidamente realiza o benefício em favor dos seres com compaixão é o primeiro sinal do seu amor.
- CORAJOSA: sua ausência de medo e fraqueza ao proteger os seres de todos os perigos confirma o seu poder.
- OLHAR RÁPIDO COMO UM RAIOS: Tara tem a visão (o olho) da sabedoria primordial; essa sabedoria, instantânea como um raio, dá a ela a capacidade de ver e entender todos os fenômenos.
- LIBERADORA: por causa desse amor, desse poder e sabedoria, Tara libera os seres dos sofrimentos do samsara, e os estabelece na felicidade. Portanto, ela é chamada de “a liberadora”.

As duas linhas seguintes referem-se à origem de Tara por um ponto de vista relativo.

- PROTETOR DOS TRÊS MUNDOS: refere-se a Avalokiteshvara (Chenrezig). Os três mundos que ele vela são o subterrâneo, na terra, e acima da existência na terra; ou seja, todas as classes de seres.
- FACE DE LÓTUS: o lótus ("nascido da água") indica a beleza; a metáfora salienta a beleza da face de Tchenrezig;
- MIRÍADES DE PISTILOS: segue a mesma metáfora.

Essas duas linhas também aludem à história que conta que Tara surgiu a partir de uma lágrima de Avalokiteshvara. Além desse significado literal, Taranatha também faz uma interpretação no nível da verdade última. Neste caso, o Protetor dos Três Mundos designa o Corpo Absoluto (Darmakaya), e Tara é uma expressão do corpo formal (Rupakaya), emitido a partir da dinâmica do Corpo Absoluto.

Estrofe 2

།སྤྱུག་འཚལ་སྟོན་ཀའི་ལྷ་བ་ཀུན་ཏུ།

།གང་བ་བརྒྱ་ནི་རྩིགས་པའི་ཞལ་མ།

།སྐར་མ་སྟོང་སྤྱག་ཚོགས་པ་རྣམས་ཀྱིས།

།རབ་ཏུ་སྤྱེ་བའི་འོད་རབ་འབར་མ།

Homenagem àquela que flameja como milhares de estrelas reunidas, cuja face brilha como cem luas de outono.

- AQUELA CUJA FACE BRILHA COMO CEM LUAS DE OUTONO: a luminosidade da face de Tara é comparável à plena radiância de cem luas cheias de outono. Na Índia, a lua do outono tem um brilho especial à noite, enquanto que no verão (estação das chuvas), o céu é obscurecido por nuvens e pela umidade. No inverno, o céu está parcialmente encoberto por partículas de poeira no ar. No outono, o céu é extremamente límpido.

- AQUELA QUE FLAMEJA COMO MILHARES DE ESTRELAS REUNIDAS: enquanto as duas linhas anteriores louvam a luminosidade da face de Tara, agora, é o resplendor do corpo de Tara, que a luz das estrelas faz referência.

Estrofe 3

།སྤྱུག་འཚལ་གསེར་སྟོ་ལྷ་ནས་སྤྱེས་ཀྱི།

།པདྨས་སྤྱག་ནི་རྣམ་པར་བརྒྱན་མ།

།སྦྱིན་པ་བརྩོན་འགྲུས་དཀའ་ཐུབ་ནི་བ།

།བཟོད་པ་བསམ་གཏན་སྦྱོད་ཡུལ་ཉིད་མ།

Homenagem àquela cuja mão é adornada por um lótus azul e dourado, surgido da água, cujo domínio da atividade é generosidade, esforço, austeridade, paz, paciência e estabilidade meditativa.

- UM LÓTUS AZUL E DOURADO, SURGIDO DA ÁGUA: ‘surgido da água’ é uma metáfora para o lótus; aqui, o estame é de cor dourada, enquanto que a flor é azul.

As duas linhas seguintes indicam que Tara possui plenamente os seis paramitas, as seis perfeições dos bodisatvas.

- GENEROSIDADE: paramita da generosidade;
- ESFORÇO: paramita do esforço ou diligência;
- AUSTERIDADE: designa aqui a paramita da ética;

- PAZ: refere-se à paramita da sabedoria (prajnaparamita);
- PACIÊNCIA: paramita da paciência;
- ESTABILIDADE MEDITATIVA: paramita da meditação.

Estrofe 4

།སྤྱུག་འཚོལ་དེ་བཞིན་གཤེགས་པའི་གཙུག་ཏོར།
 །མཐའ་ཡས་རྣམ་པར་རྒྱལ་བ་སྤྲོད་མ།
 །མ་ལུས་ལ་ཐོལ་སྤྱིན་པ་ཐོབ་པའི།
 །རྒྱལ་བའི་སྲས་ཀྱིས་ཤིན་ཏུ་བསྟེན་མ།

Homenagem àquela que está no alto da cabeça do Tathagata, que desfruta da vitória completa e ilimitada, a quem se remetem com completa confiança, os Bodisatvas que alcançaram, sem exceção, as perfeições.

- NO ALTO DA CABEÇA DO TATHAGATA: diz-se que a louvação de Tara foi pronunciada pelo Buda (Tathagata, O Abençoado) Vairochana, não a partir de sua boca, e sim da protuberância no topo de sua cabeça, assim como nas de todos os Budas. "O alto da cabeça do Tathagata" se refere à protuberância craniana, bem como, metaforicamente, à louvação que vem dela, e àquela a quem essa louvação se direciona, Tara.
- ILIMITADA: se refere aos benefícios que advêm da louvação. Quando a recitamos, Tara efetivamente nos concede tudo o que pedimos a ela.
- VITÓRIA: a louvação alcança a mesma vitória completa sobre todas as circunstâncias adversas, onde quer que elas ocorram. Enquanto os benefícios ilimitados se relacionam à dádiva que desejamos, a vitória se relaciona ao auxílio que Tara nos traz para que possamos vencer as aflições e os perigos.

O comentário de Taranatha explica as primeiras duas linhas dessa estrofe da seguinte maneira: "Homenagem [àquela que detém o mantra que surge da] Coroa do Bem-aventurado [Vairochana], aquela que desfruta o ilimitado [dos benefícios] e a vitória [trazida pelo mantra, sobre todas as circunstâncias adversas]". Taranatha usa o termo "mantra" aqui, mas parece que é para designar a louvação, e não o mantra em si.

- BODISATVAS: são os bodisatvas dos dez estágios, chamados de Filhos dos Budas (Conquistadores).
- AS PERFEIÇÕES: referem-se as dez paramitas, ou seja, as seis paramitas vistas na estrofe anterior (generosidade, ética, paciência, esforço, meditação e sabedoria), acrescidas das seguintes:
 - paramita dos meios hábeis;
 - paramita das aspirações;
 - paramita do poder;
 - paramitada sabedoria (*jnana*).

Estrofe 5

།སྐྱུ་འཚེ་འཁྲུ་རྩྱུ་ཡི་གེས།

།འདོད་དང་སྤྱོད་དང་ནམ་མཁའ་གང་མ།

།འཛིག་རྟེན་བདུན་པོ་ཞབས་ཀྱིས་མནན་ཏེ།

།ལུས་པ་མེད་པར་འགྲུགས་པར་བྱས་མ།

Homenagem àquela que com as sílabas

TUTARA HUM, preenche [a esfera] do desejo,

o céu e as direções, pressiona com os seus

pés os sete mundos, e, sem exceção, é capaz

de atrair a todos.

- TUTTARA e HUM: mantras usados por Tara para realizar a atividade mencionada na estrofe.
- DESEJO: a "esfera do desejo". A cosmologia budista divide as possibilidades da existência em três esferas, ou domínios: a esfera do desejo (infernos, espíritos famintos, animais, seres humanos, semideuses e algumas categorias de deuses), a esfera da forma (outras categorias de deuses em níveis mais sutis), e a esfera sem forma (outras categorias de deuses em níveis ainda mais sutis). O "desejo" designa a primeira dessas esferas.
- O CÉU: compreende as esferas da forma e sem forma – o desejo e o céu se referem ao universo específico em que vivemos, nosso sistema solar, como diríamos hoje.
- DIREÇÕES: no espaço infinito, desenvolve-se um infinito número de universos, cada um contendo uma esfera do desejo, uma esfera da forma e uma esfera sem forma (portanto, existem muitos sistemas solares). A atividade de Tara ocorre nas dez direções (os quatro pontos cardeais, os quatro pontos intermediários, o zênite e o nadir), aplicando-se a todos os universos, e não somente ao nosso.
- OS SETE MUNDOS: sete níveis de existência habitados por sete classes de seres:
 - nagas: espíritos das correntes da água e da terra;
 - pretas: (espíritos famintos) classes de seres que estão sempre famintos;
 - asuras: (semideuses) seres poderosos, orgulhosos e conflituosos;
 - seres humanos;
 - vidhyadharas (detentores do conhecimento): ao que tudo indica, refere-se aqui aos indivíduos que, após terem desenvolvido poderes psíquicos (poderes dos iogues), vivem em níveis não humanos, porém, sem terem alcançado a libertação;
 - kinnara: seres com um corpo humano e uma cabeça de cavalo;
 - devas: deuses das três esferas (do desejo, da forma e sem forma).
- PRESSIONA COM OS SEUS PÉS OS SETE MUNDOS, E, SEM EXCEÇÃO, É CAPAZ DE ATRAIR A TODOS: metáforas significando que com o seu poder, Tara pode facilmente exercer influência sobre os sete mundos. Ela pode chamar esses seres para si e cobri-los com sua atividade compassiva: para afastar a atividade negativa que eles suportam, liberá-los dos seus sofrimentos e firmá-los no estado de felicidade.

Estrofe 6

ལྷ་ལ་འཚལ་བརྒྱ་བྱིན་མེ་ལྷ་ཚངས་པ།
རྣམ་ལྷ་སྣ་ཚོགས་དབང་ལྷ་མཚོད་མ།
འབྲུང་པོ་ལོ་ལངས་བྱི་ཟ་རྣམས་དང་།
གཞོན་སྲིབ་ཚོགས་ཀྱིས་མདུན་ནས་བསྟོད་མ།

Homenagem àquela a quem Indra, Agni, Brahma, Vayudeva e a assembleia de poderosos apresentam oferendas; diante da qual se inclinam os elementais, rolangs, comedores de cheiros e espíritos malevolentes.

As duas primeiras linhas enfatizam a grandeza de Tara, afirmando as honrarias que lhe são reconhecidas pelos grandes deuses da Índia védica.

- INDRA: rei dos deuses;
- AGNI: deus do fogo, que reina sobre os rishis;
- BRAHMA: criador do universo;
- VAYUDEVA: deus do vento, protetor das obras e das artes;
- ASSEMBLÉIA DE PODEROSOS: outros deuses védicos.

As duas linhas finais se referem à homenagem rendida por outras classes de seres normalmente opostos ao Darma, e que vivem nos reinos dos asuras ou pretas.

- ELEMENTAIS: alguns seres, chamados em sânscrito de rakshasa;
- ROLANGS: espíritos que, após invadirem um cadáver, alimentam-se de sangue humano; (em sânscrito, vetala)
- COMEDORES DE CHEIROS: espíritos musicais, que se alimentam de odores (em sânscrito, gandharva)
- ESPÍRITOS MALEVOLENTES: classes de seres (em sânscrito: yaksha) governados por Vaishravana (Namthose).

Estrofe 7

ལྷ་ལ་འཚལ་ཉེན་ཅེས་བྱ་དང་ཕུ་ཀྱིས།
ལ་ལོ་ལྷུ་ལ་ལོར་རབ་ཏུ་འཛོམས་མ།
གཡས་བསྐྱམས་གཡོན་བརྒྱུད་ཞབས་ཀྱིས་མཚན་ཏེ།
མེ་འབར་ལྷུགས་པ་གྱིན་ཏུ་འབར་མ།

Homenagem àquela que submete completamente as maquinações dos adversários com TRE e PE, está com a perna direita fletida e pisoteia com a perna esquerda estendida e flameja em meio às labaredas.

- TRE e PE: sílabas usadas por Tara para realizar a atividade mencionada nessa estrofe. Essas duas sílabas são associadas à atividade violenta.

- **MAQUINAÇÕES DOS ADVERSÁRIOS:** os inimigos são aqueles que buscam prejudicar os indivíduos ou o Darma, valendo-se de diversos métodos, tais como armas, venenos, mantras, e assim por diante. Tara tem o poder de vencer todas as suas maquinações.
- **PISOTEIA COM O SEU PÉ,** tendo a perna direita fletida e a esquerda estendida: para vencer os inimigos, Tara não somente utiliza os mantras TRE e PE, mas também adota uma postura chamada de postura irada. Levantando-se com o seu pé esquerdo, ela pisa sobre os espíritos para subjugar-los, mantendo a perna direita dobrada e a perna esquerda estendida.
- **FLAMEJA EM MEIO ÀS LABAREDAS:** o corpo de Tara está resplandecendo e produz imensas chamas. O fogo primeiro força Yama (deus da morte) e todos aqueles que poderiam ferir nossas vidas a fugir; em segundo lugar, o fogo nos envolve, protegendo-nos.

Estrofe 8

།སྤྱུག་འཚལ་རྩ་རེ་འཛིགས་པ་ཆེན་མོ།
 །བདུད་ཀྱི་དབའ་བོ་རྣམ་པར་འཛོམས་མ།
 །ཆུ་སྤྱེས་ཞལ་ནི་བློ་གཉེར་ལྷན་མཛད།
 །དགྲ་བོ་ཐམས་ཅད་མ་ལུས་གསོད་མ།

Homenagem à TURE [rápida], a grande
 aterrorizante, que vende completamente os
 guerreiros do demônio; que franzindo sua
 face de lótus, mata todos os inimigos sem
 exceção.

- **TURE:** em sânscrito, ágil, um atributo de Tara; também designa uma parte do mantra; Tara usa o poder dessa parte para exercer sua atividade.
- **ATERRORIZANTE:** a natureza de Tara é estar em paz. Porém, quando as circunstâncias demandam, ela pode assumir um aspecto irado e violento, capaz de amedrontar.
- **GUERREIROS DO DEMÔNIO:** aqueles que se opõem à atividade virtuosa e à prática do Darma, e aqueles que propagam o sofrimento presente e as causas do sofrimento futuro.
- **VENCE COMPLETAMENTE:** é com a sua atitude irada que Tara vence sobre os guerreiros do demônio, uma vez que uma atitude pacífica não os dominaria.
- **FRANZINDO SUA FACE DE LÓTUS:** as linhas anteriores descreveram que o corpo de Tara havia assumido uma expressão irada. A quarta linha especifica que essa expressão se manifesta em sua face, a ponto de franzi-la.
- **MATA TODOS OS INIMIGOS:** os inimigos são os previamente mencionados pela expressão “guerreiros do demônio”, aqueles que se engajam em atividades prejudiciais e se tornam obstáculos ao Darma. Quando Tara os “mata”, isso significa que ela os priva física e mentalmente do seu poder nocivo.

Taranatha apresenta uma segunda interpretação para esta estrofe, considerando não os inimigos externos, e sim os inimigos internos.

- A TERRÍVEL: a atenção consciente primordial, união da plenitude com a vacuidade, aterrorizando os seres desafortunados.
- TURE: trilhando agilmente os caminhos superiores, podemos alcançar o estado de Buda.
- OS GUERREIROS DO DEMÔNIO: emoções conflitantes (desejo, ódio, inveja e assim por diante), e os pensamentos que elas geram.
- AO FRANZIR SUA FACE: aqui, simboliza-se a fase de criação da deidade meditativa, ou seja, a concentração pela qual o(a) praticante se imagina na forma da deidade e desenvolve o “orgulho divino”. Tal orgulho divino vence as emoções conflitantes e nos permite finalmente obter o Corpo da Sabedoria, a plenitude-vacuidade, um termo usado nos tantras como equivalente para o Corpo Absoluto.
- INIMIGOS: os véus da mente, conquistados pela sabedoria primordial. São eles:
 - O véu das emoções conflitantes, que desaparece no primeiro estágio de um bodisatva.
 - O véu do conhecimento dualizado, que começa a desaparecer no primeiro estágio e é completamente eliminado quando se alcança o estado de Buda.

Estrofe 9

།སྤྱུག་འཚལ་དགོན་མཚོག་གསུམ་མཚོན་སྤྱུག་རྒྱུད།
 །སོར་མོས་སྤྱུགས་ཀར་རྣམ་པར་བརྒྱན་མ།
 །མ་ལུས་སྤྱོགས་ཀྱི་འཁོར་ལོས་བརྒྱན་བའི།
 །རང་གི་འོད་ཀྱི་ཚོགས་རྣམས་འཕྲུགས་མ།

Homenagem àquela cujos dedos apresentam o mudra das três Raras e Sublimes, adornando o seu coração e irradia com a sua própria luz no círculo das direções.

- MUDRA DAS TRÊS RARAS E SUBLIMES [JÓIAS]: Tara, como é normalmente representada, com a mão esquerda segurando um lótus pela sua haste, traz um mudra chamado “o mudra das Três Joias” (as Três Joias são o Buda, o Darma e a Sangha). O mudra das Três Joias mencionado aqui, de acordo com Taranatha, é completamente diferente. As mãos estão unidas na altura do coração, com os dedos médios pressionando-se mutuamente, e com os outros dedos levemente dobrados tocando-se uns nos outros em suas extremidades. Juntos, formam um botão de lótus que simboliza as Três Joias, mas na realidade é chamado de “mudra do lótus”.
- MUDRA EM SEU CORAÇÃO: o mudra descrito acima requer que as mãos sejam levadas em frente ao coração.
- IRRADIA COM SUA PRÓPRIA LUZ: depois que Tara faz o mudra do lótus com as suas mãos, todo o seu corpo irradia infinitos raios de luz.
- ADORNANDO: a luz irradiada pelo corpo de Tara ilumina e embeleza o universo, à medida que se propaga para fora.

• NO CÍRCULO DAS DIREÇÕES: refere-se a todos os universos estendendo-se pela imensidão do espaço. Diz-se que há muito tempo, Tara fez o mudra do lótus, consagrou-o com o seu mantra e declarou que quem quer que o faça invocará imediatamente a sua presença. A luz com que Tara preenche o universo representa o seu surgimento espontâneo quando um dos seus seguidores a chama por meio do seu mantra¹⁴.

Estrofe 10

།སྤྱུག་འཚལ་རབ་ཏུ་དགའ་བ་བརྗེད་པའི།
 །དབུ་རྒྱན་འོད་གྱི་ཐོང་བ་སྤྲེལ་མ།
 །བཞད་པ་རབ་བཞད་ཏུ་རྩོམ་ཡིས།
 །བདུད་དང་འཛིག་རྟེན་དབང་དུ་མཛད་མ།

Homenagem àquela que propaga de sua tiara guirlandas de luz, o brilho de sua perfeita alegria, com a sua risada e TUTTARA submete os demônios e os mundanos.

- PERFEITA ALEGRIA: o corpo de Tara dá aos seres a perfeita alegria.
- BRILHO: as diversas pedras preciosas da sua tiara irradiam com o seu próprio brilho.
- PROPAGA GUIRLANDAS DE LUZ: os raios luminosos que irradiam da tiara assumem a forma de guirlandas que se multiplicam e se propagam.
- COM A SUA RISADA E TUTTARA: para disciplinar os demônios, Tara se vale do seu sorriso e do seu mantra.
- SUBMETE OS DEMÔNIOS E OS MUNDANOS: Alguns mundos são regidos por demônios ou por deidades temporais. Tara tem o poder de subjugar-los.

Estrofe 11

།སྤྱུག་འཚལ་ས་གཞི་སྐྱོང་བའི་ཚོགས་རྣམས།
 །ཐམས་ཅད་འགྲུགས་པར་བུས་མ་ཉིད་མ།
 །ཁྲི་གཉེར་གཡོ་བའི་ཡི་གེ་རྩི་གིས།
 །ཐོངས་པ་ཐམས་ཅད་རྣམ་པར་སྐྱོལ་མ།

Homenagem àquela que pode convocar todas as assembleias dos guardiões da terra, que com o movimento de sua expressão irada e da letra HUM libera completamente de toda a pobreza.

- GUARDIÕES DA TERRA: refere-se, primeiramente, a algumas deidades chamadas de "deusas da Terra", e em segundo lugar aos reis que governam os seres humanos.
- CONVOCAR: enfatiza a grandeza de Tara: todos os seres poderosos a obedecem.

- COM SUA EXPRESSÃO IRADA E A LETRA HUM: sinais de ira, simbolizando a força de Tara, capaz de varrer para longe todos os infortúnios.
- LIBERA COMPLETAMENTE DE TODA A POBREZA: a pobreza, explicada aqui, como a “falta de felicidade”; ela engloba toda escassez, tal como a falta de alimentos, roupas, pertences materiais, ou o que quer que seja, e incluem a falta de felicidade interior. Tara liberta os seres de todos os sofrimentos.

Estrofe 12

།སྐྱུག་འཚོལ་ལྷ་བའི་དུམ་བུས་དབུ་བརྒྱན།
 །བརྒྱན་པ་ཐམས་ཅད་ཤིན་ཏུ་འབར་མ།
 །རལ་བའི་ཚོད་ནས་འོད་དབག་མེད་ལས།
 །རྟག་པར་ཤིན་ཏུ་འོད་རབ་མཛད་མ།

Homenagem àquela que tem uma lua crescente como diadema, de quem todos os ornamentos irradiam; ela está irradiando continuamente luz proveniente de Amitabha, que está em sua ampla cabeleira.

As duas primeiras linhas louvam a tiara com formato de uma lua crescente e os ornamentos embutidos com pedras preciosas, adornando o corpo de Tara e irradiando com um brilho que emana em todas as direções.

- AMITABHA SOBRE SUA AMPLA CABELEIRA: no nó que prende uma parte do seu cabelo no topo da sua cabeça, está o Buda Amitabha (que significa Luz Infinita), proclamando que Tara pertence á família do lótus regida por Amitabha.
- IRRADIANDO CONTINUAMENTE LUZ: o próprio corpo de Amitabha irradia constantemente a luz, que se espalha ao redor de Tara.

Estrofe 13

།སྐྱུག་འཚོལ་བསྐལ་པ་ཐ་མའི་མེ་ལྷར།
 །འབར་བའི་ཐེང་བའི་དབུས་ན་གནས་མ།
 །གཡས་བརྒྱུངས་གཡོན་བསྐྱམས་ཀུན་ནས་བསྐྱོར་དགའི།
 །དབྱ་ཡི་དབུང་ནི་རྣམ་པར་འཛོམས་མ།

Homenagem àquela que reside no meio de uma guirlanda de chamas que flameja como o fogo de um fim de Kalpa, com a perna direita estendida e a esquerda fletida, dança com alegria e submete a horda dos inimigos.

- O FOGO DE UM FIM DE KALPA: de acordo com a cosmologia tradicional, ao final de um kalpa (uma era cósmica), o mundo incandesce, é destruído e consumido por um imenso fogo.

- DANÇA: Tara está de pé, “turbilhonante”. Indica os diversos e ágeis movimentos da sua dança.
- PERNA DIREITA ESTENDIDA E ESQUERDA FLETICA: isso não significa que Tara se mantém numa postura fixa. Esses são apenas exemplos dos movimentos de perna durante a sua dança.
- COM ALEGRIA: o efeito dessa dança é levar alegria aos seus beneficiários.
- SUBMETE A HORDA DE INIMIGOS: esse é o segundo efeito da dança, destruindo seres nocivos¹⁵ humanos e não humanos.

Estrofe 14

།ལྷ་འཚལ་ས་གཞིའི་ངོས་ལ་ལྷ་གི།
 །མཐིལ་གྱིས་བསྐྱོན་ཅིང་ཞབས་གྱིས་བདུང་མ།
 །ཁྲོ་གཉེར་ཅན་མཛད་ཡི་གེ་རྒྱུ་གིས།
 །རིམ་པ་བདུན་པོ་རྣམས་ནི་འགོམས་མ།

Homenagem àquela que golpeia a terra com a palma da mão, pisoteia com os pés e com uma expressão irada e a sílaba HUM submete os sete mundos.

- GOLPEIA A TERRA COM A PALMA DA MÃO: o movimento completo feito por Tara é primeiro bater palma com as suas mãos, e, em seguida, golpear a terra. A terra designa aqui a superfície do mundo em sua totalidade. Por esse movimento com a mão, bem como pelo ato de marcar a terra com o seu pé esquerdo, Tara demonstra que domina o mundo.
- COM A SÍLABA HUM: Tara emite essa sílaba através do seu nariz.
- OS SETE MUNDOS: o comentário de Taranatha traz a lista dos sete mundos subterrâneos sem especificar as suas características. Em geral, eles são a morada de nagas, ogros e outras criaturas. Pode-se lembrar de que na cosmologia tradicional, a Terra é um disco achatado sobre o qual estão os oceanos e continentes. Os sete níveis são listados da seguinte maneira:
 - a base;
 - a base superior;
 - a parte sem base;
 - a base em si;
 - a base da essência vital;
 - a boa base;
 - a base pura.

Estrofe 15

ལྷ་ལ་འཚེ་བ་བདེ་མ་དག་མ་ཞི་མ།

ལྷ་ངན་འདས་ཞི་སྐྱོད་ཡུལ་ཉིད་མ།

སྣ་རྣམས་ལྷ་ལ་ཡང་དག་ལྷན་བས།

སྐྱིག་པ་ཆེན་པོ་འཛོམས་པ་ཉིད་མ།

Homenagem àquela que é felicidade, virtude e paz, cujo domínio é a paz do além do sofrimento, com o mantra puro de OM a SO HA submete as grandes negatividades.

• FELICIDADE, VIRTUDE E PAZ: são qualidades permanentes de Tara, e também qualidades pelas quais ela auxilia os seres:

- ela lhes dá felicidade já nesta mesma vida;

- ela faz com que eles realizem as virtudes, ou seja, a atividade positiva que é o alicerce da felicidade em vidas futuras;

- aos discípulos afortunados, ela mostra o caminho da paz, isto é, a liberação.

• A PAZ, DO ALÉM DO SOFRIMENTO: ‘além do sofrimento’, refere-se ao Nirvana. Como já foi mencionado, Tara não somente já alcançou o Nirvana, mas também proporciona o acesso dos seus seguidores a ele. A "paz" da linha anterior se aplica ao caminho do Nirvana, enquanto que a "paz" desta segunda linha se aplica à obtenção do Nirvana.

• SOHA e OM: mantras usados por Tara.

• PURO: esses mantras são puros, ou seja, são perfeitamente autênticos. Isso explica os seus benefícios.

• SUBMETE AS GRANDES NEGATIVIDADES: pelos mantras que pronuncia, Tara dissipa os atos nocivos e o sofrimento que eles produzem.

Outras interpretações do comentário se referem às cinco sabedorias, de acordo com a verdade última:

• FELICIDADE: sabedoria do discernimento;

• VIRTUDE: a sabedoria como um espelho;

• PAZ: a sabedoria da igualdade;

• PAZ DO ALÉM DO SOFRIMENTO: a sabedoria do darmadatu;

• A CONQUISTA DOS MAIS NOCIVOS ATOS: a sabedoria da Realização;

• SOHA e OM: a mente de Tara, que possui as cinco sabedorias, é dotada com uma dinâmica que se manifesta na forma do “som destemido”, ou “som da vacuidade”, que é o mantra. Os mantras da deidade, simbolizados aqui por SOHA e OM, são a expressão do Corpo Absoluto. A deidade e o seu mantra são verdadeiramente inseparáveis. O mantra OM TARE TUTTARE TURE SOHA nada mais é do que a própria Tara.

Estrofe 16

།སྤྱུག་འཚལ་ཀུན་ནས་བསྐྱོར་རབ་དགའ་བའི།
།དག་ཡི་ལུས་ནི་རབ་ཏུ་འགོམས་མ།
།ཡི་གེ་བཅུ་བའི་རག་ནི་བཀོད་བའི།
།རིག་པ་རྩྱུ་ལས་སྐྱོལ་མ་ཉིད་མ།

Homenagem àquele que concede perfeita alegria a todo o seu redor, submete o corpo dos inimigos, à Liberadora que surge da sílaba HUM e da disposição do mantra de dez sílabas do conhecimento direto.

- **QUE CONCEDE PERFEITA ALEGRIA A TODO O SEU REDOR:** o efeito natural da compaixão de Tara é proporcionar alegria aos bodisatvas, aos seguidores do Vajrayana que alcançaram a realização, aos praticantes e aos seus seguidores em geral. “Todo” significa que o seu cortejo é imenso e se estende em todas as direções¹⁶.
- **INIMIGOS:** aqueles que se opõem à prática do Darma, ou também as emoções conflitantes na mente dos seres.
- **HUM:** a sílaba-semente da qual Tara surge em sua forma irada, descrita aqui como flamejante com luz (a sílaba-semente de Tara na sua forma pacífica é TAM).
- **O MANTRA DE DEZ SÍLABAS:** considera-se que o mantra de Tara, OM TARE TUTTARE TURE SOHA, é inseparável da própria Tara. A partir da sílaba-semente, surge o mantra ou a própria deidade.

Estrofe 17

།སྤྱུག་འཚལ་ཏུ་རེའི་ཞབས་ནི་བདེབས་བས།
།རྩྱུ་གི་རྣམ་པའི་ས་བོན་ཉིད་མ།
།རི་རབ་མརྩུ་ར་དང་འབྲིགས་བྱེད།
།འཛིག་རྟེན་གསུམ་རྣམས་གཡོ་བ་ཉིད་མ།

Homenagem à TURE, aquela que tem HUM como a sílaba germe e pisoteando com o pé, sacode o Sumeru, Mandara, Bikhje e os três mundos.

- **TURE:** palavra em sânscrito que significa “ágil”, um dos nomes de Tara.
- **PISOTEANDO COM O PÉ:** indica que aqui, Tara assume uma forma irada.
- **MONTE MERU:** a montanha que forma o eixo central do mundo na cosmologia budista.
- **MANDARA:** uma montanha da mitologia indiana de onde corre o néctar da longa vida.
- **BIKDJE [Kailash]:** uma montanha sagrada no Tibete Ocidental, considerada a morada de Chakrasamvara pelos budistas, e de Shiva pelos hindus.
- **OS TRÊS MUNDOS:** a Terra, o mundo subterrâneo e o mundo acima da Terra.

Estrofe 18

ལྷ་ལ་འཚམས་ལྷ་ཡི་མཚོ་ཡི་རྩམ་པའི།
རི་དྲགས་རྟགས་ཅན་ལྷ་ན་བསྐྱམས་མ།
ཏུ་ར་གཉིས་བརྗོད་པར་གྱི་ཡི་གས།
དུག་རྩམས་མ་ལུས་པར་ནི་སེལ་མ།

Homenagem àquela que segura nas mãos a lua que contém a marca da lebre, na forma de um lago divino e repetindo duas vezes TARA e a letra PE, dissipa todos os venenos.

- A LUA COM A MARCA DA LEBRE: a lua. No Oriente, as pessoas identificam a forma de uma lebre (ou um coelho) sobre a lua, claramente desenhada, com as suas duas longas orelhas em pé.
- UM LAGO DIVINO: outra metáfora para a lua, comparada a um lago perfeitamente redondo, muito belo, preenchido com água branca, clara e fresca.
- TARA e PE: mantras usados por Tara para neutralizar venenos.
- DISSIPA TODOS OS VENENOS: os venenos são de dois tipos, “imóveis” (venenos minerais e herbáceos) e móveis (animais venenosos ou animais perigosos, tais como cães raivosos).

Estrofe 19

ལྷ་ལ་འཚམས་ལྷ་ཡི་ཚོགས་རྩམས་རྒྱལ་པོ།
ལྷ་དང་མིའམ་ཅི་ཡིས་བསྐྱེན་མ།
ཀུན་ནས་གོ་ཆ་དགའ་བའི་བརྗོད་གྱིས།
ཚོད་དང་མྱི་ལམ་ངན་པ་སེལ་མ།

Homenagem àquela em quem confiam as assembleias dos deuses, os reis, as divindades e Kinnaras; que dissipa as disputas e maus sonhos com sua armadura de alegria gloriosa.

- ASSEMBLÉIA DOS DEUSES: deuses da esfera do desejo, reunidos em seis classes, cujas moradas se elevam em fileiras acima do Monte Meru.
- REIS: soberanos que regem todo um universo chamado "chakravartins", bem como outros reis.
- DIVINDADES: refere-se aqui às divindades locais que habitam uma montanha, um lago ou uma floresta.
- EM QUEM CONFIAM: os poderosos seres mencionados acima mostram sua fidelidade a Tara, curvando-se aos seus pés.
- KINNARAS [sânscrito]: músicos com corpos humanos e cabeças de cavalos.

- ARMADURA: os mantras consagrados por Tara e os mudras que ela faz concedem aos que fazem sua prática uma proteção comparável a uma armadura.
- ALEGRIA: essa armadura traz paz e felicidade às mentes daqueles a que portam.
- GLORIOSA: a armadura traz brilho ao corpo e à fala.
- DISSIPA AS DISPUTAS E MAUS SONHOS: o outro efeito da armadura proporcionada pelos mantras e mudras de Tara.

Estrofe 20

ལྷུག་འཚལ་ཉི་མ་ལྷ་བ་རྒྱས་པའི།

སྐྱུན་གཉིས་པོ་ལ་འོད་རབ་གསལ་མ།

ཉ་ར་གཉིས་བརྗོད་ཏུ་རྩ་ལོ་ལ།

འགྲིལ་ཏུ་བྱས་པོའི་རིམས་ནད་སེལ་མ།

Homenagem àquela cujos dois olhos
clarificam como a luz do sol e da lua cheia,
que recitado 2 vezes HARA em TUTTARA
dissipa epidemias virulentas.

- CUJOS DOIS OLHOS CLARIFICAM: o brilho da visão compassiva de Tara é tão forte que ela libera os seres dos reinos inferiores e outros mundos dos seus sofrimentos, e os estabelece em um estado de felicidade.
- HARA e TUTTARA: mantras pelos quais Tara afasta epidemias.

Além desse significado literal, Taranatha nos dá uma interpretação mais geral:

- HARA e TUTTARA: representam as recitações do mantra de Tara.
- EPIDEMIAS VIRULENTAS: emoções conflitantes (raiva, desejo-apego, cegueira, orgulho, inveja, e assim por diante).
- CUJOS DOIS OLHOS BRILHAM COM O ESPLENDOR DO SOL E DA LUA: pela luz do seu olho direito, Tara afugenta seres violentos e queima a atividade negativa e o sofrimento, assim como o sol. Pela luz do seu olho esquerdo, comparável ao néctar que flui da lua, ela traz vida, riqueza e felicidade.

Estrofe 21

ལྷ་མོ་ལ་དེ་ཉིད་གསུམ་རྣམས་བཀོད་པས།
ཞི་བའི་མཐུ་དང་ཡང་དག་ལྷན་མ།
གཤོན་དང་རོ་ལངས་གཤོད་སྦྱིན་ཚོགས་རྣམས།
འཛོམས་པ་ཏུ་རེ་རབ་མཚོག་ཉིད་མ།

Homenagem àquela que tem o poder da pacificação com a disposição dos três Princípios; à Suprema TURE que submete as assembleias dos demônios, rolangs e yakshas.

Taranatha aplica a sequência dos quatro modos de interpretação de um tantra a essa estrofe.

Significado Literal

- OS TRÊS PRINCÍPIOS: os três aspectos de descrição, ou três qualidades que caracterizam a realização:
 - a base: vacuidade;
 - o caminho: ausência de crença na realidade dos fenômenos;
 - o resultado: a não aspiração, a ausência de expectativas.
- DISPOSIÇÃO: os três princípios estão estabelecidos para conduzir os seres à genuína felicidade e ao perfeito Despertar.
- O PODER DA PACIFICAÇÃO: graças aos três princípios, Tara livra os seres dos dois véus (o véu das emoções conflitantes e o véu do conhecimento dualístico) e os estabelece na paz do Despertar;
- ASSEMBLÉIAS DOS DEMÔNIOS: o termo cobre 18 categorias de espíritos que provocam doenças e outras dificuldades;
- ROLANGS [Espíritos que bebem sangue]: representam o poder da magia negra;
- YAKSHAS [sânscrito]: Deidades locais.
- TURE: a rápida.
- SUBMETE: Tara é vitoriosa sobre tudo o que causa males.

Significado Comum

- OS TRÊS PRINCÍPIOS: as três sílabas OM, AH, HUM (essência do corpo, da fala e da mente) nos três lugares do corpo de Tara (fronte, garganta e coração).
- PODER DA PACIFICAÇÃO: o poder de proteger os seres contra qualquer obstáculo.

Significado Oculto

- OS TRÊS PRINCÍPIOS: aparência, expansão e realização designam aqui os três passos da manifestação da clara luz nos seis yogas de Naropa.
- DISPOSIÇÃO: a sucessão dos três passos acima.
- PODER DA PACIFICAÇÃO: a paz no instante, a completa vacuidade, e a clara luz que surge desses três passos.
- ASSEMBLÉIAS DOS DEMÔNIOS: canais sutis (em sânscrito, nadi)
- ROLANGS [Espíritos que bebem sangue]: as "gotas" de energia (em sânscrito: bindu) que são encontrados ou circulam nos canais juntamente com os ventos sutis.
- YAKSHAS: pensamentos que desaparecem na clara luz.

Significado Último

- OS TRÊS PRINCÍPIOS: o corpo de vajra, a fala de vajra e a mente de vajra. "Vajra", aqui, significa o estado do total Despertar, o estado de Buda.
- DISPOSIÇÃO: esses três vajras são a natureza primordial de todos os fenômenos.
- PODER DA PACIFICAÇÃO: como os três vajras são primordialmente presentes, e como eles são deste momento em diante, a paz da realização, o indivíduo se estabelece pela meditação no estado em que se torna inseparável deles.
- ASSEMBLÉIAS DOS DEMÔNIOS: sofrimentos.
- ROLANGS [Espíritos que bebem sangue]: carma.
- YAKSHAS: perturbações internas.
- SUBMETE: uma vez que se alcança a vitória sobre o sofrimento, o carma e as emoções conflitantes, alcança-se a consciência primordial – a grande felicidade.

Linhas Finais

ཏཱ་བའི་སྐྱེགས་ཀྱི་བསྐྱོད་པ་འདི་དང་།
 །སྤྱུག་འཚེལ་བ་ནི་ཉི་ཤུ་ཏཱ་གཅིག་། །།

Esta é a homenagem ao mantra raiz e as vinte e uma homenagens.

Assim são a louvação do mantra raiz e a louvação das vinte e uma manifestações.

- O MANTRA RAIZ: o mantra de Tara, OM TARE TUTTARE TURE SOHA, é distribuído ao longo do texto da louvação.
- AS VINTE E UMA HOMENAGENS: cada estrofe começa com a palavra "louvo".

5 – BUDISMO E AS MULHERES

Tara é uma deidade feminina, além disso, ela é uma mulher que se tornou uma Deusa.

O *status* das mulheres no budismo frequentemente aparece como sendo inferior ao dos homens. Por exemplo, na história da Lua de Sabedoria – a futura Tara - monges não hesitaram a aconselha-la com sinceridade, que para o seu próprio bem ela aspirasse a uma existência masculina num futuro renascimento.

Outros exemplos desse modo de pensar podem ser encontrados. Da mesma forma, Shantideva, no famoso *“O Caminho do Despertar do Bodisatva”*, escreveu, “Possam todos os seres femininos setornar masculinos”.

Para entender essas aspirações, é indispensável olhar o contexto da Índia antiga. A situação das mulheres era considerada socialmente muito inferior. Inteiramente dependentes dos homens, mulheres tinham muito pouca liberdade ou poder para tomar decisões. Condenada a família e tarefas domésticas, elas tinham acesso limitado ao darma. Sob essas circunstâncias, era de longe melhor ser homem do que mulher. Shantideva certamente não via as mulheres como inferiores, mas considerava as mulheres em posição desfavorável para a prática espiritual. Contudo, era devido somente a essas circunstâncias e fora delas tinha pouca importância. Na realidade, hoje mais do que nunca, o budismo não distingue os homens das mulheres, credita ambos como mesmo potencial espiritual e com as mesmas capacidades de realizá-lo.

HOMENS E MULHERES: UM ÚNICO POTENCIAL

A noção do potencial para o desenvolvimento espiritual ocupa um espaço fundamental no budismo. De fato, é considerado que sem a presença do efeito potencial contido na causa, esse nunca se manifestaria. Assim, o óleo é extraído a partir da semente de sésamo ou a manteiga do leite, porque esses ingredientes já estão presentes em estado latente. Se esse não fosse o caso, as sementes poderiam ser maceradas ou o leite batido por eras sem que nada fosse obtido.

Se os seres humanos tem a possibilidade de sair da ignorância e atingir o Despertar, é porque eles tem o que é chamado de “mente em si mesma”, “o coração do despertar,” que é, o potencial para o despertar. Na realidade, esse potencial se aplica não somente aos seres humanos, mas todos os seres compartilham isso de uma maneira universal, quer sejam animais ou estejam em outras condições de existência nas quais os seres não estão definitivamente 'presos'. Partilhado universalmente por todos os seres, ele não pertence, portanto, mais aos homens do que às mulheres.

Esse coração do Despertar é definido por vários aspectos:

- sua essência é vazia, o que implica que permeia a totalidade dos seres.
- possui a qualidade do dharmata ou tathagata, o que significa que não é simplesmente vazio, mas que tem em si o poder de tornar-se desperto, assim como a semente de uma flor contém a cor virtual, o perfume, e outras características da futura flor. Esse potencial é,

entretanto, comum a todos os seres sem diferenças na qualidade. Não é melhor em alguns seres ou pior em outros.

- finalmente, classifica todos os seres em “espécies” do despertar. Uma vez que todos tem o potencial do despertar, eles o atingem, assim como a semente do cravo pode efetivamente tornar-se um cravo enquanto que a semente de outra flor, de uma espécie diferente, não poderia tornar-se um cravo. Esse terceiro aspecto implica que é possível passar do estado latente para o resultado e a prática espiritual faz todo sentido.

A mente do Despertar não é, entretanto, suficiente para atingir o Despertar. Se ele constitui uma causa permanente, uma fundação sempre presente, ele deve ser associado a circunstâncias favoráveis. Necessita de um “suporte”, isto é, uma condição particular de existência, tal como a humana.

É necessário não somente ter uma existência humana, mas uma vida contendo um certo número de características sem as quais uma progressão espiritual não seria possível. São dez as condições indispensáveis:

- Cinco condições inerentes à pessoa
 - a condição humana
 - ter nascido em um país onde o darma se disseminou
 - possuir todos os sentidos, ou seja, as faculdades de comunicação que permitem entender plenamente o darma
 - não ter uma ocupação conflitante com os preceitos budistas
 - ter fé nas Três Joias (Buda, Dharma, e Sangha)
- Cinco fatores externos
 - um Buda deve ter se manifestado na Terra
 - Ele ou ela deve ter ensinado o darma
 - o ensinamento deve estar vivo
 - o ensinamento deve ser conhecido
 - as estruturas para a disseminação dos ensinamentos deve ter o suporte dos discípulos.

É dito que, com base na mente do despertar e a existência humana dotada com as condições requeridas acima, qualquer um que faça o esforço para atingir o despertar, o alcançará. É interessante observar que essas afirmações foram feitas pelo Buda há 2500 anos, num tempo em que a condição das mulheres - como já observamos - era socialmente inferior aos dos homens. Nesse contexto, o Buda não poupou a sensibilidade das pessoas; entretanto, do ponto de vista das possibilidades espirituais, ele não fez distinções entre homens e mulheres. Ele não declarou que a possibilidade de atingir o despertar estava restrita aos homens, mas que qualquer um (homem ou mulher) que faça o esforço de trilhar o caminho, atinge o resultado.

No campo espiritual, a verdadeira questão é a prática. Se ela é feita, seja por um homem ou uma mulher, se obtém um resultado. Se a prática não é feita, nenhum resultado será obtido seja ele homem ou mulher, mesmo que tenham as condições favoráveis para uma existência humana.

MULHERES NOTÁVEIS NO BUDISMO INDIANO

Ao longo de toda a sua história, o budismo na Índia, e também no Tibete, viu aparecerem um grande número de mulheres notáveis; algumas bastante conhecidas e cujas vidas estão registradas em textos escritos; outras cujos nomes foram apenas momentaneamente gravados na memória e outras ainda que ficaram anônimas.

Nos tempos do Buda é provável que muitas discípulas tenham alcançado o estado de Arhat¹⁷. Havia, na época, muitas monjas. O Vinaya¹⁸ relembra o caso de Sukyegu Dangmo e as 500 monjas que a acompanhavam. No entanto, não dispomos de documentação detalhada de suas biografias.

Podemos mencionar algumas delas que deixaram depois uma indelével impressão ao longo da história do budismo indiano, como Gelongma Palmo, Mandavara, Niguma e Sukhasiddhi.

GELONGMA PALMO - Gelongma Palmo nasceu em uma família real do noroeste da Índia. Bem jovem, decidiu renunciar aos seus privilégios de princesa, dedicando-se a uma vida monástica.

Sua vida tornou-se dramática quando contraiu lepra. Obrigada a deixar o monastério e abandonada por suas ajudantes, ela refugiou-se em uma casinha isolada de qualquer outra habitação.

Em sua desesperança, ela, contudo, foi feliz em ter uma visão em um sonho com o rei Indrabuthi, que a aconselhou a praticar Avalokiteshevara (Tchenrezig). Se ela assim fizesse, isso a conduziria a realizar a natureza da sua mente. Ela dedicou-se a essa prática, recitando dia e noite o mantra do Bodisatva da Compaixão.

O tempo passou, e como Gelongma Palmo não obteve nenhum resultado, ficou desanimada. Outro sonho trouxe a ela novas instruções. Desta vez, Manjushiri (Jamyang) apareceu à sua frente e disse “Vá para Lekar Shinpal e continue sua prática de Avalokiteshevara. Em cinco anos, sua realização será igual à de Tara”.

Gelongma Palmo foi para o local indicado no sonho e, além de recitar o mantra, ela jejuava todos os dias. Devido à graça de Avalokiteshevara, ela curou-se completamente da lepra e seu corpo recuperou o frescor da juventude.

Aos 27 anos de idade, alcançou o primeiro estágio de bodisatva. Ao mesmo tempo, Tara apareceu à sua frente e lhe disse: “Você vai obter a capacidade de desempenhar as atividades dos Budas dos três tempos”.

Mais tarde, Avalokiteshevara lhe apareceu em todo o seu esplendor, em sua forma com 1.000 braços e 11 faces, seu corpo preenchido com deidades das quatro categorias de tantras, irradiando inumeráveis terras puras através dos poros de sua pele.

Gelongma Palmo estava plena de reverência. Todavia ela não pode deixar de reprovar a divindade. “Embora eu tenha cumprido sua prática por muito tempo com muito esforço, por que somente agora você se revelou a mim?”.

“Tão logo você começou a recitar meu nome eu estava com você e nunca mais a deixei desde então. Havia véus cármicos cobrindo sua mente, impedindo-a de me ver”, Avalokiteshevara respondeu.

Recebendo novas instruções diretamente de Avalokiteshevara e continuando sua prática, Gelongma Palmo finalmente alcançou o décimo estágio do Bodisatva.

MANDARAVA – O budismo tântrico foi introduzido no Tibete pelo grande mestre indiano Padmasambhava, no século oitavo da nossa era. Entre seus muitos discípulos, duas mulheres eram suas companheiras místicas, cada uma delas desempenhando um importante papel. Uma delas, Mandarava era indiana. A outra mulher, Yeshe Tsogyal, era tibetana.

Mandarava recebeu o nome de “árvore do paraíso com flores vermelhas” e era filha do Rei de Sahor. Quando ela se tornou companheira de Padmasambhava, seu pai ficou tão aborrecido que mandou queimar o yogue vivo. Entretanto, Padmasambhava transformou o fogo ardente num lago. O Rei adquiriu fé nele e entregou seu reino e a princesa a ele.

Quando Padmasambhava partiu para o Tibete, Mandarava ficou para trás, na Índia. Todavia, ela miraculosamente apareceu no País das Neves e conversou com seu professor.

NIGUMA – é considerada algumas vezes como a irmã do Mahasiddha Naropa, e, outras vezes, como sua companheira mística. Conhecemos muito pouco de sua vida, salvo que obteve a imortalidade do corpo de arco-íris e que vive na misteriosa floresta de sândalo de Sosaling, na Índia, onde os seres puros podem encontrá-la.

Este foi o caso de Khyungpo Naljor, mestre tibetano do século XI e fundador da Escola Shangpa no Tibete, depois de haver recebido instruções na Índia por muitos anos. Aconselhado por muitos de seus mestres para encontrar-se com Niguma, foi à floresta de Sosaling. Depois de muita procura e inúmeras preces, finalmente encontrou Niguma na forma de uma dakini de pele escura dançando no céu, segurando um tambor (*damaru*) e uma taça feita de um crânio. Khyungpo Naljor prosternou-se, oferecendo-lhe ouro e pedindo-lhe instruções.

Niguma recebeu a oferenda apenas para arremessá-la para longe, com desdém. O tibetano ficou com medo, se perguntando se havia se confrontado com uma dakini comedora de carne fresca no lugar da famosa yoguine. Niguma fez aparecer uma alta montanha, e de seu cume quatro rios de ouro fluíam incessantemente. Ela disse ao visitante:

“Se alguém tem uma visão pura, tudo é ouro. Sem essa visão pura, não há ouro em lugar nenhum. Eu não preciso do seu ouro”.



E ela devolveu o ouro que havia jogado longe alguns momentos antes. Concedeu, então, seus ensinamentos e poderes a Khyungpo Naljor, dizendo-lhe: "Dentre os fenômenos ilusórios, aplicando uma meditação ilusória, um despertar ilusório aparece pela força da devoção".

SUKHASIDDHI — A história de Sukhasiddhi, tal como a de Niguma, de quem ela foi quase contemporânea, faz parte da coleção de histórias de vidas dos Mahasiddhas da Índia antiga. Ela começa na Cachemira, no seio de uma família de camponeses na ocasião de uma severa crise de fome na região. Todas as reservas da casa estavam esgotadas; restava apenas uma tigela de arroz.

O pai e o filho, em desespero, decidiram ir mendigar. Ao partir, eles dizem para a mãe conservar o arroz que restava para "a grande lua negra," uma expressão para a pior miséria, no caso deles retornarem com as mãos vazias.

Durante a ausência deles, um asceta mendicante apareceu à porta e disse que seu nome era "Grande Lua Negra." Por respeito ao religioso e acreditando estar obedecendo ao seu marido, a mãe lhe ofereceu a tigela de arroz restante.

À noite, o pai e o filho retornam a casa desesperados, sem ter obtido nada, apesar de todo um dia de esforços. Para recuperar-se da fadiga, eles pediram que a mãe cozinhasse o arroz preservado até então. A mãe lhes informa então que a Grande Lua Negra havia chegado e que, conforme a instrução deles, ela lhe havia dado o precioso alimento. A cólera dos dois homens foi tamanha que eles expulsaram a pobre mulher sem querer escutar suas explicações.

Vagando pelos caminhos, ela finalmente chegou ao país de Uddyana, a oeste da Cachemira. Ela abriu uma loja no mercado da vila onde ela vendia a cerveja de cevada que ela mesma produzia. Na floresta não muito longe dali vivia o grande iogue Birupa. As ioguines que o serviam frequentemente iam ao mercado e compravam a cerveja da velha senhora porque seu mestre apreciava bastante a sua fabricação. Curiosa quanto ao destino da cerveja, a mulher um dia perguntou para quem elas faziam a compra.

"É para o nosso mestre, o iogue Birupa," responderam as compradoras.

Misteriosamente tocada pelo nome que ela nunca tinha ouvido antes, ela se recusou, dali em diante a cobrar.

Birupa, por sua vez logo perguntou sobre a origem da cerveja tão boa que lhe traziam.



- "É uma velha senhora no mercado que a produz", explicaram as serventes, "e desde que ela soube que era para o senhor, ela recusa o pagamento".

- "Peça a ela para vir aqui", respondeu Birupa, que compreendeu que a fé e a devoção da velha senhora a tornava pronta para receber instruções.

Levando consigo uma grande quantidade de cerveja para fazer uma oferenda e com o coração emocionado, avelha comerciantefoi então visitar Virupa. Ele logo lhe conferiu ensinamentos e iniciações. É dito que em uma noite, ela obteve a liberação e recebeu milagrosamente a beleza e o frescor de um corpo de 16 anos.

Ela então passou a ser conhecida pelo nome de Sukhasiddhi, "Plena de Felicidade" e recebeu ensinamentos diretamente do Buda Vajradhara.

As instruções deixadas por Sukhasiddhi e Niguma têm sidotransmitidas até os nossos dias. Elas estão integradas ao cânone da linhagem Shangpa.

MULHERES NOTÁVEIS NO BUDISMO TIBETANO

A estrutura da sociedade tibetana não favorecia a mulher tanto quanto ao homem para a prática do Dharma. No entanto, as portas não eram fechadas para as mulheres. Numerosos mosteiros em todo o Tibete eram para monjas, e muitas mulheres ficaram famosas por sua realização. Vejamos algumas daquelas que tiveram seus nomes preservados na história.

AS DUAS ESPOSAS DE SONGTSEN GAMPO — Desde o início da expansão do budismo no Tibete, as mulheres desempenharam um papel importante. O Rei Songtsen Gampo, em cujo reino o Budismo começou a se implantar no País das Neves, tinha duas esposas. A profunda fé e realização delas eram tão impressionantes que essas mulheres por vezes são consideradas emanações de Tara.



Songtsen Gampo e suas duas esposas

A primeira esposa, Kunsho [Wengchen], era uma princesa Chinesa que trouxe em seu dote a muito santa e muito venerável estátua do Buda que continua guardada no Jokhang em Lhassa, e que todos os Tibetanos a chamam simplesmente de Jowo, "O Senhor".

A segunda esposa, a princesa Nepalesa Tritsun [Brikuti] trouxe também com ela uma estátua do Buda Akshobya, alojada dentro de um outro templo de Lhassa, o Ramoche.

Todas duas fizeram construir numerosos templos e deram forte suporte ao desenvolvimento do budismo.

YESHE TSOGYAL — Yeshe Tsogyal, tida como uma emanção da divindade Vajravarahi (Dorje Pamo), viveu entre o século VIII e IX de nossa era. Por ocasião de seu nascimento, o pequeno lago na proximidade da casa de seus pais aumentou consideravelmente. Este acontecimento pareceu muito auspicioso e deu nome a criança: Tsogyal, "Rainha do Lago".

Sua beleza lhe atraiu tantos pretendentes tão aguerridos que eles se prepararam para um conflito armado para obter sua mão. A fim de evitar um inútil banho de sangue, o Rei Trisong Detsen decidiu tomá-la, ele mesmo, por uma de suas esposas.

Mais tarde, para testemunhar a sua devoção por aquele que foi o principal responsável pela introdução do budismo tântrico no Tibete, o Rei ofereceu Yeshe Tsogyal a Padmasambhava, do qual ela tornou-se a companheira mística e, sem dúvida, a principal discípula. Sob a sua direção, ela passou muitos anos praticando nas grutas do Kham, Butão, e Nepal, enfrentando árduas privações até que ela atingiu a mais alta realização.

Dotada de uma memória extraordinária, Yeshe Tsogyal se lembrava de todas as palavras do seu mestre e, para o bem de gerações futuras, as consignou por escrito e as escondeu sob a forma de tesouros (Tibetano, *terma*) destinados a serem redescobertos mais tarde por seres predestinados.



Depois que Padmasambhava partiu do Tibete, é dito que ela permaneceu 200 anos no País das Neves para continuar a guiar os discípulos. No fim de sua vida, sem deixar restos mortais, ela se reencontrou com seu mestre na terra pura, a Montanha Cor de Cobre.

Entre as discípulas mulheres de Padmasambhava, menciona-se ainda 25 dentre elas que obtiveram o corpo do arco-íris, ou seja, que não deixaram restos mortais, mas cujos corpos desapareceram no arco-íris.



MACHIK LABDRON — Machik Labdron nasceu em 1062 sob auspícios extraordinários. Aparte o fato de que a pequena garota possuía um terceiro olho na fronte e tinha a sílaba sagrada HRI vermelha na língua, ela nasceu em meio a arco-íris, músicas celestiais e perfumes maravilhosos. Imediatamente ao seu nascimento ela se pôs de pé e perguntou a sua mãe se ela havia sofrido muito do seu parto. É compreensível porque Machik Labdron foi rapidamente considerada um ser extraordinário, uma emanção da Grande Mãe (personificação da Prajnaparamita) e da divindade Vajravarahi (Dorje Pamo).

Desde jovem, ela mostrou capacidades excepcionais. Notadamente, ela podia ler os textos extremamente longos da prajnaparamita (a perfeição da sabedoria expondo a natureza última dos fenômenos) mais rapidamente do que qualquer pessoa. Ela podia também explicar seus significados até mesmo a grandes eruditos, que ficavam estarecidos com sua sabedoria.

Seu conhecimento não se limitava ao intelecto, ela também realizou a ausência do eu e isso causou muitas mudanças em sua vida. Ela deixou de lado as belas roupas que gostava de usar e se vestiu como uma mendicante. Ela passou a apreciar tanto a companhia de leprosos e de pobres, como a de eruditos e meditadores. Ela não deu mais importância nem a qualidade da moradia, nem ao gosto pelos alimentos, nem aos elogios ou críticas, e permaneceu num estado de constante felicidade.

Ela casou com o mestre indiano Thopa Badra, com quem ela teve vários filhos, e recebeu também numerosos ensinamentos de outro grande mestre indiano chamado Padampa Sangye.

Machik Labdron também é famosa por ter composto e ensinado a prática meditativa - Chod - ligada a prajnaparamita que é vista como sendo a única de origem tibetana, uma vez que todas as outras foram herdadas da Índia. Esta iniciativa pareceu suspeita aos budistas indianos, os quais se reuniram em Bodhgaya para discutir essa questão, e despacharam três emissários para o Tibete para examinar Machik Labdron. Ela pode lhes dar provas suficientes de suas existências passadas e de sua realização para convencê-los da autenticidade da prática de Chod.

Machik Labdron, que viveu até 99 anos, teve entre seus numerosos discípulos, quatro mulheres particularmente notáveis que eram chamadas de "as Quatro Joias": Joia Gotsa, Joia Palden, Joia Sonam, e Joia Rinchen. No total, 108 de suas discípulas mulheres alcançaram a realização.

O bisneto de Machik Labdron, Donyo Samdrup, que foi ele mesmo um grande mestre, ajudou 18 de suas discípulas mulheres, chamadas as 18 filhas, a alcançar a realização.

§§§

Na vida de Milarepa, o grande Iogue do País das Neves, encontramos um grande número de discípulas mulheres que obtiveram a realização, tais como sua Irmã Peta, a jovem Paldar Bum, Sale O, Lekse Bum, e Rechungma. Essas quatro últimas, chamadas "As Quatro Irmãs", atingiram o "Corpo de Arco-Íris".

Em todas as escolas do budismo Tibetano, Nyingma, Sakya, Kagyu, e Guelug, numerosas mulheres ilustraram profundas e plenas realizações espirituais, mesmo que a história não tenha registrado seus nomes. Seu "status" era então igual ao dos homens; elas podiam ensinar, conferir iniciações, e realizar todas as atividades do darma.

ENCONTROS PESSOAIS

Eu gostaria agora de citar três mulheres lamas particularmente notáveis que eu tive a oportunidade de encontrar pessoalmente.

UGYEN TSOMO — A primeira, Ugyen Tsomo, era a esposa do 15º Karmapa Khakyab Dorje. Eu a encontrei quando eu fazia meus estudos em Tsurpu, o mosteiro dos Karmapa, próximo de Lhassa. O 15º Karmapa já havia feito a passagem. Eu deveria ter 13 ou 14 anos. Ela, por sua vez, devia ter uns 60 anos. Dada a ligação estreita entre o precedente Bokar Rinpoche e o 15º Karmapa, ela me demonstrou bastante afeição, me oferecendo alimento, etc. Ugyen Tsomo havia passado praticamente toda a sua vida em retiro, se dedicando exclusivamente à prática. Mesmo em Tsurpu, ela somente concedia entrevistas em intervalos de sua programação de meditação, que seguia rigorosamente. De tempos em tempos, ela dava

iniciações aos monges. Eu recebi dela a iniciação de longa vida. É dito, embora eu não tenha visto pessoalmente, que sobre a sua língua se encontrava o desenho, espontaneamente aparecido, da letra sagrada AH, símbolo da palavra dos Budas.

Dada à alta estima com a qual ela era considerada, ela também era chamada de Khandro Rinpoche, "Preciosa Dakini".

Depois da sua morte, ela manifestou-se novamente na forma de um tulku feminino. Tendo recebido novamente o título de Khandro Rinpoche, a nova encarnação, por sua vez, depois de ter seguido uma formação completa, passou a dar ensinamentos e iniciações, tanto na Índia como no ocidente.

DRIKUNG KHANDRO — Drikung Khandro era uma mulher lama de uma grande realização que pertencia à escola Drikung Kagyu. Ela nem era monge nem casada. Ela tinha cabelos longos como as mulheres leigas. Eu não a encontrei no Tibete, mas na Índia, em Bodhgaya. Ela devia ter uns 60 anos nessa época. Eu tinha ido lá receber ensinamentos de Lama Kunu, e ela também estava em Bodhgaya, de forma que eu pude encontrá-la. Entre os Drikung Kagyupas, ela gozava da mais alta estima, e dava ensinamentos e iniciações.

ANI YESANG — Ela era uma monja da região do Bokar, no Oeste do Tibet, onde eu passei minha juventude antes de vir para a Índia, e que tinha a reputação de possuir uma grande realização. Conhecida como Ani Yesang (abreviação para o nome de Yeshe Sangmo, "Excelente Sabedoria"), ela era discípula de Lama Degyal Tsampa, que estudou com o penúltimo Dujom Rinpoche. Ela tinha fama de ser a mais altamente realizada dentre os discípulos desse lama. Ela tinha deixado sua terra natal para se instalar numa gruta perto do Monte Kailash.

Quando eu tinha 11 anos, eu fiz uma peregrinação ao Monte Kailash. Meu tutor me acompanhava nessa viagem, assim como seu ajudante que era um parente da monja em retiro. O ajudante me pediu para fazer um desvio para visitá-la, e nós fomos à sua caverna. Ani Yesang estava muito velha e vivia sozinha, sem qualquer ajudante, em sua caverna dividida em dois pequenos compartimentos. O compartimento onde ela estava em frente ao seu altar recebia a claridade apenas de uma brecha estreita que dava para o exterior. Nós lhe fizemos oferendas, e ela nos ofereceu um chá. O que ela disse na ocasião eu não me lembro. O que me recordo somente é que ela me causou uma forte impressão.

Eu acredito que ela deve ter vivido até seus 80 anos. Ela era uma pessoa muito santa, e de uma grande realização.

Questão: Embora as possibilidades de acesso ao ensinamento e a prática tenham sido iguais para homens e mulheres no Tibete, havia mais monges do que monjas.

Resposta: É verdade que as monjas eram bem menos numerosas que os monges. Eu desconheço a razão disto. Talvez, de um ponto de vista institucional, os monges detinham mais poder, o que os levou a construir numerosos e grandes monastérios para eles mesmos.

Questão: Na tradição monástica, existem dois níveis de ordenação, que se chamam em Tibetano getsul (Sânscrito, shramanera) e gelong (Sânscrito, bhikshu). Estes dois níveis foram levados ao Tibete para os homens, enquanto que as monjas Tibetanas foram sempre limitadas ao nível de getsulma, sendo que a ordenação maior de gelongma jamais lhes foi concedida. Porque esta diferença?

Resposta: Por alguma razão histórica que eu desconheço, a tradição das gelongmas jamais foi implantada no Tibete. Ela existe hoje na China (Hong Kong e Taiwan) aonde algumas monjas tibetanas vão até lá receber. O Dalai Lama atualmente tem estudado a possibilidade de implantar essa tradição Chinesa na instituição tibetana.

Questão: No código de regras monásticas, tal como ela é escrita no Vinaya, um bikshu deve observar 253 votos, enquanto que uma bikshuni deve respeitar 340. Isto sugere uma certa discriminação entre homens e mulheres?

Resposta: Por um lado, o número de compromissos que se toma depende da maior ou menor capacidade que se tenha de assumi-los. Por exemplo, na ordenação mínima de um shramanera, se respeita somente 36 votos, enquanto a ordenação máxima de um bikshu requer a observância de 253 votos. Talvez as mulheres sejam mais capazes de manter um número maior de votos. Talvez também, na época do Buda, considerava-se que seria necessária uma ética mais estrita para as mulheres do que para os homens.

Questão: No Tibete as mulheres realmente tinham as mesmas possibilidades de estudar e de praticar nos centros de retiro?

Resposta: Dado que o número de monjas era inferior ao dos monges, as monjas que estudavam e que praticavam em retiro eram também menos numerosas, mas isso não significa que elas não tinham a possibilidade.

Numerosos pequenos centros de retiros para monjas existiam aqui e ali. O mais conhecido dentre eles era no Kham no leste do Tibete em Nangchen, onde se encontrava o monastério de Kebcha que reunia uma centena de monjas. O centro de retiro ligado ao mosteiro permitia que as monjas realizassem retiros de três anos durante os quais elas se apropriavam das seis iogas de Naropa, notadamente na prática de tumo cujos efeitos são o de produzir um grande calor no corpo. Havia uma tradição na qual todos os anos, durante a lua cheia do primeiro mês do ano Tibetano (Fevereiro-Março), ou seja, no momento mais frio do ano, as monjas que estavam em retiro saíam em procissão para mostrar suas habilidades na técnica de tumo. Nos quatro lados do prédio eram colocados grandes recipientes de água com uma pedra que servia de martelo para quebrar o gelo que se formava muito rapidamente na superfície. Na presença de todos os habitantes da região, as monjas saíam do centro de retiro de manhã antes do sol nascer, com as mãos nos quadris, vestidas com roupas simples de algodão. O respeito que elas inspiravam era tal que as pessoas se prosternavam e recitavam preces na sua passagem. Quando as monjas chegavam no lado leste, elas mergulhavam um xale de algodão na água gelada com os quais revestiam seus ombros enquanto seguiam bem lentamente na direção sul. O calor que elas liberavam era suficiente para que um abundante vapor saísse do xale que secava muito rapidamente. Se o xale estava seco ao chegarem no lado sul, elas pegavam um outro xale, e assim por diante.

As melhores praticantes de tumo chegavam a secar quatro xales desta maneira, outras três, ou dois, ou somente um. Acontecia também que algumas não chegavam a secar nenhum xale. Essa procissão era muito famosa na região.

Questão: Centros de retiro para monjas foram criados novamente na Índia?

Resposta: Na escola Kagyupa, existe um ligado a Sherab Ling, o monastério de Situ Rinpoche. Talvez existam outros em outras escolas.

Questão: Para as mulheres leigas fora dos mosteiros qual era a maneira habitual de praticar o Darma?

Resposta: Elas tinham por hábito recitar a Tomada de Refúgio, a Louvação de Tara, e a Prece para Renascimento na Terra Pura da Bem-aventurança (Tibetano, *Dewachen*), que elas gostavam particularmente, assim como outros mantras — o de Avalokiteshvara e o de Padmasambhava — e outras preces. Muito frequentemente, era enquanto faziam outras tarefas ou cuidando de seu rebanho de yaks e carneiros, que elas recitavam seus mantras e preces, praticamente de maneira contínua.

Questão: Na Europa, quando a religião Cristã era ainda muito forte, em geral as mulheres tinham mais fé que os homens. Podemos destacar a mesma diferença no Tibete?

Resposta: Era verdade e ainda ocorre nos dias de hoje. As mulheres têm geralmente uma fé maior que os homens. Elas também são mais diligentes com relação à prática.

Questão: Com relação à prática do Darma, o Senhor vê uma grande mudança na situação atual das mulheres na Índia e no Tibete em relação a como era antigamente no Tibete?

Resposta: A mudança é certa. Antigamente, no Tibete, as mulheres leigas não conheciam bem o Darma, mas, como nós acabamos de dizer, tinham grande fé e recitavam mantras quase o tempo todo.

Atualmente, os jovens, homens ou mulheres, estudam, desenvolvem sua inteligência e sua cultura, e às vezes são capazes de falar bem sobre o Darma. No entanto, isto está somente no nível das palavras, algo superficial. A profunda fé de antigamente desapareceu, salvo algumas exceções. A prática verdadeira não atrai mais os jovens. Somente as pessoas mais idosas continuam a tradição tal como ela era no Tibete.

Questão: Os jovens recebem alguma educação sobre o Darma nas escolas na Índia?

Resposta: O desejo do Dalai Lama é que as crianças em todas as escolas tibetanas, meninos e meninas, recebam uma educação budista durante seus estudos. Para isso há um professor de Budismo em todas as escolas. Uma universidade budista também foi fundada em Varanasi, aberta a todos - monjes e leigos, meninos e meninas -, onde são ensinadas as diferentes matérias do budismo assim como o Sânscrito e o Inglês. Mas poucos jovens tibetanos manifestam interesse profundo pelo darma.

Pergunta: No ocidente, existem mais mulheres que homens que se interessam pelo darma. O Senhor vê uma razão particular para isso?

Resposta: A razão reside, sem dúvida, no que acabamos de mencionar. As mulheres são mais facilmente e mais espontaneamente inclinadas à fé. Suas mentes são mais abertas para a vida espiritual que a dos homens.

6 - ICONOGRAFIA

Existem várias representações de Tara, as quais produziram abundante material iconográfico. No primeiro capítulo há representações de Tara Verde e Tara Branca. Apresentamos aqui duas séries iconográficas, uma série de 21 Taras e uma série de Taras oferecendo proteção dos oito medos. Estas duas séries aparecem com muitas variantes de modo que não devemos nos surpreender ao encontrá-las em outro lugar em formas substancialmente diferentes.

Para as 21 Taras, nós escolhemos a tradição chamada Suryagupta porque é a mais interessante do ponto de vista iconográfico. Cada forma da divindade é distinguida efetivamente pela cor, número de braços, faces, posturas e objetos que seguram nas mãos, enquanto outras tradições apresentam apenas variantes de cor e objetos simbólicos sob um lótus. Artistas que seguem a tradição Suryagupta muitas vezes retratam cada aspecto da divindade em uma tanka, enquanto em outras tradições, os vinte e um aspectos são geralmente reunidos na mesma pintura.

Quanto às Taras oferecendo proteção dos oito medos, podemos ver que elas estão todas pintadas na mesma postura realizando o que lhe é requerido, ou seja, o mudra da proteção com a mão direita, enquanto que aos pés de cada uma é mostrado o perigo do qual ela protege aqueles que rezam para ela.

AS VINTE E UMA TARAS



1 - Pravira Tara

རབ་ཏུ་དཔའ་བའི་སྒྲོལ་མ།

Rabtu PawaiDrolma

"Liberadora com Perfeita Coragem"

Vermelha. 8 braços; 2 mãos acima da cabeça no mudra da grande bem-aventurança, segurando um vajra e um sino. Em suas outras mãos direitas: uma flecha, uma roda do darma e uma espada. Em suas outras mãos esquerdas: segura um arco, uma concha, uma corda.



2 - Chandrakanti Tara

ཇམ་མདངས་གྱི་སྒྲོལ་མ།

Dadang Gyi Drolma

"Liberadora com uma Irradiação Lunar"
Branca. Três faces que simbolizam os Três Corpos: direita azul, central branca e esquerda dourada.

12 braços que simbolizam os 12 fatores interdependentes. Em suas mãos direitas: uma guirlanda, um vajra, uma joia, uma roda, um khatvanga. Em suas mãos esquerdas: um texto, um vaso dos tesouros, um sino, um lótus e uma jarra.



3 - Kanakavarna Tara

གསེར་མདོག་ཅན་གྱི་སྒྲོལ་མ།

Serdokchen, Gyi Drolma

"Libertadora Cor de Ouro"

Dourada. 10 braços que simbolizam as 10 paramitas. Em suas mãos direitas: segura um mala, um tridente, um vajra, uma flecha, uma espada. Em suas mãos esquerdas: segura uma echarpe de seda, um laço, um lótus, um sino e um arco.



4 - Ushnishavijaya Tara

གཙུག་ཏོར་རྣམ་པར་རྒྱལ་བའི་སྒྲོལ་མ།

Tsuktör Nampar Gyalwai Drolma

"Liberadora com Protuberância Craniana, Perfeitamente Vitoriosa"

Dourada. 4 braços. Mãos direitas: segura um mala e exhibe o mudra da generosidade. Mãos esquerdas: segura um bastão e uma jarra.



5 - Humsvara-Nadini Tara

ཨུམ་སྐྱོན་པའི་སྐྱོལ་མ།

Humdradropai Drolma

"Liberadora Produtora do Som HUNG"
Amarela. 2 braços. Mão direita no mudra da proteção. Mão esquerda no mudra das Três Joias e segura um lótus.



6 - Trailokya-Vijaya Tara

འཇིག་རྟེན་གསུམ་ལས་རྣམ་པར་རྒྱལ་བའི་སྐྱོལ་མ།

Jikten Sum Lai Nampargyalwai drolma

"Liberadora Vitoriosa sobre os Três Mundos"
Vermelha. 4 braços. Mãos direitas: segura uma espada e um vajra. Mãos esquerdas: segura uma corda e exhibe o mudra de ameaça.



7 - Vadi-Pramardaka Tara

ཚོལ་བ་འཇོམས་པའི་སྐྱོལ་མ།

Golwa Jompai Drolma

"Liberadora que Vence a Hostilidade"
Negra. Aspecto irado. 4 braços. Mãos direitas: segura uma espada e uma roda. Mãos esquerdas: exhibe o mudra da ameaça e segura uma corda.



8 - Vashitottamada Tara

དབང་མཚོག་སྟེར་བའི་སྟོལ་མ།

Wangchok Terwai Drolma

"Liberadora que dá a Iniciação Sublime"
Dourada. Está sentada sobre um makara (monstro marinho). 4 braços. Mãos direitas: segura um galho da árvore ashoka e uma joia. Mãos esquerdas: um vaso e um lótus.



9 - Varada Tara

མཚོག་སྟོལ་བའི་སྟོལ་མ།

Chok Tsolwai Drolma

"Liberadora que Concede o Sublime"
Vermelha. 4 braços. Duas mãos acima da cabeça no mudra da alegria, seguram um vajra e um sino. A outra mão direita fazendo um mudra (?). A outra mão esquerda tem um galho de árvore ashoka.



10 - Shoka-Vinodana Tara

ལྷ་ངན་སེལ་བའི་སྟོལ་མ།

Nya-ngen Selwai Drolma

"Liberadora que Dissipa os Sofrimentos"
Vermelha. 4 braços. 2 mãos ao alto da cabeça fazendo o mudra da alegria (palmas juntas). A outra mão direita segura uma espada. A outra mão esquerda segura um galho de árvore ashoka.



11 - Jagadvashi Tara

འགྲོ་བ་འགྲུགས་པའི་སྣོལ་མ།

Drowa Gukpai Drolma

"Liberadora que Reúne os Seres"
 Negra. 2 braços. Tem um ganchoem cada
 mão(para juntar os seres).



12 - Mangalaloka Tara

བཀྲ་ཤིས་སྣང་བའི་སྣོལ་མ།

Trashi Nangwai Drolma

"A Liberadora com Luz de Bom Augúrio"
 Dourada. 8 braços. Em suas mãos direitas: um
 vajra, tridente, gancho, e espada. Em suas
 mãos esquerdas: uma joia, gancho, bastão e
 vaso.



13 - Paripachaka Tara

ཡོངས་སུ་སློན་པར་མཛད་པའི་སྣོལ་མ།

Yongsu Minparzepai Drolma

"Liberadora que Conduz à Completa
 Maturidade"
 Vermelha. 4 braços. Em suas mãos direitas:
 uma espada e uma flecha. Em suas mãos
 esquerdas: uma roda e um arco.



14 - Bhirikuti Tara

ཁྲོ་གཉེར་གཡོ་བའི་སྒྲོལ་མ།

Thronyer Yowai Drolma

"Liberadora que Franze as Sobrancelhas"
 Negra. 3 faces: direita branca, central negra e esquerda vermelha. 6 braços. Nas mãos direitas: uma espada, um gancho, um bastão. Nas mãos esquerdas: uma calota craniana, uma roda, e uma corda.



15 - Mahashati Tara

ཞི་བ་ཆེན་མའི་སྒྲོལ་མ།

Shiva Chenmoi Drolma

"Liberadora de Grande Paz"
 Branca. 6 braços. Mãos direitas: um mala, mudra da generosidade, e um bastão. Nas mãos esquerdas: um lótus, uma jarra, uma taça cheia de frutas.



16 - Raga-Nisudana Tara

རྐ་གས་པ་འཇོམས་པའི་སྒྲོལ་མ།

Chakpa Jompai Drolma

"Liberadora que Vence o Apego"
 Vermelha-alaranjada. 2 braços. Um tridente na mão direita. Um galho de árvore na mão esquerda.



17 - Sukha-sadhana Tara

ལྷོ་མ་བདེ་སྐབ་མ།

Drolma Dedrupma

"Liberadora que Realiza a Felicidade"
Laranja. Dois braços. Tem em suas mãos um disco de lua.



18 - Vijaya Tara

ལྷོ་མ་རྣམ་རྒྱལ་མ།

Drolma Namgyalma

"Libertadora Vitoriosa"
Branca. Sentada sobre uma gansa. 4 braços. 2 mãos no alto da cabeça no mudra da alegria e segura ganchos. Outra mão direita no mudra da generosidade. A outra mão esquerda segura um lótus sobre o qual repousa um texto.



19 - Duhkha-Dahana Tara

ལྷོ་མ་སྤྱལ་བསྐྱལ་བསྐྱལ་མ།

Drolma Dugngal Sekma

"Liberadora que Queima o Sofrimento"
Branca. 2 braços. Tem em suas mãos um triângulo, símbolo do fogo.



20 - Siddhi-Sambhava Tara

སྒོལ་མདའེས་གྲུབ་འབྱུང་མ།

Drolma Ngodrup Jungma

"Liberadora Fonte de Realizações"

Laranja. 2 braços. Tem nas mãos um vaso contendo as realizações (os poderes supranormais e a realização da natureza da mente).



21 - Paripurana Tara

སྒོལ་མཡེངས་རྫོགས་བྱེད་མ།

Drolma Yongzok Jema

"Liberadora que Realizou a Perfeição"

Branca. Sentada sobre um touro. 2 braços. Mão direita no mudra da proteção. Mão esquerda portando um tridente.

Taras que Protegem dos Oito Medos

As Taras que protegem dois oito medos, tem todas a mesma postura, fazendo o mudra da proteção com a mão direita, mas aos pés de cada uma há o perigo do qual ela protege aos que a ela oram.



Mana simha bhaya trana

ར་རྒྱལ་སིང་གའི་འཇིགས་སྐྱོབ་རྗེ་བཙུན་མ།

Ngagyal Senge - Jikkyob Jetsunma
Rainha que protege do perigo
do orgulho e dos leões



Moha-hasti- bhayatarini-devi

གའི་ལུག་གླང་པོའི་འཇིགས་སྐྱོབ་ལྷ་མོ།

Timuk Langpoi - Jikdrol Lahmo
Deusa que protege do perigo
do torpor e dos elefantes



Dves- agni- prashamani

ཞེ་སྤང་མེ་དཔུང་ཚོགས་རྣམས་རབ་ཞི་མ།

Shetang Mepung - Toknam Rab Shima
Aquela que pacifica perfeitamente
a raiva e o fogo ardente



Irsya- sapa- visapahani

ཕྱག་དོག་སྐྱལ་གྱི་དུག་རྣམས་ཡོངས་སེལ་མ།

Tradok Drul Gyi - Duknam Yong Selma
Aquela que remove completamente
a inveja e o veneno das cobras



Kudristi-cora- upadravaria- nirvarani

རྩ་ངན་རྒྱུན་པོའི་ཉེར་འཛེལ་ས་བཟླག་མ།

Ta-ngen Kunpoi - Nyertse Le Dokma
 Aquela que afasta a violência
 das visões falsas e dos ladrões



G h o r a - matsarya- shrinkhala- mocani

མི་བཟད་སེར་སྤུའི་ལྷགས་སྒྲོག་འགོལ་མཛད་མ།

Mize Sernai - Chakdrok Drolzema
 Aquela que libera da ganância insaciável
 e da prisão



Rag-augha-vega- varta-shosani

འདོད་ཆགས་རྒྱུ་པོའི་རྩ་གྲོང་སླེམས་མཛད་མ།

Dochak Chu-oi Balong Kem Zema
 Aquela que seca o desejo e as águas



Samshaya-pishaca- bhaya-trana-tara

ཐིམ་མེད་འགྲུའི་འཇིགས་སྒྲོབ་སྒྲོལ་མ།

Thetsom Shazai Jik Kyob Drolma
 Aquela que protege e libera
 das dúvidas e dos ogros

Notas de Fim

¹ A natureza da mente designa a mente como ela é, verdadeira além dos véus impostos pelo que à qual o indivíduo se identifica. Realizar a natureza da mente significa descobri-la através da experiência direta e habitar em sua natureza de uma forma estável.

² Sambhogakaya é um modo puro de manifestação do budismo, no nível da claridade, e não no nível da matéria. Para os outros Corpos do Despertar ver nota 11.

³ Sobre Taranatha, consulte a página 60. Um grande estudioso realizado.

⁴ Em tibetano, གཡུ་ལོ་བཞོན།

⁵ Kalu Rinpoche (1905-1989) foi o principal professor de Bokar Rinpoche. Ele viveu a primeira parte de sua vida no Tibete e a última parte na Índia, tendo estabelecido seu monastério em Sonada, perto de Darjeeling. Ele faleceu lá, aos 85 anos, em 1989.

⁶ Khenpo Donyo é um grande erudito e lama que viveu próximo ao Bokar Rinpoche desde sua infância.

⁷ O Karmapa é o chefe da linhagem Kagyupa à qual Bokar Rinpoche é vinculado. Tsurphu, próximo a Lhassa, é o monastério do Karmapa no Tibete.

⁸ Dois lamas que atualmente residem no monastério do Bokar Rinpoche em Mirik estavam presentes neste ensinamento. Foram eles que relataram as palavras do Kunu Lama ao Bokar Rinpoche.

⁹ Chogyur Lingpa (1829-1879), bem como Jamyang Khyentse Wangpo (1820-1892) e Jamgon Lodro Taye (1813-1899), mencionados mais adiante, foram três grandes mestres do renascimento do budismo tibetano no século XIX. Eles foram os principais arquitetos da escola não sectarista (em tibetano, *rime*).

¹⁰ Os tibetanos distinguem entre dois tipos de cristal. Existe o cristal d'água, que passa a sensação de frescor quando tocado pelos raios do sol, e existe o cristal de fogo, que passa a sensação de calor.

¹¹ A ideia dos Corpos de Buda busca expressar diversas modalidades do ser desperto. Três classificações são propostas, com os Dois Corpos, os Três Corpos ou os Quatro Corpos.

A CLASSIFICAÇÃO DOS DOIS CORPOS

- O Corpo Absoluto (Darmakaya): aspecto não manifestado, consciência pura do despertar;
- O Corpo Formal (Rupakaya), aspecto manifestado do despertar.

A CLASSIFICAÇÃO DOS TRÊS CORPOS

Nesta classificação, há o Corpo Absoluto acrescido de uma divisão do Corpo Formal em dois corpos. Temos, assim:

- O Corpo Absoluto;
- O Corpo da Satisfação (Sambhogakaya, na tradução ao inglês, 'Body of Enjoyment'), a manifestação do despertar em níveis muito sutis que podem ser chamados de luminosos;
- O Corpo da Manifestação (Nirmanakaya), a manifestação do despertar no nível da realidade material comum, por exemplo, em uma forma humana.

A CLASSIFICAÇÃO DOS QUATRO CORPOS

- O Corpo Absoluto;
- O Corpo da Satisfação;
- O Corpo da Manifestação;
- O Corpo da Própria Essência (na tradução ao inglês, 'Body of Essence Itself'). Em sentido estrito, não se trata de um quarto Corpo, e sim de uma maneira de enfatizar que os três corpos anteriores não estão separados e são, em essência, um só.

¹² Em tibetano, སྐྱེལ་མའི་རྒྱུད་ཀྱི་རྒྱལ་པོ་རྟོག་པ་བདུན་བརྒྱུ་པ།

¹³ A protuberância da coroa (em sânscrito, ushnisha) dos Budas permite que eles expressem tantras, assim como eles o fariam com os meios comuns de expressão. Outros tantras, tais como

os das divindades Ushnishavijaya (Namgyalma) ou Sittatapatra (Dukkar) também foram expressos por meio da protuberância da coroa.

¹⁴ No texto da Louvação usado por Taranatha, a palavra འཁོར་ལོ། (roda, círculo) na terceira

linha da estrofe 9, em Tibetano, não indica o agente final ས།; isso possibilita sua interpretação. Em

outros textos, a presença do agente final ས། (འཁོར་ལོས།) proporciona um significado completamente

diferente. No caso aqui, veja a tradução de Rosa-Maria Mengual, fundamentada em outro comentário, "Ela, cujos raios de sua própria luz (irradiando) de (suas mãos) adornadas por uma roda, luta em todas as direções".

¹⁵ A terceira linha da estrofe 13 em Tibetano termina com དགའ།. Em outras versões, a

mesma palavra é escrita དགའི།. Isso leva, mais uma vez a diferentes interpretações. Segundo Rosa-

Maria Mengual, "Ela, cuja perna direita estendida e a esquerda dobrada, destrói completamente as armas dos inimigos daqueles que se regozijam com o giro da Roda do Darma".

¹⁶ A última palavra da primeira linha da estrofe 16 em Tibetano termina com um genitivo que pede um complemento não expresso. No seu comentário, Taranatha atribui esse complemento a ཐུགས། (mente da compaixão), o que justifica sua interpretação.

¹⁷ *Arhathood*, o estado de Ahat, designa a liberação no contexto da tradição antiga do budismo.

¹⁸ O *Vinaya*, coleção das palavras do Buda sobre a ética.



kinnara

Glossário

AÇÃO NEGATIVA: Todas as ações negativas que de forma deliberada causam o sofrimento dos outros e deixam em nossa mente um registro de mais sofrimento que irá condicionar nossas experiências e visão de mundo.

AÇÃO POSITIVA: é a que provém da ausência de desejo, raiva ou ignorância conduzindo-nos a felicidade em todas as vidas. (da "Guirlanda de Joias").

AÇÃO: Ação física (com o corpo), palavras (com a fala) ou pensamentos (com a mente).

ACUMULAÇÃO DE MÉRITO: Prática de atividade positiva que nos permite armazenar energia para progredir no caminho espiritual. Esta acumulação de mérito pode ser alcançada por meio da prática da generosidade, de fazer oferendas, recitar mantras, visualizar deidades, e assim por diante.

ACUMULAÇÃO DE SABEDORIA: Prática do entendimento da natureza vazia de todos os fenômenos.

AMOGHASIDDHI: Buda da Família da Atividade; manifestação da sabedoria da realização que purifica o ciúme; Norte; de cor verde.

AMOR: Aspiração de que todos os seres sejam felizes.

BODICHITA: Aspiração de obter o Despertar para ajudar a todos os seres.

BODISATVA: Um ser que segue o caminho da bodichita e busca obter o Despertar não só para seu próprio bem, mas para o bem de todos os seres. Um ser comum que se compromete a praticar bodichita. Aquele que alcançou o Despertar e habita em um dos dez níveis dos bodisatvas. Um bodisatva pode estar fisicamente presente em nosso mundo ou permanecer em áreas de manifestação mais sutis.

BUDA: Aquele que despertou. Uma pessoa, tal como o Buda histórico Shakyamuni. Em tibetano, *Sangye*. *Sang* significa "purificou as emoções perturbadoras, a dualidade e a ignorância"; *Gye* significa "despertou o potencial infinito de qualidades do ser".

BUDEIDADE: Estado desperto caracterizado pela sabedoria (como o conhecimento da verdadeira natureza dos fenômenos e sua manifestação nos três tempos), compaixão por todos os seres, e poder para ajudar a todos os seres.

CARMA: A lei do carma descreve o processo de causa e efeito. É um processo em três fases:

- um ato deixa uma marca na mente daquele que agiu (causa).
- este ato é armazenado no potencial da consciência e lentamente amadurece.
- este processo se converte em uma forma particular de sofrimento ou alegria (resultado).

CLARA LUZ: Natureza da mente.

CLARIDADE: Com o vazio, um dos aspectos da natureza da mente. Clareza designa o aspecto dinâmico que inclui a faculdade de conhecer e criar toda a manifestação.

COMPAIXÃO: Aspiração de libertar todos os seres do sofrimento e das causas do sofrimento.

CONSCIÊNCIA: Do ponto de vista dualista, cada objeto dos sentidos corresponde a uma consciência. Existem seis ou oito consciências, dependendo da classificação. Primeiro vamos considerar seis consciências:

- consciência visual (formas)
- consciência auditiva (sons)
- consciência olfativa (cheiros)
- consciência do paladar (sabores)
- consciência tátil (objetos tangíveis)
- consciência mental (objetos da imaginação)

É possível acrescentar duas outras consciências:

- consciência perturbada ou consciência do ego, que corresponde à influência das emoções perturbadoras em nossos relacionamentos com os fenômenos.
- consciência potencial ou "consciência fundamental" (em sânscrito, *alayavijnana*) que contém todos os condicionamentos latentes de carma.

CORPO: Corpo físico comum. Estado de possuir inúmeras qualidades, em sânscrito, *kaya*.

DAKINI: Ser celestial feminino. As dakinis, em sua maioria, estão livres do samsara.

DARMA: Ensinaamentos do Buda no caminho espiritual.

DARMAKAYA: Corpo Absoluto, que designa um estado além de qualquer determinação espacial ou temporal. Corresponde a vacuidade.

DEDICATÓRIA: Aspiração para que todo o mérito acumulado por meio de nossas ações positivas sirva para que todos os seres alcancem o Despertar.

DESPERTAR: Estado de Buda.

DORJE SEMPA (Tibetano): Vajrasattva (Sânscrito), deidade do Vajrayana que é a fonte de práticas de purificação. A prática de Dorje Sempa inclui a visualização assim como a recitação do mantra de 100 sílabas.

DUAS FASES: os dois aspectos da meditação da divindade. A fase de criação inclui a visualização, a recitação dos mantras, louvações e oferendas. A fase de conclusão é a absorção da visualização na vacuidade.

DUAS VERDADES: A verdade relativa ou pedagógica é a forma como os fenômenos se manifestam e a interdependência de suas evoluções. A verdade absoluta ou verdade real refere-se à natureza vazia desta manifestação. As duas verdades não se contradizem; elas são simultâneas.

EMOÇÕES PERTURBADORAS: Desejo-apego, ódio-aversão, ignorância ou embotamento mental, inveja, orgulho, e assim por diante.

INICIAÇÃO: Um ritual Vajrayana de transmissão de bênçãos de uma deidade e autorização de sua prática. Existem muitas iniciações. Em geral, as iniciações são seguidas do compromisso dos discípulos com a prática, mas algumas vezes a iniciação pode também ser recebida como uma simples bênção.

KADAMPA: Linhagem originada com os ensinamentos do grande mestre indiano Atisha, no século XI.

KAGYUPA: Uma das quatro grandes escolas do budismo tibetano. As outras escolas são Gelugpa, Nyingma, Sakya. A linhagem Kagyu originou com Marpa, o Tradutor, no século XI.

KALPA: Era Cósmica de duração extremamente longa.

LAMA (Tibetano): Guru (Sânscrito). Um mestre espiritual.

MANDALA: Literalmente "centro e arredores" O mundo visto como um universo organizado. Designa uma deidade com o mundo que a circunda. Pode ser representada em uma tanka que é então usada como um suporte para as visualizações.

MANJUSHRI: (Tibetano, *Jampal Yang*). Bodisatva da sabedoria.

MANTRA: Sons sagrados, cuja repetição ajuda a mente a se purificar e desenvolver seu potencial para o Despertar. Por exemplo, o mantra de Tara é OM TARE TUTARE TURE SOHA.

MEIOS HÁBEIS: Toda atividade que permite o crescimento espiritual, tais como rituais sagrados, recitação de mantras, visualizações, prosternações, circumbulações, oferendas, generosidade, paciência, e assim por diante. Ao agregar sabedoria, os meios hábeis formam um caminho espiritual completo.

MENTE: Este termo pode se referir tanto ao funcionamento comum da mente, chamado "psique", como a essência absoluta, não dual, pura da mente, muito além das flutuações que podem afetar a mente comum.

MUDRA: Gestos com as mãos realizados durante os rituais.

NATUREZA DE BUDA: Potencial do Despertar inerente em todos os seres.

NIRMANAKAYA: Corpo de Emanação; aparece na forma humana ou em outra, para guiar os seres comuns.

OFERENDA DE MANDALA: Prática durante a qual nós imaginamos que oferecemos a mandala do universo ao Buda, Darma e à Sangha.

POSTURA DE BODISATVA: Sentado com as pernas cruzadas, calcanhar esquerdo contra o perônio, pé e perna direita dobrados de forma plana à frente.

POSTURA VAJRA: É também chamada de "postura do diamante." Sentado com as pernas cruzadas, em primeiro lugar, o pé esquerdo sobre a coxa direita, em seguida, o pé direito sobre a coxa esquerda.

PRAJNAPARAMITA: A sexta perfeição (paramita), da sabedoria. O conhecimento direto do absoluto. Deidade feminina.

PRECE DE SETE RAMOS: Prece tradicional que pode ser escrita de diferentes maneiras, mas sempre com os seguintes sete pontos:

1. Homenagem
2. Oferenda
3. Arrependimento das faltas cometidas
4. Regozijo pelo mérito acumulado
5. Solicitação aos Budas para que ensinem
6. Solicitação aos Budas para que permaneçam neste mundo
7. Dedicatória

PROTETORES: Deidades que, tendo alcançado a liberação, são capazes de remover os obstáculos e criar as condições favoráveis para a prática do darma.

PURIFICAÇÃO: Todo ato negativo realizado nesta vida e em vidas passadas deixam marcas em nosso potencial de consciência. Estas marcas vão amadurecer,

PURIFICAÇÃO: Todos os atos negativos realizados nesta vida e em vidas passadas deixaram marcas em nosso potencial de consciência. Estas marcas vão amadurecer, gerando sofrimento e obstáculos à nossa prática espiritual. A purificação irá neutralizar essas marcas, a fim de evitar ou reduzir os seus efeitos. Um professor qualificado pode designar a prática específica a ser feita para a purificação.

REALIZAÇÕES: (Sânscrito, *siddhi*). As realizações ordinárias correspondem à obtenção de alguns poderes, tais como a clarividência, andar no espaço, e assim por diante. As realizações sublimes correspondem à realização da natureza da mente.

SAMBHOGAKAYA: Corpo da Experiência Perfeita, aparece para guiar os seres nas Terras Puras.

SAMSARA: Ciclo de existência condicionada, em que cada ser nasce e morre. É caracterizada por sofrimento, ignorância, impermanência, e ilusão.

SANGHA: Comunidade de praticantes budistas. Distingue-se a sangha ordinária da Nobre Sangha que é composta por aqueles que alcançaram os níveis de Bodisatva.

SERES: Há seis classes de seres: deuses, semideuses, seres humanos, animais, espíritos famintos e seres do inferno.

SHAKYAMUNI: Literalmente, "homem sábio dos Sakya", nome do Buda histórico, que viveu no século VI AC.

SOFRIMENTO DO REINO HUMANO: nascimento, envelhecimento, doença, morte, tristeza, pesar, desespero, obter aquilo do que não gostamos, perder aquilo do que gostamos, não conseguir o que desejamos, e assim por diante.

SOFRIMENTO: Geralmente, ele é analisado em três níveis:

- Sofrimento do sofrimento: a dor física e mental experimentada por todos os seres.
- Sofrimento da mudança: a experiência de sofrer quando a felicidade termina.
- Sofrimento da existência condicionada: é o sofrimento pelo qual o ser passa devido à natureza ilusória de samsara. Ele só termina quando se atinge o Despertar.

SUPORTE: Qualquer objeto de concentração, material ou mental, usado por um praticante em uma meditação.

SUPPORTES PUROS: Eles são usados na meditação, na forma de imagens, que representam o corpo do Buda; textos, que expressam a fala do Buda; ou estupas que simbolizam a mente do Buda.

SUTRA (Sânscrito): Texto dos ensinamentos esotéricos do Buda.

TANTRA: Texto dos ensinamentos esotéricos do Buda que está relacionado a uma deidade. Existem quatro classificações dos tantras, relacionadas aos tipos de observância exterior, iniciações, métodos de meditação, e os níveis específicos: Kriya Tantra, Charya Tantra, Yoga Tantra, e Anuttarayoga Tantra. As quatro classificações são divididas em tantras pai, tantras mãe, e tantras não duais.

TCHENREZIG (tibetano): Avalokiteshvara (Sânscrito). Buda da Compaixão. Deidade tibetana mais popular, seu mantra é OM MA NI PE ME HUNG. Veja "Tchenrezig, Senhor do Amor" (Editora ClearPoint).

TERMA: Texto ou objeto escondido na maioria das vezes por Padmasambhava (mestre indiano tântrico que introduziu o budismo no Tibete no século VIII), a fim de ser descoberto quando fosse necessário.

TERRA PURA: Domínio da manifestação da mente de um Buda. Existem muitas Terras Puras que se pode acessar dependendo da aspiração e realização. Elas não são parte do samsara, nem são afetadas pelo sofrimento. Nascer lá não significa que se alcançou a completa Iluminação, mas que se terá os meios para progredir no caminho espiritual. Por exemplo, Dewachen é a Terra Pura de Amitabha.

TANKA (Tibetano): Pintura tradicional em pano representando deidades, mandalas, ou mestres da linhagem.

TOMAR REFÚGIO: Colocar-se sob a proteção do Buda, Darma, e Sangha (as Três Joias). No Vajrayana, também se toma refúgio nas Três Raízes, Lamas (raiz da graça), Yidams (raiz da realização) e Protetores do Darma (raiz da atividade).

TORMA: Um objeto ritual feito de farinha e manteiga utilizado para representar uma divindade (*tentor*) ou usado como oferenda (*bultor*).

TRÊS MUNDOS: Os reinos ou esferas do samsara - do Desejo, da Forma e Sem Forma.

TRÊS PORTAS DA LIBERAÇÃO: O corpo, a fala e a mente.

TRÊS TEMPOS: O passado, o presente e o futuro.

VAJRAYANA: Caminho do budismo também chamado de "veículo do diamante" referindo-se a parte dos ensinamentos do Buda escritos em textos, de cunho esotérico, chamados tantras. Ele usa a recitação de mantras, visualizações de deidades e trabalha com os ventos sutis ou energias.

VÉUS: aquilo que obscurece a nossa natureza de Buda, tais como a ignorância, o condicionamento latente, a percepção dualista, as emoções perturbadoras, os véus cármicos, e assim por diante. DOIS VÉUS: o véu das emoções perturbadoras e o da percepção dualista, que encobrem nossa natureza de Buda.

VISUALIZAÇÃO: Criação de uma imagem mental utilizada como suporte em uma meditação ou ritual. Estas imagens podem ser formas geométricas ou deidades em movimento ou estáticas. Este exercício não depende de percepção visual, mas da faculdade interior de imaginação.

YIDAM: Uma deidade pessoal, como expressão da natureza pura da mente. Uma deidade sobre a qual se medita, depois de ter recebido uma iniciação.

Bibliografia

Beyer, Stephan

The Cult of Tara. Magic and Ritual in Tibet.

Berkeley: *University of California Press*, 1973

Willson, Martin

In Praise of Tara. Songs of the Saviouress

Londres: *Wisdom Publications*, 1996

Lama Zopa Rinpoche

Tara the Liberator

Boston: *Wisdom Publications*, 1993

Taranatha, Jo Nang

The Origin of Tara Tantra

Dharamsala: *Biblioteca de Obras e Arquivos Tibetanos*, 1995

Dalai Lama, the First

Six Texts Related to the Tara Tantra

Dharamsala: *Biblioteca de Obras e Arquivos Tibetanos*, 1995

Tenga Rinpoche

Tara, commentaire de la pratique de la grande liberatrice

Saint Leon sur Vezere: *Editions Dzambala*, 1994

Rite d'offrande a la liberatrice (tradução de Rose-Marie Mengual)

Toulon sur Arroux, 1978



ÍNDICE

Atisha	7, 37, 38, 39, 109
Avalokiteshvara	15, 17, 28, 35, 36, 51, 52, 61, 88, 111
bodisatva	16, 67, 79, 107
Bodisatva	32, 38, 77, 79, 80, 109, 110, 116
bodisatvas.....	17, 31, 32, 36, 43, 49, 62, 63, 72, 107
Bodisatvas	18, 36, 44, 55, 59, 63
carma	39, 50, 76, 107, 108
Chandragarbha.....	38
Chod	85
Chogyur Lingpa	43, 104
dakini	80
Dakini.....	86
dakinis.....	37, 108
Hayapala	7, 37
iogue.....	81, 82
iogues.....	39, 64
Jonang	59
Kagyü	42, 85, 86, 109
kalpa.....	17, 35, 69
Kalu Rinpoche	20, 21, 22, 47, 104
Kangyur	59
Karmapa	23, 24, 35, 86, 104
Kebcha	87
Kham	9, 20, 22, 23, 26, 43, 83, 87
Khyungpo Naljor	80, 81
Milarepa.....	85
Naropa	34, 76, 80, 87
Padmasambhava	21, 43, 80, 83, 84, 88, 111
paramita	62, 63, 109
paramitas.....	62, 63, 92
prajnaparamita	16, 62, 85
Shakyamuni.....	7, 35, 36, 41, 107
Shantideva.....	77
Taranatha	37, 53, 59, 61, 63, 66, 67, 70, 74, 75, 104, 105, 113
Tchenrezig	10, 15, 17, 51, 61, 79, 111, 116
terma.....	43, 84
termas	42, 43
Torma	21
tormas	21, 47
tumo	87, 88
Vajradhara.....	82
Vinaya	87, 105
Virupa	82
Yanglesho.....	27
<i>yidam</i>	14, 15
Yidam	14
<i>yidams</i>	14, 15
yogini	38, 39
Yogini.....	27, 38

Outras obras do Bokar Rinpoche

Tchenrezig Lord of Love

Meditation Advice to Beginners

Death and the Art of Dying in Tibetan Buddhism

Opening the Door to Certainty

Taking the Bodisatva Vow

The Day of a Buddhist Practitioner

Com o Khenpo Donyo

Profound Wisdom of the Heart Sutra